NA 3.ª PÁGINA: «DEZ ANOS DE TENSÃO ENTRE A RÚSSIA E A CHINA»

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO — DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 18 DE MARÇO DE 1969 — N.º 16 610 — ANO 48.º — UM ESCUDO

luz verde nos caminhos da FORTUNA

1 X 2

TOTOBOLA

Coexistência

— apelo dos países do Pacto de Varsóvia

BUDAPESTE, 18 — (F. P.) — A reunião dos dirigentes supremos do Pacto de Varsóvia terminou com um golpe de teatro: sete meses depois da intervenção na Checoslováquia, duas semanas depois da pequena crise de Berlim, a União Soviética e os seus aliados, sugerem aos ocidentais que se faça «tábua rasa» dos conflitos e que, em suma, se dissolva a N. A. T. O. em troca do desmantelamento da aliança militar dos países socialistas da Europa Oriental.

Nos textos oficiais publicados no final da reunião, não se faz uma referência concreta a tal proposta, mas o apelo lançado pelas sete potências do Pacto de Varsóvia para a reunião de uma conferência pan-europeia com a finalidade de «pôr termo às divisões em blocos militares» é considerado suficientemente explícito pelos observadores.

O texto oficial do apelo é também significativo porque o seu «leitmotiv» se resume a três palavras: Europa, desanuviamento, coexistência.

A Alemanha figura no centro do problema. As sete potências pedem-lhe que reconheça de uma vez para sempre que está dividida em duas, que as fronteiras actuais das duas alemanhas são permanentes e que, insistem, Berlim-Oeste, por causa do seu estatuto especial, não faz parte da R. F. A. Finalmente, exigem que a Alemanha Ocidental renuncie para sempre a possuir armas nucleares, «seja sob que forma for».

Esta mensagem tão clara que os pontos foram postos nos «ii» com tanta firmeza, parece ser dirigida em primeiro lugar ao presidente Nixon, meses antes da reunião que lhe permitirá conversar com Brejnev e Kossiguine.

O LANÇAMENTO DA «APOLO-10» VERIFICAR-SE-Á EM 18 DE MAIO

CAPE KENNEDY (Florida), 18 — (F. P.) — A N. A. S. A. anunciou ontem que se não surgirem, entretanto, quaisquer dificuldades, o lançamento da «Apolo-10» verificar-se-á em 18 de Maio.

Esse dia é o segundo de um período de sete dias favoráveis à próxima missão espacial «Apolo» a qual prevê a aproximação de «um módulo lunar» até 15 quilómetros da Lua.

A data agora marcada permitirá igualmente à tripulação da «Apolo-10» fotografar dois dos cinco locais de descida na Lua previstos para a «Apolo-11». Uma dessas áreas situa-se no Mar da Tranquilidade e a outra na Baía Central.

POSSÍVEL RELAÇÃO ENTRE OS ASSASSÍNIOS DE LUTHER KING E JOHN KENNEDY

WASHINGTON, 18 — (R.) — Uma nova comissão de investigação particular afirma ter descoberto uma possível relação entre os assassínios do chefe do movimento dos direitos civis, dr. Martin Luther King, e do presidente John Kennedy.

A comissão anunciou ontem que estava a investigar a fotografia do indivíduo suspeito encontrado no local do assassínio de John Kennedy.

A fotografia, segundo declarou um informador, tinha n o t á v e l semelhança com o esboço do presumível assassino de King, feita por um artista da Polícia mexicana com base nas informações dadas pelo F. B. I.

Bernard Fensterwald, organizador da comissão e ex-advogado da subcomissão anti-«trust» do senador Estes Kefauver, declarou: «A comissão nota certos factores comuns que sugerem uma relação entre o crime de Dallas e o de Memphis».

O F. B. I. afirma que o caso do assassínio do dr. King continua «aberto» para novas investigações mas não há provas de conspiração.

MAIS UM AVIÃO DESVIADO PARA CUBA

ATLANTA (Geórgia), 18 — (F. P.) — A Administração Federal da Aviação anuncia que foi desviado, ontem à noite, para Cuba outro avião, um «DC-9» da Delta Airlines, que ia de Dallas (Texas) para Charleston (Carolina do Sul) com 60 passageiros e quatro tripulantes.

O aparelho, que foi desviado quando voava sobre Atlanta, pousou em Havana à 1 e 29, T.M.G., de hoje. É o décimo terceiro avião norte-americano e vigésimo aparelho comercial desviado este ano para aquela ilha das Antilhas. Nas últimas 48 horas foram desviados três aviões, contando com o da Delta Airlines. Soube-se, entretanto, que o aparelho colombiano, desviado no sábado, foi autorizado a regressar com os seus passageiros a Barranquilla.

A PRINCESA PASSEOU POR ALFAMA

Elahe Azodi, a jovem iraniana eleita «Princesa Internacional dos Teen-Agers», começou a folhear Lisboa na página árabe: Alfama. Depois esteve no Casino Estoril, onde viu o primeiro «show» da sua vida. Contamos a história completa na PÁGINA CENTRAL.

A chegada a Norfolk, a cápsula da «Apolo 9» é retirada do porta-helicópteros «Guadalcanal», que a recolheu no Atlântico

CONSEQUÊNCIAS DO MAU TEMPO

Afundou-se no Douro um pequeno navio (o «Teófilo») que fazia carreiras para Setúbal

PORTO, 18 — Mantém-se a cheia do rio Douro nas ruas mais baixas da zona ribeirinha, mas as perspectivas são, agora, mais animadoras, seguindo-se o decréscimo da leitura das escalas hidrométricas, na Régua.

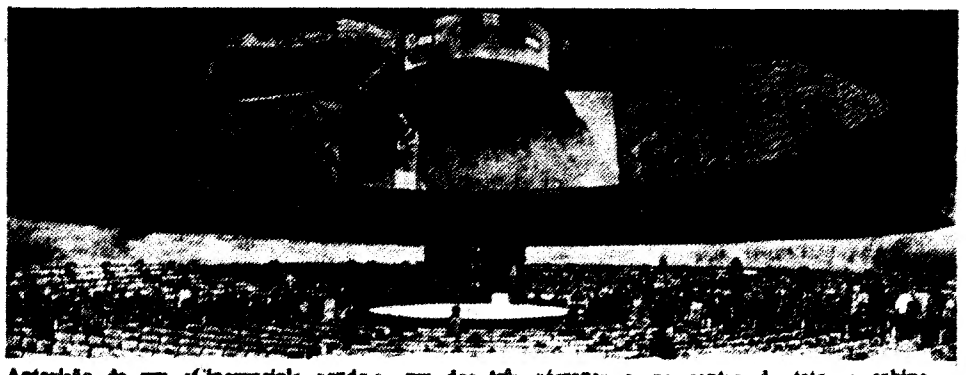
O mar continua a dar boa saída às águas — e isso é, também, um importante factor de melhoria.

(Continua na última página)

(LER MAIS NOTÍCIAS DE TEMPORAIS NA PÁGINA 11)

HOJE 28 PÁGINAS

VISADO PELA CENSURA



Antevisão de um «Cinespacial» vendo-se um dos três «écrans» e, no centro do teto, a cabine de projecção

LISBOA TERÁ EM BREVE UMA SALA DE CINEMA REVOLUCIONÁRIA-CINESPACIAL

Já ouviram falar no «Cinespacial»?

É uma nova concepção de sala de cinema, da autoria do arquitecto brasileiro Emílio Guedes Pinto, com patente de invenção registada mundialmente. O invento obteve a medalha de prata no Salão Internacional dos Inventores, em Bruxelas, estando a ser construída a primeira sala em Brasília e projectada outra para S. Paulo.

Lisboa — e esta é a notícia mais sensacional — irá ter, também, o seu «Cinespacial». A construção, segundo nos informam, deve começar em Outubro, devendo estar concluída dentro de ano e meio.

● Uma nova arquitectura

O «Cinespacial» não é, propriamente, um invento cinematográfico, como o «Cinemascope», a terceira dimensão ou o «Cineramа». A inovação refere-se, principalmente, á arquitectura da sala de exibição.

A sala é circular, com as poltronas distribuídas em três grandes grupos de iguais proporções, isto é, três platéias triangulares. O pavimento é plano, sem rampas nem degraus, o que torna a circulação do público mais fácil e a construção mais simples.

No «Cinespacial» a variação da distância entre a primeira e a última fila de poltronas é exactamente um terço do diâmetro da sala. Assim, o espectador tem sempre uma visão perfeita da imagem projectada, sem ângulos que provoquem a distorção da imagem.

● Três «écrans»

Falamos em três platéias triangulares. Em frente de cada platéia haverá um «écran» elevado. O espectador, instalado numa poltrona confortável, com a cabeça apoiada, vê apenas um deles, o que está em frente. Um anel de protecção, isto é, um tecto mais baixo, que circunda todo o perímetro da sala, evita a visão dos outros dois «écrans»

● Um projector e três imagens

Apesar de haver três «écrans», como dissemos, o «Cinespacial» possui apenas uma cabina de projecção, que é construída na parte central da sala, junto ao tecto e dentro do referido anel de protecção. Nessa cabina há um único aparelho de projecção e um só filme, com o qual se obtêm, porém, três imagens projectadas.

O dispositivo óptico que multiplica as imagens foi concebido pelas firmas Zeiss Ikon AG, da Alemanha Ocidental, do tipo Erneman IX.

Vários arquitectos se têm referido de forma elogiosa ao novo sistema, o qual elimina os inconvenientes das salas tradicionais e «humaniza o espectáculo».

Disposto em forma de circo, o «Cinespacial» representa o primeiro esforço para adaptar a arquitectura ao cinema e não o cinema á arquitectura tradicional das salas de espectáculo.

Oficial da Marinha Mercante condenado por injuriar uma praça da G. N. R.

Um oficial da Marinha Mercante respondeu em tribunal por duas acusações: injurias á G. N. R. e a uma praça da mesma corporação. Mas o tribunal só deu como provada a segunda, condenando o réu com pena suspensa.

O caso remonta ao passado dia 21 de Dezembro, pouco depois da meia-noite, quando o sr. António José Valente Rosinha, soldado da G. N. R., efectuou ao volante de um «jeep», na Avenida da India (junto á Praça Afonso de Albuquerque), certa manobra que pareceu perigosa ao dito oficial. Este, o sr. José Maria Santos Alves de Oliveira, de 31 anos, casado, natural de Vila Nova de Gaia, conduzindo na altura o seu automóvel, teria sido obrigado a fugir ao embate com uma guinada de consequências imprevisíveis.

O sr. Alves de Oliveira começou a buzinar como protesto. Segundo o processo, o acusado ter-se-ia dirigido depois ao soldado Rosinha dizendo que ele não «era competente para conduzir, pois só devia servir para lavar casernas». Ainda segundo a acusação, o tenente Frederico Guilherme Oliveira Mendes Abóbora, da G. N. R., abordou o automobilista no sentido de o identificar. Este, exaltado, teria proferido mais a seguinte frase ofensiva: «A G. N. R. é como as sogras, ninguém gosta delas»

Ouvidas as testemunhas e concluídos os debates, o tribunal — 4.º Juízo Correccional da Boa Hora, presidido pelo juiz dr. Angélico Sequeira de Carvalho — considerou que o sr. Alves de Oliveira não havia tido a intenção de injuriar a G. N. R., pois á pergunta do tenente Frederico Abóbora («não gosta da Guarda?») se havia limitado a responder que não, acrescentando apenas ser aquela corporação «como as sogras», afinal uma expressão sem matéria injuriosa, dada a maneira por que foi dita e as circunstancias em que foi dita.

O patrono do réu, dr. Guerra Madaleno, aludiu também ao exemplar comportamento do seu constituinte, pessoa considerada ordeira e respeitadora das autoridades, e que agiu em estado de grande agitação por se ter visto na iminência de sofrer um acidente de viação. Tudo ponderado, o tribunal atribuiu ao ofifial da Marinha Mercante a pena de 20 dias de prisão, substituída por multa a 20$00 por dia, e ainda o pagamento do mínimo de imposto de justiça e indemnização de 200$00 ao soldado Rosinha. A mesma pena ficou suspensa por dois anos.

Agrediu a mãe (que a ofendera)

No Tribunal Criminal da Boa Hora prestou contas á justiça a sr.ª Perpétua Clementina Silva de Oliveira, de 33 anos, solteira, de Lisboa, a qual, na manhã de 3 de Julho do ano passado, na sua residência, á Rua do Cruzeiro, em Alcantara, após acalorada discussão, agrediu com violência a mãe, sr.ª Maria da Luz de Almeida e Silva Oliveira, de 64 anos, viuva, vibrando-lhe bofetadas, unhadas e empurrões, e produzindo-lhe assim doença e impossibilidade para o trabalho durante oito dias. Provou-se que a sexagenária ofendera a filha, chamando-lhe «desordeira». Por outro lado, a ré mostrou o seu arrependimento. Tem três filhos a seu cargo. É pobre e vive do seu trabalho. Foi condenada em 15 meses de prisão correccional, 200$00 de imposto de justiça e indemnização de 1500$00 á ofendida. A pena ficou suspensa por dois anos.

Bateram-se com um sacho

No 3.º Juízo Criminal da Boa Hora, em audiência colectiva presidida pelo corregedor dr. Serafim das Neves, responderam Deolinda Paciência Bernardo, de 18 anos, solteira, de Lisboa, e Eduardo Clemente, de 60 anos, também solteiro, vendedor de jornais, natural de Miragaia, Porto, os quais, na tarde de 7 de Março do ano passado, junto da residência de ambos, ao Lumiar, se envolveram em desordem, tendo a jovem Deolinda, munida de um arranca-pregos, agredido o vendedor, a quem causou vários dias de impossibilidade para o trabalho. Por sua vez, o Eduardo Clemente feriu a Deolinda com um sacho, provocando-lhe doença por quarenta dias. No meio do conflito, a rapariga, exaltada, e sempre de posse do mesmo instrumento, agrediu a própria mãe, sr.ª Maria Fernanda Paciência Bernardo, de 50 anos, viuva, mulher a dias, o que determinou doença por dez dias.

Discutida a causa, foram os dois réus condenados: Deolinda Bernardo em 14 meses de prisão correccional, 2000$00 de imposto de justiça e 1500$00 de indemnização a sua mãe, ficando a pena suspensa por três anos; e Eduardo Clemente em 6 meses de prisão, 800$ de imposto de justiça e indemnização de 4500$00 á rapariga.

DE ONTEM PARA HOJE

A ÚLTIMA LIÇÃO DO PROF. ANDRÉ NAVARRO

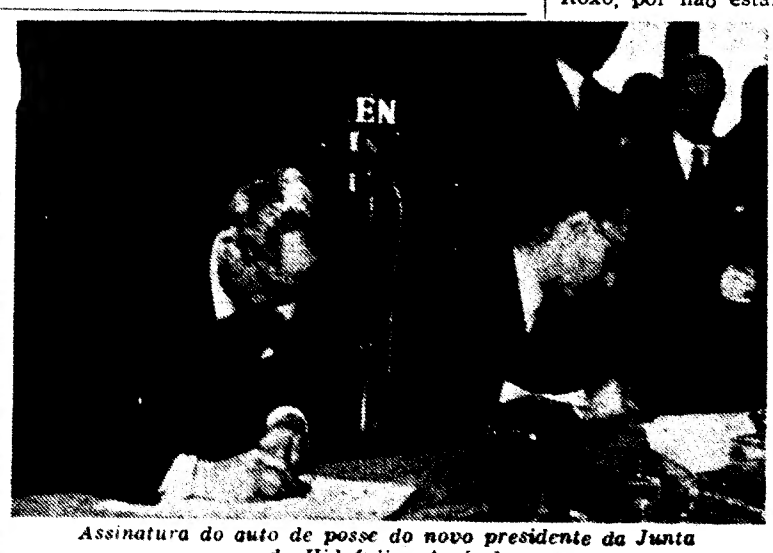
É pessoa marcante na sociedade portuguesa do nosso tempo o prof. André Navarro que ontem deu a sua ultima lição na escola superior de que foi estudante, assistente, catedrático e director. Dissemos pessoa marcante do nosso tempo e verdadeiramente representativa da mentalidade científica, sobre a qual depõe a sua obra, e também daquela firmeza de crenças que vem de pais a filhos e que se chama a personalidade. Nem é necessário invocar a competência, a dedicação sem limites ao magistério, aquela autoridade perante colegas e alunos, os sacrifícios sem conta, já que o professorado deve primar sobre tudo o mais; e, se formos para o cidadão, há que lembrar a necessidade da isenção, a tolerancia, a compreensão mutua, e a verticalidade de quem se queira um dia impor moralmente á sociedade. Os homens têm de se desenvolver com a mesma normalidade com que se desenvolvem as árvores. Evolução não significa corte cerce entre uma fase e a outra. Sabe-o o prof. André Navarro muito bem, ele que estudou «A Evolução do Gomo Floral da Ameixeira (Rainha Cláudia)». E os homens não devem ser diferentes das árvores. Deu ontem a sua ultima lição, no Instituto Superior de Agronomia este mestre que é do tempo de personalidades e autoridades como Mário de Azevedo Gomes, entre os que o precederam, e Henrique de Barros, entre os que se lhe seguiram imediatamente. E o acontecimento não podia passar despercebido, tanto mais que o prof. André Navarro se afasta antes de atingir o limite de idade nascido que foi em 1904, no Luso, de família liberal, contando-se entre os seus ascendentes o grande jornalista que foi Emídio Navarro. Seu pai, o eng.º Ernesto Julio Navarro, foi ministro da Republica e director-geral. André Navarro, entre outros cargos, foi subsecretário de Estado da Agricultura, em Governo da presidência do prof. dr. Oliveira Salazar, e ainda vereador da Camara Municipal de Lisboa, vogal da Comissão Central da União Nacional, presidente da Junta Central da Legião Portuguesa, deputado á Assembleia Nacional. Assim se compreende que o seu afastamento do ensino superior constitua, de facto, acontecimento de relevo na vida portuguesa.

A POSSE DO PRESIDENTE DA JUNTA DE HIDRÁULICA AGRÍCOLA

Em cerimónia muito concorrida, no Palácio de S. Bento, tomou posse do seu cargo o novo presidente da Junta de Hidráulica Agrícola, o eng.º agrónomo António Rosado Gusmão. Disse nela o secretário de Estado da Agricultura, eng.º Vitória Pires: «Apenas direi que se torna indispensável promover, com a possível brevidade, a integral exploração em regadio dos 37 055 hectares pertencentes ás dezasseis associações já constituídas, das quais fazem parte — sem contar com as obras do Cala e do Roxo, por não estar ainda completo o apuramento — 10 098 regantes, numeros que, em breve, serão acrescidos com os respeitantes ás obras do Mira. Sei que posso contar com a plena e valiosa colaboração de V. Ex.ª para levar a bom termo esta vastíssima obra, e, como contrapartida, quero oferecer-lhe confiança e apoio no desempenho das funções que vai exercer, ao mesmo tempo que formulo os mais sinceros votos pelas maiores felicidades».

PALÁCIO DE BELÉM

O Presidente da Republica recebeu os srs. eng.º Tito Lívio Feijó, deputado pelo círculo de Cabo Verde; general Mário Silva, comandante-geral da Guarda Fiscal; e dr. José Augusto Correia de Barros; e a direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, com o seu presidente, sr. capitão Silva Baptista.



Assinatura do auto de posse do novo presidente da Junta de Hidráulica Agrícola

NA ESTRADA DE LOULÉ

Três mortos e um ferido grave constituem o balanço de um acidente de viação ocorrido na Madrugada de ontem, na estrada de Loulé, no sítio denominado Penedo Gordo. Parece que terá sido excesso de velocidade a causa do acidente. Mortos ficaram por a viatura se ter esmagado contra um pontão, os srs. Vitalino Figueiredo Guerreiro, de 25 anos, Emídio Demétrio Martins Pereira, de 32, e Virgílio da Conceição Brito, de 34. Em estado muito grave ficou o sr. Manuel da Assunção Pereira, de 56 anos.

Experiências gráficas

Amanhã, ás 17 horas, na Galeria Quadrante, será inaugurada uma exposição de experiências gráficas de Ana Hatherly.

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

O CONFLITO SINO-SOVIÉTICO

Dez anos de tensão e de incidentes fronteiriços

As manifestações anti-soviéticas, subsequentes ao sangrento confronto verificado a 2 de Março na fronteira sino-soviética, recomeçaram em Pequim, na passada terça-feira. Tinham durado uma dezena de horas na segunda-feira, sem terem, aliás, a violência dos do começo de 1967, durante a Revolução Cultural. Terça-feira, imensos cortejos de operários, estudantes e soldados percorreram todo o nordeste da capital até às ruas e avenidas situadas entre a praça da Paz Celeste e a Embaixada da URSS. À frente desta, desfilam os manifestantes e entre as suas bandeiras surge uma novidade, um «slogan» que diz «Abaixo os novos czares!». O tema volta a ser retomado num editorial conjunto do «Quotidien du Peuple» e do «Journal de l'Armée». A China está pronta a repelir toda a invasão do tipo daquela que teve lugar na Checoslováquia, diz, em substância, uma passagem deste texto.

Chi Peng-Fei, vice-ministro chinês dos Negócios Estrangeiros, durante uma recepção por altura da festa nacional marroquina, pronunciou um discurso anti-soviético, repetindo as advertências contidas na nota chinesa enviada a Moscovo como consequência do incidente fronteiriço.

Segundo o correspondente em Pequim da agência japonesa Kyodo, pensa-se, geralmente, na capital chinesa que a China se absterá de dar grande amplitude ao incidente e procurará um regulamento local.

As reivindicações da China quanto à rectificação das suas fronteiras são muito anteriores ao regime comunista. Datam, de facto, dos inícios do renascimento nacional chinês, logo a seguir à primeira guerra mundial. A 3 de Fevereiro de 1923, Sun Yat Sen, presidente da República, fez, numa conferência, uma declaração, que mais tarde serviu de ponto de referência a muitos dirigentes chineses. Depois de ter descrito o desmembramento que as potências infligiram à China e de ter contado como terras perdidas pelo «País do Meio» a Coreia, Anam, a Birmânia e outras, acrescentou:

«Também em tempos mais recuados, na história das nossas perdas territoriais, houve a bacia dos rios Amur e Ussuri, e, antes desta, as regiões ao norte dos rios Ili, Khokand e Amur».

Sob o novo regime, instaurado em 1949, não aparece, durante pouco mais de dez anos, a existência de qualquer diferendo sobre o traçado das fronteiras.

A deterioração

Ano de 1959: acordo sino-soviético sobre a navegação no rio Amur; acordo sobre a exploração conjunta da bacia do mesmo rio. Expedições soviéticas e chinesas colaboram na elaboração de um projecto neste sentido, e esta colaboração irá durar até meados de 1962, quando as relações começam a deteriorar-se. Mais tarde, os dois lados irão revelar que

Por Robert Guillain

os incidentes e as «provocações» nas fronteiras começaram em 1960.

Anos de 1961-1962: incidentes na fronteira Sequião-U. R. S. S., mantidos em segredo até 1963. Cinquenta mil «kazahks» e «uighurs», de nacionalidade chinesa, tentam passar para a U. R. S. S., no Kazahkstan, do outro lado da fronteira. Encerramento da fronteira e repressão do lado chinês. Revolta antichinesa de cinco mil muçulmanos no vale do Ili, que desemboca na U. R. S. S.

Dia 8 de Março de 1963: o «Jornal do Povo» critica os «tratados desiguais» impostos, diz ele, pelos czares da Rússia imperialista à China oprimida do século XIX. O jornal deixa entender que a China poderá, em tempo útil, ter reivindicações a fazer sobre o Extremo-Oriente soviético, que compreende cidades como Vladivostok, Komsomolsk e Khabarovsk e as indústrias respectivas, mas nenhum nome é citado. A 6 de Setembro, o «Jornal do Povo» revela, finalmente, os incidentes do Sequião, acusa os russos de fomentarem um movimento de subversão e de secessão. É o ponto de partida para a renovação da querela territorial. Moscovo replica, a 20 de Setembro, dizendo que só no ano de 1962 foram cometidos pelos chineses mais de cinco mil violações da fronteira soviética.

Entretanto, de 7 a 8 de Setembro, ocorreu um violento incidente na gare fronteiriça de Nauchki (entrada da Rússia para quem vem da Mongólia), entre ferroviários chineses e funcionários alfandegários soviéticos.

Contudo, no fim desse ano, os dois lados tentam um esforço de reconciliação. A «Peking Review» afirma: «Embora os antigos tratados relativos à fronteira sino-soviética sejam tratados desiguais, o Governo chinês está, contudo, disposto a respeitá-los e a tomá-los como base de um regulamento razoável da questão fronteiriça sino-soviética». A 29 de Novembro, o Comité Central soviético propõe, e a 29 de Fevereiro de 1964, o Comité Central chinês aceita, numa troca de car-

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

tas, conversações sobre as fronteiras. Estas tiveram lugar de Fevereiro a Agosto de 1964, sendo retomadas em Outubro, e a Tass fala de um acordo sobre as questões estudadas, mas, por outro lado, a querela recomeça e envenena-se.

Dia 4 de Fevereiro de 1964: novas acusações do «Jornal do Povo» sobre as «frequentes violações do *statu quo* fronteiriço» pelos russos. Suslov, em Moscovo, replica, acusando os chineses «de numerosas e grosseiras provocações» (Tass, 3 de Abril). Na altura da queda de Krustchev, em Outubro de 1964, a «Bandeira Vermelha» de Pequim acusa-o de ter «urdido» os incidentes de fronteiras e de ter mesmo «dirigido actividades subversivas em grande escala no Sinquião».

As reivindicações de Mao

Dia 10 de Julho: o presidente Mao Tse Tung, ao receber os jornalistas japoneses, denuncia as usurpações territoriais soviéticas, que se verificaram, disse, na Europa e na Ásia. Acrescentou: «Há cerca de cem anos, a região a Leste do Baikal tornou-se território russo. Desde então, já se tornaram soviéticos Vladivostok, Khabarovsk, Kamtchatka e outras regiões. Ainda não apresentámos a conta desta série». A Imprensa japonesa reproduziu, largamente, esta declaração, e Chu-En-Lai, primeiro-ministro, confirma-a, a 18 de Julho, numa entrevista com um deputado socialista japonês. A «Pravda» replica em Setembro e o mesmo faz a Rádio soviética, através de uma série de editoriais e de artigos.

Uma obra editada em Pequim, em 1964 («Breve História da China Moderna», de Liu Pei-Hua, Edições Chung-Kuo Chin-Tai Chien-shi) publica um mapa dos territórios chineses «açambarcados pelos imperialistas». Aí se incluem, além de muitos outros territórios, como os reinos himalaias, a Birmânia, etc., o Extremo Oriente soviético a nordeste da China, e a noroeste largos espaços das Repúblicas Soviéticas do Kasaghstan, de Kirghizie e do Tadjikistan.

Movimentos de tropas nas fronteiras

Em Abril de 1966, na cidade de Moscovo, o presidente Podgorny adverte os chineses de que as fronteiras da U. R. S. S. são «invioláveis». Afirma, em especial, que o Khabarovsk, próximo da fronteira, está eficazmente protegido pelas forças soviéticas. Em Maio, Brejnev, secretário-geral do P. C. da U. R. S. S., visita Vladivostok, a grande base naval no Pacífico. A terceira bomba atómica chinesa explodira dez dias antes. Em Junho, o presidente Podgorny visita Khabarovsk.

Em Pequim, onde, entretanto, começa a revolução cultural, o marechal Chen Yi, ministro dos Negócios Estrangeiros, declara, em Maio, a um grupo de jor-

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

LEI E RESPONSABILIDADE

FALANDO PARA O BRASIL, o presidente Marcello Caetano, em resposta a uma das perguntas que lhe formulou o entrevistador, deu, nos seguintes termos, a sua síntese do passado, presente e futuro do regime legal por que se rege o exercício da palavra escrita: «Desejaria, na verdade, publicar em breve a Lei da Imprensa. Mas os trabalhos preparatórios, que começaram logo depois de tomar posse, estão ainda demorados. Não esqueça que vivemos 42 anos no regime de censura prévia. Nem jornalistas, nem empresas editoras, nem Governo, nem público estão preparados para um regime de responsabilidade perante os tribunais. Para ir criando condições mais propícias, a Censura foi muito aliviada e reduzida a certos pontos essenciais. Essa lei tem de ser muito ponderada para não se abrir, com a sua vigência, um período de conflito geral da Imprensa com as autoridades e com os particulares e para não termos depois de voltar atrás.»

Poderíamos sentir-nos agravados, com este jeito português de fazer de cada episódio um caso pessoal, se não tivesse o Presidente do Conselho metido tudo no mesmo caldeirão, clero, nobreza e povo, perdão, jornalistas, público e Governo, isto é, quem escreve, quem edita, quem lê, quem interpreta, quem tira consequências apressadas, nem sempre lá muito muito bem intencionadas, é certo, finalmente, quem tem de deter em mãos o que se estimaria que sempre fosse o aparelho de equilíbrio e de contemporização. Mas não. Não vemos que possa haver agravo onde há, afinal, apenas a interpretação de um dos múltiplos aspectos da vida portuguesa.

Queremos dizer que coincidimos com o dr. Marcello Caetano quando nos vem dizer que em sua opinião se trata de um problema de responsabilidade. De quem? De toda aquela escala de sujeitos e objectos ligados, por algum modo, à referida e variada gama de actividades. Queremos dizer: responsabilidade naturalmente de quem escreve, pois claro, mas também de quem lê e de quem interpreta, e ainda a responsabilidade, evidentemente, dos próprios agentes do Governo, que não podem em qualquer caso agir arbitràriamente, mas eles próprios igualmente convictos e conscientes de que há uma lei a reger-nos e que todos lhe devemos igual obediência.

Mas queremos definir o nosso próprio conceito de responsabilidade, ou antes, o nosso conceito da nossa própria responsabilidade. Entendemos efectivamente que para sermos responsáveis não precisamos de que nos imponham ou proponham qualquer regra, seja ela qual for, nem qualquer limitação, nem qualquer ameaça ou policiamento. Queremos ter, e temos, a certeza de que qualquer padrão legítimo de responsabilidade se inscreve sempre no interior do círculo que se descreve como a respectiva dimensão perante a nossa própria consciência, pois sempre a havemos de considerar mais rígida do que qualquer lei legítima. Mas queríamos que todos e cada um aferissem a sua conduta pelo mesmo padrão, não queremos dizer o nosso, claro, mas cada um em si mesmo com o mesmo rigor de nós próprios. Não queremos favor nem benevolência, nem ofensa de condescendências de que não carecemos. Queremos a responsabilidade permanente e total. Mas queremos a recíproca também.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

TAPETES
Carpélio
Dist. Exclus.
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO—LISBOA
CARPETES

AÍ TEM A MINHA RESPOSTA!

— Eu conto-lhe, se quer saber. Não adianta, mas talvez valha a pena, embora o senhor nada tenha a ver com isso. Um dos meus defeitos é precisamente este: dizer logo tudo a toda a gente, mas desabafar alivia, não é verdade? Pois eu conto-lhe já que quer saber, já que se chegou assim de repente à minha frente e me perguntou se já fui ao teatro. Mas não ponha isto no jornal, que não interessa a ninguém. É uma história só minha, o que têm os outros a ver com isto? Quando cheguei a Lisboa, aqui há 20 anos, trabalhei de pedreiro, ou antes, de servente de pedreiro, nem tinha onde ficar, dormia nas obras. Depois, vieram aquelas dores no estômago, uma coisa que o senhor não calcula. Uma vez até fui levado de urgência a S. José, dizia que morria. Vieram aquelas dores de estômago, deixei de comer, emagreci e não podia trabalhar mais naquilo. Deixei as obras, pus-me à procura doutra coisa. Apareceu-me, então, este lugar que tenho agora, ganha-se menos mas é mais descansado. Casei-me e tenho quatro filhos. Os rapazes cresceram, há um que já tem 15 anos, anda nas voltas. Ganha 300 escudos por mês, dá para os eléctricos. Os outros, na escola. E vem o senhor, assim de repente, e faz-me uma pergunta dessas.

TORQUATO DA LUZ

Começam amanhã as comemorações do cinquentenário da Sociedade Nacional de Sabões

Conforme noticiámos, iniciam-se amanhã as comemorações do 50.º aniversário da Sociedade Nacional de Sabões, fundada em 1919 pelos industriais António Marques de Sousa Junior e João Rocha dos Santos. A empresa, hoje dirigida pelos seus descendentes, é uma das mais importantes unidades fabris do País, tendo como associados numerosas firmas de outros sectores industriais e comerciais.

No dia 20, ás 16 e 30, conforme já foi anunciado, o Chefe do Estado, acompanhado de membros do Governo, deslocar-se-á ás instalações da S. N. S., no Beato, as quais percorrerá, assistindo também a uma sessão solene, durante a qual será descerrado um monumento consagrado aos fundadores da empresa, da autoria do escultor Soares Branco, e á exibição de um documentário de curta metragem obre as actividades da S. N. S., produzido por Francisco de Castro e realizado por António Macedo.

Nos dias 19 e 20, as instalações fabris da S. N. S. estarão patenteadas a todos os funcionários e familiares daquela empresa e das firmas associadas. No primeiro daqueles dias haverá também distribuição, a todo o pessoal, da reprodução litogravada de um quadro expressamente adquirido ao pintor Carlos Botelho, realizando-se ainda uma sessão comemorativa, a que estarão presentes diversas entidades oficiais.

No dia 21 mais de 1200 funcionários da S. N. S. e empresas associadas deslocam-se a Évora, onde se efectua um almoço de confraternização.

Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora. Presidem á assembleia geral, ao Conselho fiscal e á direcção, respectivamente, os srs. João Guimarães dos Santos Matos, Manuel Joquim Alves de Almeida e Manuel António Pombo.

ora diga-nos...

— Já foi a um enterro?

«Quando se não vai ao enterro dos outros, os outros vão ao nosso enterro». (Anónimo de todos os tempos).

● *O jovem Vítor (Vítor Matoso, com assinatura nesta secção) disse-nos assim:*

— Já fui. A vários. Pessoas de família...
— Amigos também?
— Sim.
— E' a vida, não é?
— Pois é...

● *O sr. António Rodrigues da Silva, funcionário da Junta Nacional das Frutas, declarou:*

— Quem já não foi a um funeral?
— Já isso é verdade.
— Pois já fui, já.
— E' a vida, não é?
— Pois é...

● *Outro jovem, Joaquim Américo Venancio, empregado numa casa de mariscos, disse-nos:*

— Muitas pessoas de família já morreram...
— E foste...?
— Fui.
— E' a vida, não é?
— E' a morte.

Dez anos de tensão e de incidentes nos territórios fronteiriços

(Continuação da pág. anterior)

nalistas escandinavos, que os russos são ladrões, pois anexaram um milhão e meio de quilómetros quadrados do território chinês, no século XIX, e mesmo depois disso. Os russos, disse, causaram mais de cinco mil incidentes de fronteiras entre 1960 e 1966, por várias vezes penetraram na terra de ninguém fronteiriça e procederam a correcções arbitrárias da fronteira.

Em Moscovo, no mês de Outubro, a Imprensa soviética acusa as tropas chinesas de atirarem indiscriminadamente sobre os barcos russos ao longo do rio Amur. Os correspondentes ocidentais em Moscovo noticiam, segundo informações de fonte soviética, que, nas margens do Amur e no Siquião, um movimento organizado na população civil chinesa reclama a restituição dos «territórios perdidos».

Nos Estados Unidos, em Novembro, Gromiko, nos encontros com o presidente Johnson e Dean Rusk, terá falado, diz o «New York Times» de 22 de Novembro, sobre a crescente ansiedade do seu Governo quanto à segurança das fronteiras da U. R. S. S. com a China.

Em Pequim, o marechal Chen Yi diz a um jornalista brasileiro que a U. R. S. S. tem treze divisões na fronteira chinesa, transferidas da Europa Oriental («Times», de Londres, 12 de Dezembro).

Pela mesma data, em Londres, o Instituto dos Estudos Estratégicos calcula as forças soviéticas no Extremo Oriente em doze divisões, em pé de guerra e cinco divisões de reserva, enquanto os chineses teriam cinquenta divisões estacionadas no Nordeste e um meio milhão de homens nas fronteiras do Siquião. Rádio Tirana, em Albânia, denuncia, a 29 de Setembro, as concentrações das tropas soviéticas nas fronteiras chinesas.

A Revolução Cultural

Com o ano de 1967 e a tempestade da revolução cultural, é em Moscovo e em Pequim mesmo que a querela sino-soviética levanta as maiores violências: agitação dos estudantes chineses em Moscovo, a 25 de Janeiro, na sede da Embaixada da U. R. S. S. em Pequim, de 26 de Janeiro a 12 de Fevereiro.

Mas a tensão nas fronteiras continua séria. A 2 de Fevereiro, Rádio Pequim acusa os russos de terem conspirado contra a China no Heilungkian, província fronteira do Nordeste (ex-Manchúria). A 11, as tropas chinesas ficam de prevenção. Um jornal de guardas vermelhos diz que um batalhão soviético lançou um ataque, que foi repelido, na região de Vladivostok.

Círculos ocidentais orçam as forças soviéticas na fronteira sino-soviética, nessa data, em quarenta divisões, muitas das quais chegadas recentemente da Europa Oriental. Haveria entre cinquenta a sessenta divisões chinesas, ou seja, mais de seiscentos mil homens.

A 21 de Fevereiro, anuncia-se em Moscovo que os chineses fizeram recuar as suas tropas 160 quilómetros, ao longo da U. R. S. S. e da Mongólia, dando origem a uma terra de ninguém, no interior da qual deixaram apenas as suas forças de guarda-fronteiras. Moscovo anuncia, igualmente, que no Siquião ocorreu um novo êxodo de Kozahks e de Uighurs para a U. R. S. S., tendo estas populações fugido devido à revolução cultural.

Em 1968, os incidentes, se os houve, não foram tornados públicos. Mas, a crermos nas informações que circulam em Moscovo nos meios diplomáticos, com base em confidências soviéticas, houve, de facto, incidentes, de pouca importância, talvez, mas numerosos, nos 5000 quilómetros da maior fronteira do mundo entre dois países, tendo em conta o percurso ao longo da Mongólia, satélite da U. R. S. S.

Em 1969, a 2 de Março, estala o incidente de Nijinimikhailovka, no Ussuri, a sul de Khabarovsk, incidente que Moscovo tornou imediatamente público.

NOVA VERSÃO DE UM INCIDENTE QUE OPÔS UM TURISTA SUÍÇO A UM MARÍTIMO PORTUGUÊS

No passado dia 22 de Fevereiro, de madrugada, deu-se um incidente no cais da Rocha em Alcântara, em que foram intervenientes a tripulação do iate «Golden West» e um pescador português, João Fernandes Mano. Chegada às vias de facto, a questão foi então relatada pelo nosso jornal, que se fez eco da versão do sr. Mano, que foi hospitalizado, tendo o caso sido avocado pela Polícia Judiciária.

Ontem, recebemos a visita do sr. Jean-Paul Froidenaux, a outra figura principal do conflito (além do Mano), que nos relatou a sua versão dos factos, insistindo para que dela nos fizessemos eco. Segundo o nosso visitante, o iate encontrava-se naquela doca lisboeta desde 30 de Dezembro, sendo a tripulação composta por quatro pessoas, entre as quais sua mãe, sr.ª D. Mathilde de Goldschmit-Rothschild, sua mãe, impròpriamente chamada, na altura dos eventos a que nos referimos, de baronesa de Rothschild.

Como se sabe, existe o direito de passagem para os tripulantes das embarcações encostadas ás que estão em contacto com o cais, único meio, aliás, de o trânsito de pessoas se fazer para esses barcos. Mas, segundo o sr. Froidenaux, muitas vezes se registaram abusos da parte dos passantes, o que incomodava os tripulantes do iate em que viajava, além de que as faltas de cuidado dos outros barcos e as sucessivas deslocações a que o «Golden West» era obrigado pelo movimento do porto, danificaram frequentemente a embarcação. Da vez em que se deu o desacato, segundo o turista suiço que nos informa, o sr. Mano permaneceu meia hora a bordo do iate, recusando todos os convites feitos para que saisse.

Então, o sr. Froidenaux compeliu o intruso a saír pela força (ele e não sua mãe, como então chegou a ser noticiado, de acordo com a versão do marítimo português) — mas, em terra, este insultou verbalmente a tripulação, pelo que o sr. Froidenaux saiu do barco e se deu a cena de violência que suscitou a intervenção das autoridades.

Segundo o nosso actual informador, ficou reconhecido, depois das averiguações, que o faltoso fora o pescador Mano, tendo este apenas solicitado que lhe fosse paga a conta do hospital. O seu contendor anuiu em custear essas despesas, sob duas condições: que o Mano assinasse uma declaração para a Polícia, em que se reconhecesse culpado (o que foi feito); e que lhe apresentasse uma factura das despesas hospitalares, o que nunca foi feito. Pelo que o sr. Froidenaux suspeita que o homem que agrediu não tenha de facto feito quaisquer despesas de saúde, d evidas à refrega que mantiveram.

MURTOSA PRECISA DE NOVO EDIFÍCIO DOS CORREIOS

MURTOSA, 18. — Entre as grandes necessidades que se notam neste concelho, sobressai de um modo muito especial e flagrante, a falta de um edifício próprio e condigno para a instalação dos Correios; toda a gente o diz e todos pensam de igual modo, o assunto vai-se arrastando há muitos anos e não há maneira de ser solucionado.

Criado este concelho em 29 de Outubro de 1926 — já são passados 42 anos de existência —, os Correios ainda se encontram mal instalados num edifício acanhado e impróprio, sem condições para tais serviços, na Rua dos Precursores, limitando-se a duas salinhas ligadas, com uma área que poderá ter cerca de 40 metros quadrados. Nem o publico, nem os funcionários que ali servem, encontram boas condições de instalação, suprindo os ultimos essas ocndições com uma dedicação e zelo pela boa marcha dos serviços. A Murtosa continua a esperar a sua hora e a desejar ser dotada com um edifício próprio e condigno para a instalação dos seus Correios.

Fogos reais na zona de Évora

EVORA, 18 — O Regimento de Infantaria n.º 16, com sede nesta cidade, vai realizar, nos dias 26 e 27 do corrente, exercícios de fogos reais, numa zona a cerca de 9 quilómetros a Este de Evora e delimitada a Norte, pela Estrada Nacional Evora-Reguengos; a Sul, com cruzamento do caminho de Monte da Coelheira com a estrada esfaltada da Torre de Coelheira e a Oeste, com o quilómetro 288 da Estrada Evora-Reguengos e com a quinta de Vale de Moura.

A fim de evitar quaisquer possiveis acidentes, avisam-se todas as pessoas que venham a utilizar a referida zona nos dias mencionados, o façam tomando as precauções que a realização de tais fogos exige.

«Maja de Portugal-1969» — eleição a 11 de Abril

O «Diário de Lisboa» e a Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha), apesar de todos os seus esforços, não podem efectuar esta semana o «cocktail» para eleição da «Maja de Portugal-1969».

Com efeito, pretendendo conferir a essa reunião social foros de verdadeiro acontecimento, não é possivel — em poucos dias — levar a cabo o nosso propósito, até porque algumas das concorrentes (que são estudantes) têm dificuldade em deslocar-se a Lisboa neste fim-de-semana.

Assim, podemos definitivamente marcar a data de 11 de Abril para, no Hotel Fénix, ser eleita a «Maja de Portugal-1969», de entre uma das quinze esbeltas e fotogénicas jovens que ontem já indicámos.

Entretanto, podemos já adiantar que no júri estarão representantes da Imprensa, da Rádio, da Publicidade, do Cinema, da Literatura, do Teatro, da Televisão, do Desporto, da Tauromaquia e da Vida Social portuguesa. Um júri que (decerto) pronunciará um veredicto que será unânimemente aplaudido.

TEATRO VILLARET

4.º MÊS

ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES

A PREGUIÇA

COM

FERNANDA BORSATTI
ALINA VAZ
MÁRIO JACQUES
ANTÓNIO MONTEZ
DAVID SILVA

E

RAUL SOLNADO

Às 21.00 e 23.00 h.

PARA ADULTOS

Atrás do reposteiro

- A peça «Amor-68», com o actor Henrique Santana como protagonista, continua a ser apresentada em vários teatros da província.
- O empresário Eduardo Damas deve deslocar-se em breve ao Brasil para contratar um actor cómico, com vista a uma possível organização.
- Sentiu ligeiras melhoras o actor Francisco Ribeiro.
- A partida para África da companhia de Laura Alves está prevista para o próximo mês de Julho.
- São do artista Mário Alberto os figurinos da revista «Mãos à obra».
- É o actor Carlos Gonçalves quem está a substituir no Teatro ABC o seu colega Oscar Acúrsio.
- A companhia do Teatro Experimental de Cascais deve dar alguns espectáculos na província com a peça «Maria Stuart».
- A encenação da peça de estreia do novo Teatro Maria Matos deve ser entregue a Artur Ramos.
- Encontra-se no Norte de Moçambique o grupo de teatro dirigido pelo escritor Henrique Lisboa.
- A peça «Mundo gato» deve ser estreada no Teatro Villaret.
- *O artista coreográfico Paulo José está a ensaiar os bailados da nova revista do Monumental.*

ENCERITE
SO ENCERITE
A venda em todo o País

dois dos maiores artistas do cinema mundial num filme em tudo ESPECTACULAR!

CHARLTON HESTON
MAXIMILIAN SCHELL

uma mulher entre dois homens...
...uma orquestra entre dois fogos...
...uma decisão de morte entre dois inimigos!...

Sinfonia para um inimigo

AMANHÃ
ESTREIA

EM RIGOROSO EXCLUSIVO DE ÉPOCA NO CINEMA

MUNDIAL
MAIORES DE 17 ANOS

UNIVERSAL
FILMES LUSOMUNDO

TECHNICOLOR
SCOPE

com
KATHRYN HAYS · LESLIE NIELSEN

música de BRONISLAW KAPER · argumento JAMES LEE e JOEL OLIANSKY
realização de RALPH NELSON · produção de DICK BERG

POR IMPOSIÇÃO DO PÚBLICO

2 ESPECTÁCULOS DE VASCO MORGADO

CONTINUAM NO CARTAZ

TEATRO MONUMENTAL T. 555133

7.ª Semana

HOJE, às 21.45 h.
(Maiores 17 anos)
2.º MÊS
A farsa de CLAUDE MAGNIER
tradução de Marina de Morais

QUANDO ELA SE DESPIU...

com CAMILO, FLORBELA, CARLOS COELHO, Cármen Mendes, Yola, Linda Silva, Alda Pinto, Alice Carla

Encenação de SANTOS CARVALHO

SÁBADO: 2 sessões, 20.45 e 23 h.
DOMINGO, à tarde às 16 h.

TEATRO LAURA ALVES

— T. 864756 —
(ADULTOS)
141.ª REPRESENTAÇÃO
HOJE, às 21.45 h.

O JOVEM MENTIROSO

com BRUNILDE JUDICE, RUI DE CARVALHO, Manuela Maria, Célia de Sousa, Fernanda Figueiredo, Benjamim Falcão e o par-revelação Guida Maria e Vasco Morgado Jor.
Encenação de JACINTO RAMOS

SÁBADO, «matinée» às 16 h.
Para todo o publico ESTUDANTES 10$00
E À NOITE, 2 sessões, 20.45 e 23 h.
DOMINGO, à tarde, às 16 h.

UM GRANDE FILME DE ACÇÃO E «SUSPENSE» INTEIRAMENTE PASSADO NA RÚSSIA DOS NOSSOS DIAS!

MISSÃO NA UNIÃO SOVIÉTICA

NAS GARRAS DE UMA DAS MAIS IMPIEDOSAS ORGANIZAÇÕES DO MUNDO!

UM GRANDE ELENCO
Thomas Hunter
Maria Versini
Ivan Desny
Magda Konopka

SENSACIONAL ESTREIA

POLITEAMA

MAIORES DE 12 ANOS
EASTMANCOLOR
FILMES LUSOMUNDO

Varanda do Chanceler

DIA 19
RESERVADO TODO O DIA
DIA 20
RESERVADO AO ALMOÇO

RESTAURANTE TÍPICO

A SEVERA

FECHA AOS SÁBADOS
APROVEITANDO O SEU DESCANSO SEMANAL PESSOAL E ARTISTICO

RIR RIR

Badaró

NO TEATRO MARIA VITÓRIA

DEPOIS DO MEMORÁVEL «BADAROSCOPE» (1962) BADARÓ REAPARECE COM UMA NOVA CRIAÇÃO — 1969

O MUNDO ALEGRE DE BADARÓ

6 ÚNICOS DIAS SÓ ATÉ DOMINGO

HOJE ESTREIA
ÀS 21,45 HORAS

M/ 12 ANOS

ACOMPANHAMENTO MUSICAL
THILO'S COMBO

RIR RIR RIR

ARMANDO JORGE (BAILARINO PORTUGUÊS) integrado no Ballet Canadiano que vem em Maio a Portugal

«Les Grands Ballets Canadiens» de Montreal, uma das companhias da América do Norte com maiores possibilidades criadoras no mundo do bailado e, por outro lado, a que maior interesse tem suscitado á sua volta, vem a Portugal, no próximo mês de Maio, por ocasião da sua primeira tournée á Europa, integrando-se no XIII Festival Gulbenkian da música. Nesta deslocação, «Les Grands Ballets Canadiens», além doutros importantes numeros do seu repertório, apresentam em Portugal, com bailado de grande envergadura, a trilogia «Triunfi», de Carl Orff, composto pelas coreografias «Carmina Burana» «Catulli Carmina» e «Trionfo di Afrodite». Este espectáculo coreografado em estilo moderno por três diferentes coreógrafos, ainda recentemente a 15 de Fevereiro, constituiu a grande sensação dos Galas de Ballet, no Place des Arts de Montreal.

A companhia de «Les Ballets Canadiens» foi formada, em Montreal, pela bailarina coreógrafa Ludmilla Chiriaeff, muito conhecida pelas suas numerosas tournées através dos Estados Unidos tem atraído ao seu elenco nomes famosos do mundo balético, como é o caso de Daniel Seillier, que foi seu coreógrafo e mestre de bailado; Fernando Nault que trabalhou 20 anos no American Ballet Theatre; Anton Dolin, considerado o primeiro bailarino britanico dos tempos modernos; Rosella Hightower, que foi a primeira grande estrela convidada; e Brydon Paige, que, actualmente, é o seu coreógrafo residente.

Entre as principais estrelas da companhia encontra-se o bailarino português Armando Jorge, que foi para Montreal em 1963, depois de ter sido um bailarino de grande destaque em Portugal e membro da companhia francesa de Roland Petit. Voltará a Portugal com sua mulher, a bailarina canadiana Margery Lambert, que em 1966, se tornou a primeira bailarina dramática da companhia depois de ter trabalhado para os Ballets Russes de Monte Carlo.

ARMANDO JORGE

Strindberg na Casa da Comédia

Na Casa da Comédia prosseguem, com o maior entusiasmo, os ensaios para a próxima apresentação da peça «A Dança da Morte», de August Strindberg.

Carmen Dolores aceitou o desempenho da figura de Alice, a marcar, assim, o seu regresso ao teatro declamado. Augusto Figueiredo e Alvaro Benamor desempenham as outras duas figuras lendárias do teatro strindberguiano, o capitão Edgar e Kurt.

UM DISCO DE JOSÉ TABORDA

José Taborda, que se revelou no elenco de Herminia, acaba de gravar na R. C. A. quatro fados do poeta Fernando Peres: «A fingir que não te vejo», «Esse teu lenço encarnado», «Rua das Sombras Perdidas» e «E' sempre a horas mortas».

RECINTOS DE DIVERSÕES

- Parte no dia 18 para os Açores a artista Maria Pereira. Acompanham-na os artistas Francisco Carvalhinho, Adelino dos Santos, Francisco Peres e o conjunto de Sigfried Zung.
- O conjunto de guitarras de António Chainho actua esta semana aos microfones da E. N.
- Deve estrear-se em breve no Casino Peninsular da Figueira da Foz a artista Maria da Fé.
- Partiu para os Estados Unidos o acordeonista Fernando Ribeiro.
- É muito provável que o actor Carlos Coelho volte a África com um conjunto de variedades.
- Em virtude do êxito conseguido com a canção «Vento do Norte», Maria da Fé vai ser alvo de uma homenagem promovida pela sua marca gravadora.
- O artista César Morgado continua a actuar na «Guitarra da Madragoa».
- Tem sentido ligeiras melhoras a artista Adelina Ramos.

ABC
AS 20.45 e 23 HORAS e aos SABADOS e DOMINGOS às 16 horas
TEL. 36 67 45 (ADULTOS)

IVONE SILVA

Elas é que sabem
REVISTA com Ivone Silva, Nicolau Breyner, Henriqueta Maya, José de Castro, Natalina José, Jill Christy, Carlos Gonçalves e Tony de Matos

TRINDADE
— E. N. A. T. —
Amanhã, às 21.45 (17 anos) o T.N.P., sobs. pelo Fundo do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
SÁBADO, TARDE às 16 h. ULTIMO DIA

ai chico chico

TEATRO CAPITÓLIO
Tel. 320879
HOJE, AS 21.45 H.
O CLAMOROSO ÊXITO DE S. MROZEK
«TANGO»
Em 4.º Mês de representações
M/17 anos
SABADO e DOMINGO Tarde às 16 horas

TEATRO GIL VICENTE
CASCAIS
Telefone 28 09 19
5.ª-FEIRA às 21.45 horas
MARIA STUART
de SCHILLER
pela Companhia do Teatro Experimental de Cascais
— M/12 —
Nos dias 18 e 19 a Companhia actua em Coimbra no Festival C.I.T.A.C.

Em BUCELAS o «DIARIO DE LISBOA» está à venda na casa VICENTE ROMÃO BRAVO.

RESTAURANTE TÍPICO
A SEVERA
FECHA A 5.ª FEIRA PARA DESCANSO DO SEU PESSOAL E ARTISTICO

GRUPO GULBENKIAN DE BAILADO
TEMPORADA DE 1968/69
6.º E ÚLTIMO PROGRAMA
POLITEAMA
HOJE às 21.30 h. ● Dias 19, 21 e 22 às 16.30 h.
INSTANTANEO
Musica: Luís Filipe Pires / Coreografia: Agueda Sena
O LODO
(baseado na peça de Alfredo Cortez)
Musica: Bela Bartok / Coreografia: Carlos Trincheiras
SUITE DE VERDI
Musica: Verdi / Coreografia: Walter Gore
BILHETES À VENDA ● 50% de desconto a estudantes
N. B. — Os bilhetes para os espectáculos de 7, 8, 10 e 11 de Fevereiro passam a ser válidos, respectivamente, para os dias 21, 22, 19 e 16 de Março.
Espectáculos das 21.30 h.: maiores de 12 anos
Espectáculos das 16.30 h.: maiores de 6 anos.

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO TIVOLI

TITULO — «Escorregar e cair» («Decline and fall of a bird watcher» — 1967).

REALIZAÇÃO — John Krich.

INTÉRPRETES — Genevieve Page, Robert Harris, Felix Aylmer, Colin Blackely, Griffith Jones, Donald Wolfit.

Extraído de uma novela de Evelyn Waugh, o filme ontem estreado no Tivoli surpreende-nos por um humor insólito e perturbante. A obra decorre em diversos ambientes, que vão de um colégio tradicional inglês a uma prisão não menos tradicional, e custa-nos um pouco encontrar a sequência entre esses vários episódios. Daí resulta um pouco da desorientação que nos acompanha durante o filme. Percebemos, por fim, que os elementos unificadores são as próprias personagens que, sem grande verosimilhança, reaparecem nos locais mais inesperados e nas personalidades mais diversas. A insistência dessas personagens, o modo como atravessam a sociedade britânica assumindo papéis da maior responsabilidade e dignidade, é aí que reside o efeito crítico do filme: são múltiplos os significantes relativos a um só significado. O que quer dizer que as várias manifestações da vida mundana inglesa correspondem a uma sordidez única. A permanência na mudança, a resistência a todas as contrariedades, a evidência total da nobreza de sangue e de intenções (como prova a cena do julgamento), a hipocrisia generalizada — são estes os elementos que contribuem para uma sátira social violentíssima, embora sempre subtil e discreta.

A realização acentua os dois aspectos contraditórios do filme: o requinte, o refinamento de certas situações e ambientes, e a grosseria, o mau gosto até, de algumas piadas. Essa oscilação constante acaba por tornar estranho, e por vezes quase incomodativo, o humor do filme: tudo nos surge como que ligeiramente desfocado, sem a nitidez de processos e intenções que tranquilizam o espectador. O mais surpreendente ainda é o facto de nunca esperarmos as mudanças de ambiente que se processam e supormos por isso que estamos já possuidores da totalidade dos elementos. Quando julgamos que se trata de um filme cómico sobre a vida nos colégios, opera-se uma viragem que redistribui os elementos em diferentes funções.

Acrescente-se que a interpretação é excelente.

EDUARDO PRADO COELHO

SEMANA DO CINEMA SUECO

Organizada pelas Publicações Dom Quixote, pelo ABC Cineclube, pelo Cineclube Imagem, iniciou-se, ontem, uma semana do cinema sueco. Trata-se de um importante acontecimento na nossa vida cinematográfica, e devemos registar a iniciativa com todos os louvores que ela justifica. Com a colaboração do Instituto Sueco, de Estocolmo, e da Embaixada da Suécia em Lisboa, os organizadores puderam obter algumas obras consideradas fundamentais para o conhecimento do cinema sueco e para a história do cinema em geral. Depois de «A Noite dos Saltimbancos», de Ingmar Bergman, ontem exibido, seguir-se-ão «Apenas Mãe» e «A estrada que conduz ao Céu», de Alf Sjöberg (a projectar hoje e amanhã, respectivamente, e «O Tesouro de Arne», de Maurice Stiller, e «A Carroça Fantasma», de Victor Sjöstrom (no dia 20). No dia 21, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, realiza-se uma sessão com uma montagem de clássicos do cinema sueco mudo e com um colóquio relativo ao tema da semana. Trata-se, como se vê, de um programa aliciante.

Na primeira sessão exibiu-se um filme do realizador sueco actualmente mais conhecido entre nós: Ingmar Bergman. Trata-se de «A Noite dos Saltimbancos» («Gycklarnas Afton»), obra de 1957, tendo como intérpretes Harriet Andersson, Åke Grönberg e Hasse Ekman.

Sobre o filme escreveu Raymond Lefevre (num texto que extraímos do programa cuidadosamente elaborado):

(...) Totalmente mergulhado no mundo do espectáculo, Bergman torna-o o tema favorito de muitos dos seus filmes (...).

Em «A Noite dos Saltimbancos», esse tema constitui o elemento de unidade do filme. Bergman opõe aí dois aspectos:

— Dum lado, os saltimbancos e o problema da miséria. A companhia de Alberti desloca-se constantemente no meio de uma natureza muitas vezes hostil (o frio matinal, enquanto o cocheiro canta a sua litania, os gritos dos animais que acompanham este canto fúnebre, os buracos das estradas, a chuva caindo durante a instalação). Alguns detalhes sublinham a deterioração e a pobreza do material. O capitel está esburacado, como o sugere um recipiente que recolhe a água da chuva, colocado no meio da pista. Alberti faz frente a numerosas dificuldades financeiras, o pessoal está farto de não ser pago. O pretenso luxo do interior da «roulotte» ou dos trajos de representação, não fazem senão sublinhar a ruína material de Alberti.

— Do outro lado, a companhia teatral do senhor Sjuberg (...). Estes comediantes sedentários talvez não tenham talento, mas têm a consagração e não receiam o futuro. O mau gosto e as decorações barrocas do teatro reflectem um luxo próprio para impressionar os forasteiros. Os artistas têm uma cabina; o armazém está bem fornecido de acessórios. Sjuberg, a quem todos chamam «Mestre», veste com elegância, e, ao contrário de Alberti, domina com autoridade a sua companhia de comediantes. Distante, irónico, com ar de desprezo, é, muitas vezes, engrandecido pela fotografia em «contre-plongée».

Esta oposição entre miséria e luxo desempenha um papel preponderante no nascimento do drama, que vai afectar Alberti e Ana. O primeiro encontro entre Alberti e Sjuberg termina com uma cruel humilhação do primeiro. Este encontro é, também, uma revelação para Ana: existe um luxo com que nunca sonhara.

Nostalgia da segurança e da tranquilidade para Alberti, nostalgia da riqueza e da fama para Ana, todas as proposições do drama ficam na descrição destes dois mundos do espectáculo.

E. P. C.

*

Hoje no Cinema Alvalade, às 18 e 45, exibe-se o filme de Alf Sjöberg «Apenas Mãe» («Bara en Mor»). Obra de 1949, tem como principais intérpretes Eva Dahlbck e Ragnar Falk.

Imagem do filme a exibir hoje no Alvalade

Gil Vicente representado pelo grupo «Proscenium»

• Espectáculo de grande nível artístico

O «Proscenium», grupo cénico do Sindicato dos Empregados de Escritório do Distrito de Lisboa, apresentou ontem, no Teatro Capitólio, para o efeito cedido pela empresa Rei Colaço, um espectáculo constituído por recolha de textos de Gil Vicente, a que deu o nome de «Silva Vicentina».

Nas palavras que antecederam a representação, o actor e encenador Pedro Lemos, director do agrupamento, disse que, provàvelmente, os elementos do «Proscenium» haviam descoberto um novo Mestre Gil. Não garantimos que esta seja a expressão mais própria para definir o que aconteceu depois; a verdade, porém, é que se não houve uma descoberta de Gil Vicente, houve, pelo menos, a sua revelação numa dimensão popular, que até aqui lhe tem faltado.

Habituados ao Gil Vicente lido no liceu, declamado em espectáculos mais ou menos académicos, que nos dão do dramaturgo dos autos uma imagem quase austera e ás vezes enfadonha, não podia o espectáculo de ontem deixar de impressionar profundamente todos os que têm desejado ver inserir o autor quinhentista na espantosa linha popular e satírica, que ainda hoje se mantém actual, e ganhou, nomeadamente, com o teatro moderno, um significado ainda mais importante.

Tal como no espectáculo há dois anos levado á cena por Luís de Lima, na Faculdade de Direito de Lisboa, com os elementos do respectivo grupo cénico, sobressai na realização do «Proscenium» essa actualidade viva — não só ideológica, mas também formal — que faz de Gil Vicente um dramaturgo de excepcional importância histórica.

Não nos permite o espaço analisar, com mais demora (porque o tema o exige, e é não só um tema delicado, como o mais importante do teatro português) as implicações estéticas do espectáculo do «Proscenium». Os elementos do grupo deram-nos com raro sentido de sátira e de teatro a riquíssima galeria de tipos muito bem seleccionada por Pedro Lemos, em autêntico jeito de revista. A partir do «Prólogo da romagem dos agravados», na interpretação do qual Mário Cardoso compôs um Frei Paço que é uma verdadeira criação de subtil humor, de fino sentido crítico, sucedem-se os quadros de rua, desfilam os «Ordofio» e «Aparício» de «Quem tem farelos?», Amâncio Vaz, Marta Dias, Branca Alves, do «Auto da Feira», Gonçalo, o Parvo, Madalena, Catarina, da «Serra da Estrela» e do «Auto Pastoril Português», Maria Parda e tantas outras figuras inesquecíveis dos autos de Gil Vicente. Em todos esses quadros, nalguns dos quais Pedro Lemos inseriu cantigas (com música de António Pinheiro, a quem do resto, dedica o espectáculo) sobressai a sátira lúcida e impiedosa á corte, aos frades, ás falsidades do seu tempo. Tudo isso foi dado, porém, com inexcedível vigor, com inexcedível sentido crítico, com inexcedível visão teatral nas duas chacotas de frades e diabos, que Pedro Lemos juntou, recolhidas as figuras dos vários autos. Como na revista, o publicou bisou alguns quadros.

A encenação de Pedro Lemos merece-nos, assim, elogios sem reservas, pois permitiu que o público comunicasse com Gil Vicente; estabeleceu — conseguiu estabelecer, e isto é tão difícil — uma comunicação entusiástica entre o público e a assistência, criou, sem recursos espectaculares, servindo-se apenas da riqueza da frase, da policromia dos trajos, de pequenos apontamentos cenográficos um conjunto harmonioso, digno, mas também impagável de comicidade e pleno de actualidade.

Não desejamos, sendo como é o «Proscenium» de um grupo de amadores, fazer referências especiais, além da que ficou feita (porque se trata, de facto, da parte de Mário Cardoso, de uma excepcional composição). Registe-se só os nomes de todos os actores do conjunto, porque todos eles são merecedores de uma palavra de louvor: Mário Cardoso, Fernando Louro, Ramos Carinhas, Reis Leite, José Capela, Milly Sousa, Lurdes Miguel, Ivone Paraíso, João Godinho, Gonçalves Amaro, Jorge Guimarães, Maria Santiago, Mário Antão, Maria do Céu, Alice Guimarães, Carlos Ricardo, Duarte Miguel, Esperança Monteiro.

Em suma: um espectáculo muito importante e de grande nível artístico, pelo qual cumprimentamos calorosamente o «Proscenium» e o seu director.

JOAQUIM BENITE

VIDA MUSICAL

Concerto de guitarra clássica na Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos

Amanhã, ás 21 e 30, decorre, na Procuradoria dos Estudantes Ultramarinos (Avenida da Republica, 84, 6.º) um concerto de guitarra clásisca, por elementos da Academia de Amadores de Música (Domingos de Morais, José Adelino de Sousa e Costa, Alexandre Ferreira, Claude le Bourgeois e Javier Hinojosa) que executarão obras de Gaspar Sanz, J. S. Bach, A. Mudarra, L. Narvaez, John Dowland, S. de Murcia, F. Campion, Sylvius L. Weiss, A. de Cabezón, A. Vivaldi e Gaspar Othmayr.

Maurice Suzan num concerto no Tivoli

Amanhã, ás 18 e 30, decorre no Tivoli o oitavo concerto programado para a segunda série de manifestações musicais da temporada da Orquestra de Câmara Gulbenkian, que, desta vez, será dirigida pelo maestro Maurice Suzan.

ORQUESTRA DE CÂMARA GULBENKIAN

TEMPORADA DE 1968/69

15.º CONCERTO

TIVOLI • AMANHÃ ÀS 18,30 HORAS

Maestro: MAURICE SUZAN

Solista: KJELL BAEKKELUND, piano

★

PROGRAMA

Sinfonia n.º 34 em dó maior ..... Mozart
Concerto em fá menor p.ª piano e orq. J. S. Bach
Concerto n.º 2 op. 21 p.ª piano e orq. Klaus Egge
Divertimento para orquestra de cordas Béla Bartók

BILHETES À VENDA

50% de desconto a estudantes
Espectáculos para maiores de 6 anos

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para ir bem instalado utilize os comboios eléctricos.

ISABEL WOLMAR TEVE ALTA ESTA TARDE

Foi na manhã do passado dia 28 de Fevereiro: nas proximidades da Avenida da Republica, uma viatura foi embater no automóvel que Isabel Wolmar conduzia. A popular locutora bateu com a cabeça no pára-brisas e ficou bastante abalada. Retomou, porém, o seu caminho: esteve toda a manhã em casa dos pais e só perto da hora do almoço se sentiu nitidamente perturbada. Chamado o seu médico assistente (dr. Vieira de Castro) ele ordenou o pronto internamento de Isabel Wolmar. E a artista recolheu á casa de saude da C. V. P.

Hoje, já restabelecida de uma comoção cerebral, mas ainda mal podendo andar (a perna direita tem dificuldade em pisar bem) Isabel Wolmar saiu da casa de saude.

A recuperação vai prolongar-se por mais de um mês, período de tempo que os médicos estabeleceram como mínimo para o repouso da locutora na sua residência, da Rua Cervantes. Depois, talvez seja necessária a intervenção de um ortopedista. O que, em termos de tempo, pode significar que a locutora estará afastada do pequeno «écran» até meados de Maio.

CIÊNCIA

CLUBES CIENTÍFICOS

ADMITE-SE GERALMENTE que os clubes científicos podem prestar autênticos serviços, não só estimulando o espírito de iniciativa e de invenção, como oferecendo uma saída aos indivíduos verdadeiramente capazes, destinados a tornarem-se investigadores, «produtores de ciência». Ora, fica-se chocado ao constatar que muito poucos são os países em que a criação destes clubes foi encorajada de modo sistemático pelas autoridades oficiais.

Nos Estados Unidos existe um certo número de clubes científicos ou industriais privados, de carácter nacional ou regional. O maior, chamado «Science Service», organismo dependente de fundos privados, patrocina os «Science Clubs of America», que contam 25 000 clubes filiados nas escolas secundárias e cobrem todo o território. Desde há vários anos a «National Science Foundation» acorda uma certa ajuda ao «Science Service», o que lhe permitiu desenvolver as suas actividades. No ano passado foi promulgada uma legislação que habilita o «Office of Education» dos Estados Unidos a estudar as finalidades e as actividades destes diversos organismos e a agir como câmara de compensação, a fim de as encorajar a cooperar e coordenar os seus esforços. Outras instituições encarregadas pelo Estado federal neste domínio são os «Future Farmers of America», «Department of Health, Education and Welfare» e «4-H Clubs of America», patrocinadas pelo Departamento de Agricultura.

Uma actividade que parece vir a desempenhar um papel importante no futuro consiste na «National Science Foir» (Exposição Nacional de Ciências) financiada pelo «Science Service» e na qual têm já participado numerosos expositores estrangeiros. Em 1960, na Feira de Indianapolis, que se realizou em Maio, tomaram parte cinco países.

Na U. R. S. S., os clubes são muito numerosos e activos. Os «Jovens Pioneiros» consagram uma grande parte das suas actividades ao estudo de aplicações científicas. Na maior parte das cidades, construíram-se grandes edifícios para os jovens interessados em ampliar os seus conhecimentos em determinados ramos da ciência, como a Biologia, Agricultura, Física Aplicada, etc. A frequência nestes clubes é facultativa e os alunos reúnem-se aí durante os seus tempos livres.

Na Áustria, os alunos são encorajados a executar por eles próprios determinados projectos; os resultados são muitas vezes expostos no museu ou na colecção da escola.

Na Grã-Bretanha, os clubes formam-se espontânea-

(Continua na 10.ª página)

A análise da radiação infravermelha emitida pelo corpo humano

O CORPO HUMANO absorve e perde constantemente energia. O calor que liberta deste modo traduz-se por uma radiação infravermelha fraca. Para estudar a distribuição do calor no corpo humano, é teòricamente suficiente recolher as radiações emitidas pelas diversas zonas do corpo.

Só há cerca de dez anos se começou a encarar o interesse de um tal método em Medicina. Com efeito, como a temperatura dos órgãos varia em função do seu metabolismo e do seu estado de funcionamento, detectar a radiação infravermelha dos diferentes órgãos ou partes do corpo deve permitir localizar alterações de funcionamento, tumores, etc.

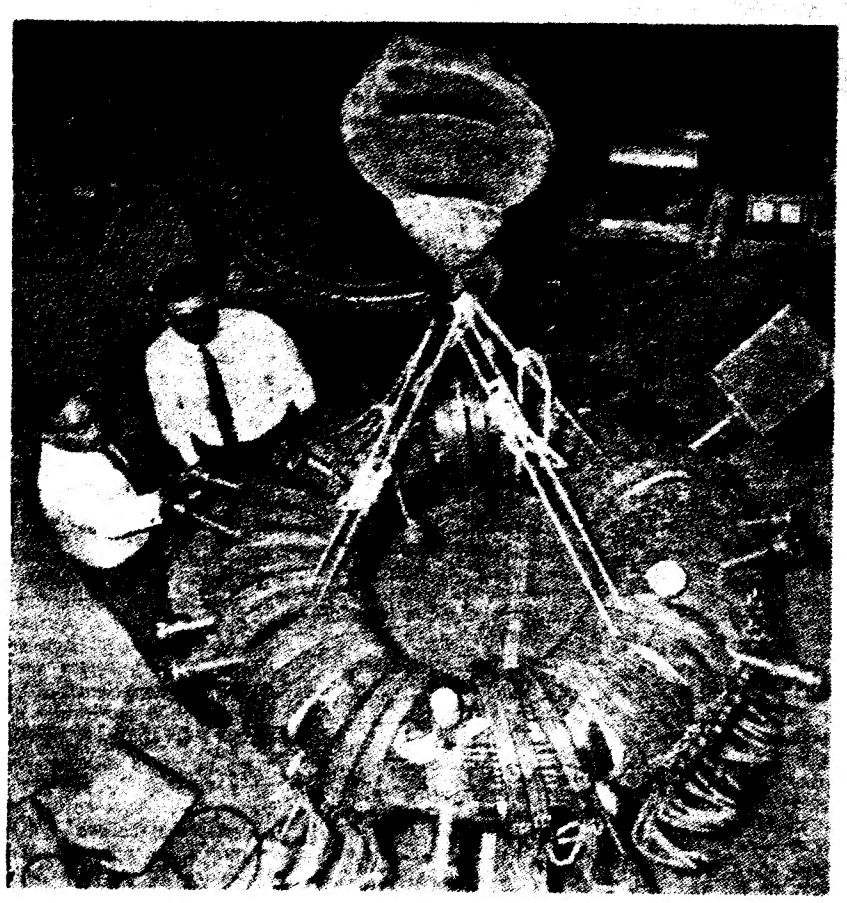
Para esse fim, os especialistas tentaram realizar aparelhos, actualmente chamados *termógrafos*, que registam a radiação infravermelha do corpo humano. Tais instrumentos foram construídos nos Estados Unidos, na Suécia e, mais recentemente, em França.

Esquemàticamente, o aparelho compõe-se de uma cabeça de detecção capaz de captar a radiação infravermelha do corpo, em comprimentos de onda em que esta radiação é máxima (10 mícrons). As radiações são recolhidas por um primeiro espelho, oscilante, e, em seguida, analisadas por um segundo espelho, que envia os fluxos luminosos para um detector, que os transforma em sinais eléctricos. Estes sinais são enviados para um dispositivo de visualização, sendo a imagem reconstituída no «écran» de um osciloscópio: obtém-se, então, um *termograma*. Todo o conjunto funciona a temperaturas muito baixas, para evitar a formação de radiações parasitas.

É evidente que o termograma só tem interesse se traduzir variações muito pequenas de temperatura entre os diversos órgãos. Necessita-se, pois, de um aparelho sensível, pelo menos, ao décimo de grau. Além disto, é necessária uma imagem precisa. O instrumento, que foi concretizado há pouco tempo em França, tem uma definição de 150 linhas (ao passo que o americano só tinha 100 linhas). Realiza quatro fotografias por segundo, de 30 por 40 centímetros.

Para proceder a um diagnóstico médico, o paciente é colocado numa sala mantida a cerca de 21° C. O termógrafo varre a superfície corporal de que se quere obter uma imagem. As zonas quentes surgem como manchas brancas, e as zonas frias como manchas mais escuras.

Este método de radiodiagnóstico pode ser utilizado em numerosos casos: detecção rápida de gravidez, cancro do seio, anomalia dos vasos sanguíneos, fracturas ósseas, cálculo renal, etc. Não apresenta perigo algum, pois o corpo do indivíduo não está submetido a acção de qualquer radiação, como acontece, por exemplo, numa radiografia com raios X. A termografia pode, portanto, ser utilizada várias vezes num mesmo paciente em exames quase contínuos.



Wendelstein W II, utilizado em investigação sobre fusão nuclear, no Instituto de Física de Plasmos, em Garching (Alemanha Federal)

PRODUÇÃO DE PLASMA QUENTE ESTÁVEL

UM GRUPO DE FÍSICOS que trabalha no Instituto de Física de Plasmas em Garching, perto de Munique (Alemanha Federal), parece ter resolvido com sucesso, o problema de conservação de plasma estável gasoso quente, por longos períodos de tempo.

Há cerca de três anos, o grupo de Garching anunciou resultados preliminares que pareciam indicar que um plasma estável de césio tinha sido encerrado pelos campos magnéticos produzidos pela aparelhagem com a forma de anel do tipo Stellarator.

Inicialmente o Stellarator foi criado em Priceton e posteriormente modificado e desenvolvido em Garching. Descobriu-se que as condições físicas de plasmas hidrogénio muito quentes, necessárias para a fusão nuclear, podiam ser simuladas em temperaturas consideràvelmente baixas, utilizando átomos muito mais pesados, por exemplo, césio. Os átomos de césio podem fàcilmente ser ionizados pelo contacto com uma superfície metálica quente e, a temperaturas de 2000-2500° c, têm exactamente os mesmos percursos que deuterões no hidrogénio pesado.

Quando os primeiros resultados de Garching foram anunciados, fizeram-se tentativas em Priceton para reproduzir a dita estabilidade, mas sem sucesso. Este facto deu origem à suspeita de que o sucesso de Garching foi um acaso, e dependia das propriedades particulares e irreprodutíveis de aparelhos comparativamente pequenos — designados por Wendelstein WI. Contudo, actualmente, foi construída uma outra muito maior — Wendelstein WII, que possui muito maiores propriedades de estabilidade. Em vez do césio, foi empregue bário, pois tem propriedades eléctricas e ópticas maiores que o césio. Permite a observação do plasma por métodos puramente espectroscópicos.

Os recentes resultados confirmam as investigações primitivas, e o Wendelstein W II parece ser a primeira instalação capaz de trabalhar continuamente e manter o plasma durante horas. A idade média das partículas de plasma — o tempo durante o qual átomos individuais de bário se mantêm ionizados — é de cerca de um segundo.

A equipa de Garching espera que seja possível utilizar o novo aparelho na produção de plasmas estáveis em maiores densidades e temperaturas mais altas, como primeiro passo para uma planta piloto de deutério e, consequentemente, obtenção de fusões controladas.

Novo acelerador linear de electrões

NO MÊS PASSADO, foi inaugurado, em Saclay (França) um acelerador de partículas, construído pela C. E. A. (Comissão de Energia Atómica francesa). Designado por A. L. S. (Acelerador Linear de Saclay), permitirá fornecer aos electrões uma energia da ordem dos 600 milhões de electrões-volt (M e V) e, consequentemente, a realização de novos estudos sobre a estrutura do núcleo atómico.

Ao passo que os grandes aceleradores de partículas — por exemplo, os construídos em Serpoukhov, na Rússia, no CERN, em Genebra, e em Brookhaven, nos Estados Unidos — são destinados ao estudo das partículas elementares, o A. L. S. foi concebido para permitir observações inéditas sobre o próprio núcleo do átomo. Daí as suas características definidas em 1964, data em que a sua construção foi decidida, a saber: um acelerador linear de electrões de concepção clássica, mas cujas modalidades de funcionamento foram objecto de estudos específicos.

Para estudar a estrutura do núcleo atómico é necessário, de qualquer modo, adaptar um microscópio a essa missão. Devem ser cumpridas quatro condições:

- *Como a distância que separa os constituintes do núcleo é extremamente pequena (da ordem de um décimo bilionésimo de bilionésimo de centímetro) é necessário dispor de um instrumento que permita proceder a análises muito «finas»; é, portanto, imprescindível iluminar o objecto a estudar com uma radiação emitida em comprimentos de onda muito curtos, ou, o que será idêntico, dotada de uma energia muito elevada. Esta energia deve ser superior àquela pela qual se pode representar a distância entre dois constituintes do núcleo: 200 M e V. Por isso, foi decidido acelerar, por intermédio do A. L. S., os electrões de modo a atingirem energias de 600 M e V. A maior parte dos instrumentos até aqui utilizados no estudo do núcleo atómico não ultrapassavam 100 M e V.*
- *A intensidade de feixe deve ser grande, para permitir uma visão clara. Para o A. L. S. é superior às que oferecem os outros aceleradores (200 microamperes para uma energia de 500 M e V com uma potência injectada de 100 kW).*
- *A imagem não deve ser toldada pela intervenção de radiação cujo comprimento de onda — ou energia — difira muito do que se procura. Portanto, convém que o feixe tenha uma «definição» excelente em energia: as energias a que se levam os electrões não devem diferir muito de um valor nominal. Os físicos diriam que o espectro de feixe não deve ser muito estreito.*
- *Por fim, é necessário dispor de uma iluminação tão contínua quanto possível. Mas um acelerador de partículas trabalha em «soluços»: as partículas que acelera formam grupos, e entre a chegada de cada grupo de partículas ao alvo existe um determinado intervalo de tempo morto. Os construtores do A. L. S. esforçaram-se para reduzir este tempo morto ao mínimo, isto é, aumentar o «ciclo útil» do aparelho. Trabalhará 1 % do tempo (mil impulsos por segundo, cada um com duração de dez microssegundos) ao passo que para as acelerações lineares não se ultrapassa, em geral, uma percentagem de utilização efectiva de tempo de 0,1 %.*

Espera-se que o A. L. S. permita observações de reacções fotonucleares e electronucleares. De momento só um outro acelerador em construção nos Estados Unidos permitirá a concretização de estudos análogos aos do A. L. S.

O Mar conhece-nos há 50 anos

*LISBOA. Entrado ao serviço da S. G. em 1919 coube-lhe a honra de estabelecer o primeiro contacto entre a nossa Companhia e o oceano.

Foi de facto o mar que nos proporcionou a experiência em que alicerçamos o futuro. Foi ele que nos ensinou a lição fundamental da permanência e da transformação.

Assim, a nossa Companhia, que vem servindo uma vasta clientela disseminada pelo mundo inteiro, continuará a seguir uma única rota: uma rota de progresso, a que conduz à inovação, à descoberta de novos valores, ao seguro desenvolvimento da riqueza nacional.

SG

SOCIEDADE GERAL

DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES, S.A.R.L.

LISBOA - Rua dos Douradores, 11 - Tel. 370151 - Telex 1548 * PORTO - Rua Sá da Bandeira, 84 - Tel. 22314 - Telex 02718

«1969: Odisseia no Quelhas»

—ou a récita dos finalistas de Económicas e Financeiras

Os finalistas do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras têm esta noite, no Teatro da Trindade, a sua récita de despedida, que expressivamente intitularam «1969: Odisseia no Quelhas». É a última festa de estudantes de 104 jovens que com entusiasmo se preparam ao longo de muitas semanas de trabalho. Esta manhã efectuou-se o ensaio geral, com a presença de avultado número de colegas seus. Tudo correu bem, a «malta» riu-se com vontade e a noite promete...

O espectáculo divide-se em dois actos e 15 quadros, em que sobretudo são satirizados — como é hábito — os professores, além de não deixar de se criticar, como se impõe (dizendo, ou sugerindo, a rir, coisas bastante sérias) o próprio ensino e as velhas, quase arqueológicas, instalações do seu Instituto. Há arremedos de aulas, há as mais famosas melodias nacionais da actualidade adaptadas à **realidade económica e financeira** da Rua do Quelhas, há danças regionais, há piadas das boas e das outras que talvez não o sejam...

O texto foi escrito pelos próprios finalistas e a direcção artística esteve a cargo de Rosa Mateus (poema), Paulo José (danças) e maestro Alves Coelho Filho (música). Entre os estudantes-actores (e actrizes) com mais longa e notória intervenção contam-se Jaime Ramires da Silva, José Eduardo Lopes, José Macedo Pereira, João Manuel Pinhal, Benny Andrea, Helder Oliveira, Francisco Mafra, Elisa, Maria Julia Paixão, Maria Lídia Barreiros, Maria Celeste Barrier e Macedo Pereira.

Entre algumas perguntas que «só não são cretinas por serem nossas» respigamos: «Poderão alguns professores contribuir com alguns tachos para a nova cantina?»; «Reformar é apenas mudar os nomes? Ou bastará **continuar... adaptando?**»; «Com o trabalho no Quelhas terá o Jacinto tempo para assinar notas? E se a inflação aumentar?».

E com a música da «Desfolhada», sob o título de «Rasgalhada» (1.º Prémio do Festival da Quelhovisão 69) cantar-se-se-á assim:

«Capa de nada / Sem conteúdo / Empresa linda / Livro maçudo / É d'arrebenta / É porcaria / Quem faz sebenta / Não a copia / É ordinário / Tal não se faz / / Mas o Barbelas / Quis ser um ás / Filho dum rei / / Que sendo velho / Lixou a grei / Com tal fedelho.» E a concluir: **«Minha sebenta / Que desventura / Mal copiada / Que desfolhada / / Minha sebenta / Minha tortura / Por mim perdida / / Por mim rasgada.»**

Um aspecto do ensaio geral, esta manhã

A melhoria das condições de vida dos trabalhadores rurais

apoiada na Assembleia Nacional

Sob a presidência do sr. dr. Soares da Fonseca, prosseguiram esta tarde os trabalhos da Assembleia Nacional, continuando na ordem do dia a discussão da proposta de lei sobre as Casas do Povo e a previdência rural, estando inscritos oito deputados.

Falando na ordem do dia, o deputado Teófilo Frazão, depois de aplaudir os intuitos do Governo, afirmou:

«Em todas essas nossas intervenções passadas, lançámos o proclame da necessidade premente, em favor dos tão desprotegidos trabalhadores da terra, duma previdência válida, por extensa e forte, e dum abono de família de aliciação, por vultoso, adentro do possível, que nunca deverão cair abaixo dos níveis atribuídos aos servent uários do comércio e da indústria, para que não haja recriminação pela injustiça do trato dado a quem já hoje se sente deprimido no seu mister, e o deve ter antes por crédor de exaltação».

O deputado, apoiou seguidamente a proposta de lei, declarando, porém, a certa altura:

«Ora, uma lavoura estiolada como a que temos, e eu recordo a debilitação do nosso Campo Branco sul-alentejano — as terras de Mértola, Almodôvar, Castro Verde e Ourique — e mais as serranias de Serpa e do Algarve, não vejo como há-de suportar mais encargos, e da ordem daqueles que se antevêem na proposta de lei. E aqui reside para nós o maior dói da proposta, digamos até o seu unico dói, aquele que nos parece não ter cura, senão erradicando-o completamente».

E prosseguiu:

«Ficámos em extremo agradados com a compreensão mostrada pela situação deprimida da economia agrícola, e consequente imposição, prevista, dum substancial reforço de receitas exteriores ao sector. Nós diremos que ele não tem que ser substancial, tem mesmo que ser total, pois a contribuição do patronato agrícola não pode ir além daquela hoje já dificilmente suportada, sobretudo para muitas explorações que são as do mais. Nós bem sabemos que o Regulamento anunciado, e não conhecido, é que ditará a concretização das normas gerais expressas nas bases da proposta. Só se pede que ele tenha a tessitura tão perfeita e compreensiva, quanto o texto em discussão».

Já a terminar, disse aquele deputado:

«No que respeita á previdência, parece-nos muito bem que a ela tenham direito os produtores agrícolas de rendimentos extremamente minguados. E também damos plena concordancia, atentas as multiplas implicações em assunto de tanta magnitude e transcendência, á necessidade de se caminhar sem pressas, por fases, para que não haja passos em falso. Mas note-se que não se deve ir tão devagar que não se chegue mesmo ao fim. A premência do bem-estar rural não se compadece com uma marcha excessivamente lenta e intermitente.»

A INDÚSTRIA E O NÍVEL DOS PREÇOS

O presidente da Corporação da Indústria, dr. Augusto Sá Viana Rebelo, entregou ao dr. Fernando Alves Machado, secretário de Estado do Comércio, em audiência de trabalho, uma exposição em que a Indústria analisa a incidência que sobre ela recai, decorrente da acção fiscalizadora de preços ao nível do Comércio, e apresenta os seus pontos de vista em tal domínio.

INTERNATO HOSPITALAR: 494 CANDIDATOS

Reuniu-se na Direcção-Geral dos Hospitais o juri de admissão de médicos ao internato hospitalar que este ano, e pela primeira vez, integra todos os hospitais num único esquema de validade nacional. É composto pelo inspector superior de medicina, que preside, e pelos chefes de internato dos hospitais centrais.

A este concurso de admissão ao internato geral, aberto por aviso publicado na II Série do «Diário do Governo» de 19 de Fevereiro de 1969, concorreu o número extraordinário de 494 candidatos.

Em face do interesse no meio médico, pela carreira hospitalar — recentemente estabelecida —, bem como da conveniência em dispor de médicos hospitalares em número suficiente para suprir as carências verificadas neste sector, decidiu o Ministério da Saúde e Assistência admitir, excepcionalmente e no presente concurso, todos os candidatos, não obstante os encargos financeiros daí resultantes e as dificuldades que há-de ter os serviços onde o estágio se faz.

Igualmente, se entendeu dar inteira satisfação ás preferências manifestadas por cada um, distribuindo os candidatos para os hospitais onde desejam frequentar o internato.

Um aviso afixado em todos os hospitais centrais determina que os médicos admitidos, devem apresentar-se aos respectivos chefes do Internato Médico ás 9 horas do dia 31 do corrente, iniciando as suas funções no dia imediato. Para efeitos de nomeação, devem também os candidatos admitidos entregar, na secretaria do hospital onde foram distribuídos, alguns documentos adicionais, especificados em aviso aí afixado.

Nova derrocada no prédio (habitado) em ruínas na Avenida Miguel Bombarda

Voltou a ruir, ao princípio da tarde, parte das traseiras do prédio n.º 116-120 da Avenida Miguel Bombarda, pertencente á sr.ª D. Elvira Gouveia, residente na Calçada Marquês de Abrantes, 24.

Em Novembro último, haviam-se desprendido as varandas traseiras do edifício, o qual, contudo, continuou habitado em todos os andares, tendo sido recomendado aos inquilinos que não utilizassem as dependências mais afectadas, nomeadamnte as cozinhas e outras divisões. Foi precisamente essa parte que hoje ruiu, sem que se registassem danos pessoais.

Compareceram no local elementos do B. S. B., sob o mando do chefe Mário Rodrigues, os quais, procederam á demolição de uma parede divisória e da lanternim do 3.º ao 6.º andar.

Tentativa de roubo aos correios de Belas

BELAS, 18 — Esta madrugada, larápios assaltaram e tentaram roubar a estação dos C.T.T. desta vila. Cerca das quatro horas da manhã, os intrusos partiram uma janela do edifício da estação, situada na Avenida Comendador Vieira de Brito, 1, num andar térreo, e tentaram forçar o cofre onde, de facto, estão encerrados valores fiscais e dinheiro. Não o conseguindo, revolveram gavetas e armários, e acabaram por se retirar sem levar nada consigo. O caso foi entregue á G.N.R. do Cacém.

A morte da mulher na estrada da Marinha Grande foi devida a atropelamento

Como oportunamente noticiámos, foi encontrada morta numa ribanceira, junto á berma da estrada da Marinha Grande, a sr.ª Maria do Rosário da Silva Arrimar. Embora não se pusesse de lado a possibilidade de crime, aventou o nosso jornal que a ocorrência poderia ser atribuída a atropelamento com fuga.

Assim aconteceu, como acaba de verificar-se com a descoberta do automobilista que atropelou a pobre Maria do Rosário da Silva Arrimar e em seguida se pôs em fuga. Trata-se de António Constantino de Carvalho, proprietário e condutor do carro LB 45-54, residente em Leiria.

Esta tarde, pelas 14 horas, a Polícia de Viação e Trânsito procedeu á reconstituição do atropelamento para mais amplo esclarecimento de todos os factos.

CLUBES CIENTÍFICOS

(Continuação da 8.ª página)

mente nos estabelecimentos escolares. Os jovens reúnem-se normalmente nas escolas, depois das horas de aulas. É indiscutível que estes clubes estão em franco florescimento. Muitos publicam relatórios sobre as suas actividades e determinadas sociedades de história natural, originadas nas escolas, publicam trabalhos que contribuem directamente para o enriquecimento das ciências. A «British Association for the Advancement of Science» concretizou, recentemente, um programa destinado a ajudar as sociedades escolares, fornecendo-lhes conferencistas e material.

A Noruega possui alguns clubes científicos e, todos os anos tem lugar um concurso, sancionado pela atribuição do «Prémio de Matemáticas do Prince Royal». Em contrapartida, a Itália, a Dinamarca e a Suíça assinalam uma fraca actividade neste domínio. Na Bélgica, contam-se numerosos clubes científicos e uma Associação nacional da juventude científica. Quanto ao movimento francês de clubes científicos, desenvolve-se muito ràpidamente com o apoio dos poderes públicos.

Em conclusão, os clubes científicos parecem poder desempenhar grandes serviços e conviria que as autoridades favorecessem a sua criação e actividades. Este facto é particularmente importante para os países em vias de desenvolvimento onde os clubes deste tipo são, por assim dizer, inexistentes.

Prof. JOSEPH LAUWERYS

(Do relatório apresentado à sessão da O. C. D. E., em Istambul, 1961).

BANCO DE ANGOLA

NOVA AGÊNCIA BANCÁRIA

EM COIMBRA

Prosseguindo no seu programa de expansão com vista á cobertura do território continental, vai o Banco de Angola abrir ao público no próximo dia 20, a sua 36.ª Dependência, instalada provisòriamente na Rua da Louça, 91-A, em Coimbra.

A existência, na terceira cidade do País, de uma crescente vida activa tanto no plano cultural, como no industrial e comercial, justifica plenamente esta iniciativa do Banco de Angola que se integra no esforço eficaz que vem desenvolvendo, no sentido de assegurar e facilitar ás populações locais a comodidade e eficiência de serviços que cobrem todas as operações bancárias.

O NÍVEL DO TEJO SUBIU DE NOVO EM SANTARÉM

SANTARÉM, 18 — Continua o sobe-e-desce do Tejo em toda a região ribatejana, afectando gravemente as culturas e impedindo milhares de rurais de ganhar a sua vida. A cheia, que ontem, desde as primeiras horas do dia, havia aumentado de volume, registou hoje uma pequena descida em Ródão, mas mantém-se sem alteração na Barquinha e subiu de nível nesta cidade.

Em virtude de ter voltado a chover em toda a região ribatejana, depois de breve pausa, teme-se que a situação venha a agravar-se ainda mais.

A leitura das escalas hidrométricas, ás 3, 6 e 9 horas de hoje, fornecia os seguintes resultados: em Ródão, respectivamente, 12.20 metros, 11,75 metros e 11,08 metros; na Barquinha mantinha-se em 8,8 metros; em Santarém, as marcas atingiram 7,35 metros, 7,39 metros e 7,45 metros.

Continuam interrompidas ao trânsito as seguintes estradas: Rossio de Abrantes-Tramagal; Chamusca-Golegã; Golegã-Azinhaga do Ribatejo; Pombalinho-Vale de Figueira; Ribeira de Santarém-Alcanhões; Santarém-Almeirim; Tapada-Alpiarça; Vale de Santarém-Valada do Ribatejo; Santana-Cartaxo; e Valada do Ribatejo-Reguengo.

As povoações de Valada do Ribatejo e de Reguengo do Alviela continuam isoladas pelas águas, tal como duas ilhas.

Aspecto das derrocadas na encosta das Portas do Sol em Santarém

Estradas interrompidas perto de Aveiro

AVEIRO, 18 — Devido ao mau tempo, encontram-se interrompidas diversas estradas perto desta cidade, nomeadamente as que ligam Loure a Frossos, Travassou a Eirol e Eirol a Trens. Na estrada que liga Coimbra a Aveiro está, também, interrompido o troço entre Mamodeiro e Oiã, pois a água está aí nivelada com o asfalto

Na parte baixa da cidade de Aveiro, aparte inundações provocadas pela maré cheia, nada se tem notado de especial. Entretanto, as marinhas de arroz e de sal, bem como a maioria dos campos, encontram-se completamente alagadas. Por exemplo, em três campos, perto de Aveiro, propriedade do mesmo fazendeiro, as sementeiras de batata encontram-se totalmente perdidas.

EM COIMBRA

Restabelecidas as carreiras dos transportes colectivos que a cheia do Mondego afectara

COIMBRA, 18 — Apesar de continuar a chuva copiosa acompanhada de vento forte, o caudal do Mondego diminuiu consideràvelmente, durante a noite, pelo que as águas abandonaram a maioria das ruas da Baixa, ontem invadidas na maior cheia registada nos últimos 20 anos.

Puderam, assim, ser restabelecidas as carreiras de transportes colectivos, que reentraram na normalidade, depois de terem sido interrompidas ontem, a meio da tarde.

Nos ultimos vinte anos registaram-se no Mondego três grandes enchentes. Em Janeiro de 1948, o caudal do rio atingiu 6.48 metros e as águas cortaram a Estrada Nacional n.º 1, em Santa Clara, que liga á antiga ponte, invadiram todos os terrenos onde actualmente se encontra o Estádio Universitário. Na segunda, no dia 2 de Janeiro de 1962, atingiram, ás 22 horas, a altura de 6.08 metros e agora, a maior altura registada, foi de 5,5 metros.

Entretanto, os Serviços Municipalizados recomendam que a água seja fervida antes de utilizada

Caiu à ribeira

PROENÇA-A-NOVA, 18 — Na margem da Ribeira de Freixiada, próximo da povoação de Redonda, apareceu o cadáver do sr. Juvenal Gonçalves Dias, de 63 anos, trabalhador rural, casado, e residente na povoação de Cor Caniço, freguesia de Sobreira Formosa, deste concelho.

O cadáver foi encontrado por um moleiro da região, pois impedia os movimentos do seu moinho. Presume-se que o pobre trabalhador tenha caído á ribeira (cujo caudal engrossou consideràvelmente nos últimos dias) sendo arrastado pelas águas ao longo de 16 quilómetros.

MELHORIA DO TEMPO

De acordo com as previsões, o tempo parece evoluir lenta mas firmemente. A precipitação pluviométrica, nas últimas 48 horas, decresceu enormemente.

Assim, de acordo com as informações oficiais, enquanto das 9 horas do dia 16 até ás 9 do dia 17 a precipitação foi de 17,8 milímetros, ás 9 horas de hoje verificou-se que a precipitação nas últimas 24 horas foi, apenas, de 0,3 milímetros.

É certo que, durante a manhã, caíram alguns aguaceiros em Lisboa. Mas, ao princípio da tarde, o sol iluminou intensamente a cidade e tudo leva a crer que o pior tenha passado.

UM PORCO NADADOR VENCEU A CORRENTE DAS CHEIAS DO RIO LIS

LEIRIA, 18 — Arrancado contrafeito ao conforto da sua pocilga, onde o trato cuidado o fizera engordar para cima de uma duzia de arrobas, o suino ao cabo de muito trabalho foi carreado a caminho do matadouro da cidade, sobranceira ao rio Lis.

Descontente com a estranha sensação da viagem em camioneta, ou com presságios a ruminarem-lhe no seu espírito de porco, o animal ofegante e resmungão pensou fazer das suas. Logo que o veículo parou e se acabaram aqueles balanços incómodos por «caminhos onde o demo perdeu o cachimbo», como dizia o nosso Eça, o suíno pôs em prática os seus planos, fugiria por estradas e caminhos alagados da chuva persistente que caía, em busca da liberdade e do conforto que experimentara, no seu tugurio.

Precisamente quando era apeado, teve um assomo de vindicta e lançou-se em corrida tão veloz quanto o peso lho permitia. Vesgo como era, com a chuva a fustigá-lo e as orelhas distendidas como dois enormes abanos, o foragido não teve com meias aquelas: atirou-se ali ao rio trasbordante e caudaloso e logo foi envolvido pelas águas revoltas. O seu dono, sr. Adelino Rodrigues Nogueira, comerciante nesta cidade, sentiu tamanho calafrio por ir perder, de maneira tão insólita, uma das reses que fora o orgulho da sua abegoaria e que não se cansava de contemplar debruçado sobre a portinhola da pocilga!

Entretanto, o animal, que deve ter sido um exímio nadador, não se deixou vencer pela força da corrente, e vencendo duas quedas de água de grande altura, lá foi seguindo rio abaixo misturado com os detritos e caniços a anunciar o aumento de volume da enxurrada. Atravessou a cidade e gente houve que o viu boiar, mais abaixo, num torvelinho em direcção ao mar, irremediàvelmente perdido...

Mas, quando já ninguém esperava, eis que o animal consegue fazer mais uma das suas: livrar-se da torrente arribando á margem direita do rio, após nadar cerca de dois quilómetros.

Este derradeiro esforço, de nada lhe serviria afinal. Alguém descobriu o suíno a caminhar pachorrentamente, alquebrado do esforço de tão inesperada maratona, e laçou-o com uma corda. Foi dado conhecimento do achado ás autoridades e estas não tiveram dificuldade em descobrir o seu dono que ao fim e ao cabo andou com sorte, recuperando o enfadado e famigerado porco de que a estas horas já nem os chiqueiros existem, e cuja aventura se prestaria a uma interessante fábula... — M. J. P.

A cheia do Douro no Cais da Ribeira

INTERROMPIDA (EM MONTEMOR-O-VELHO) A ESTRADA ENTRE COIMBRA E A FIGUEIRA DA FOZ

MONTEMOR-O-VELHO, 18 — Encontra-se cortada, numa extensão equivalente ao comprimento desta vila, a estrada de Coimbra á Figueira da Foz. O corte, entre os lugares dos Anjos e de Quinhendros, resulta da inundação da estrada, registando-se, por vezes, um metro de água sobre a via.

Muitas residências encontram-se em perigo e não há corrente eléctrica, em virtude de ter sido atingida pelas águas a cabina de rede de distribuição de energia.

RUIU O QUE RESTAVA DO MURO DO DAFUNDO

A meio da manhã, no Dafundo, desabou um muro na Rua Sacadura Cabral, o qual, em parte, tinha ruído há já alguns dias, devido a infiltração pluviosa

A extensão hoje desmoronada, com o comprimento de sete a oito metros, atingiu uma fábrica de fogões, fendendo a fachada e estilhaçando janelas.

Não houve desastres pessoais.

Continua por identificar o cadáver aparecido na Moita do Ribatejo

MOITA DO RIBATEJO, 18 — Não foi ainda identificado o cadáver de um homem com 1,60 metro de altura, aparentando 35 anos, que apareceu ontem, ao fim da tarde, numa caldeira do Esteiro da Moita, junto de umas gramateiras.

O cadáver encontra-se na casa mortuária do cemitério desta vila. A P. S. P. tomou conta da ocorrência.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ECOS

A tensão emocional entre ingleses e franceses parece agravar-se. Uma sondagem da opinião publica britânica, publicada no **Evening Standard**, após o debatido caso Soames, indica que 47% dos insulares são neste momento hostis á pátria de Napoleão e desejariam que o Governo de Wilson adoptasse uma atitude dura em relação á França, enquanto 38% dos subditos de Sua Majestade seriam antes partidários de uma política de conciliação. Segundo a mesma sondagem, 54% dos ingleses atribuem á França a responsabilidade pelas más relações actuais entre Londres e Paris; 30% admitem uma divisão das culpas; e apenas 4% incriminam o Governo trabalhista. A maioria das pessoas interrogadas consideraram inoportunas quaisquer visitas eventuais do presidente de Gaulle á Grã-Bretanha ou da rainha Isabel á França. É claro que os seres humanos reagem com frequência mais emocional do que racionalmente e até a forma como se exprime esta indignação antigaulesa confirma que a sociedade britânica carece de uma correcta visão política do acontecer histórico, embora não seja sempre fácil dissociar a vida dos povos das posições assumidas no vértice dos órgãos que os dirigem.

★

O rigor, a ironia terrível e cintilante, o áspero desejo de ver sempre o mundo de frente levaram Roger Vailliant a escrever nos seus «Ecrits Intimes» (o grande êxito literário e editorial do momento em França) confissões e reflexões deste género: «Lisina consegue mais um dia em Roma. Gosto da dureza, da hipocrisia, da ausência de escrupulos, da ferocidade das mulheres apaixonadas. Diz ela: — Se uma hecatombe ameaçasse o X e toda a minha família e me bastasse um gesto para suster tal cataclismo, não o faria, pensaria apenas que poderia enfim ficar contigo. «Uma mulher apaixonada — acrescenta Vaillant — liberta-se mais fácilmente do que um homem da sua **personalidade**; é certo que a personalidade é uma instituição masculina».

ELAHE, NOME DE DEUSA

A princesa das «Teen-Agers» passeou por Alfama e jantou no Casino Estoril

Elahe Azedi, a jovem iraniana que conquistou em Chicago o título de «International Teen Princesse de 1968, desceu Alfama a pé para ver o que resta de mais genuino da velha Lisboa muçulmana de outros séculos. Vasos com flores e roupa á janela saudaram-na durante uma breve pausa na invernia.

Para Elahe, 16 anos com olhos verdes, é tudo novo. A própria mãe, dr.ª Fereshteh Azodi (licenciada em em Ciências Politicas), diz que foi essa espontaneidade o maior argumento da menina por ocasião da final do concurso. Raparigas de 17 e 18 anos, muito bem vestidas e maquilhadas, estavam antecipadamente fora de qualquer discussão.

Penteada pelos cabeleireiros Amaro, Manuel e António, do Chiado, a nossa convidada prestou-se tranquilamente a ser fotografada no miradouro do Castelo de S. Jorge, onde o vento lhe desfez os caracóis **negros. Reacção:** um sorriso bem disposto. Pouco depois, mãe e filha cruzavam a estreita Rua de S. Pedro, no meio de um cheiro intenso a peixe fresco. A dr.ª Fereshshteh levou o lenço ao nariz. Mas Elahe limitou-se a olhar, curiosa.

O avô foi três vezes ministro

Elahe é filha de um proprietário abastado. Tem gó um irmão, Djohni (que em iraniano quer dizer «minha alma»), de 13 anos, louco por automóveis, barcos e futebol.

Flores portuguesas para Elahe Agodi. Foi no Casino Estoril, onde a «Princess International das Teen-Agers» viu pela primeira vez um espectáculo do género

— *Quando saimos de Teherão, o Djohni ficou «pendurado» num torneio internacional de futebol com turcos, iraquianos e russos. Até á penúltima jornada, o Irão ia á frente. Mas depois, para grande desgosto do Djohni, perdeu contra os russos...*

O lado materno da família está ligado á diplomacia. Comecemos pelo avô, que foi embaixador em Estocolmo e ministro dos Negócios Estrangeiros (três veses). Um tio faz carreira neste mesmo ministério. E a própria mãe tinha essa ideia — simplesmente, o casamento (leia-se Irão, leia-se Portugal) orientou-a para outro lado.

—*«Elahe» quer dizer alguma coisa em iraniano?*

A menina sorri, de olhos muito abertos.

— *Quer dizer «deusa».*

Filigranas na Varanda do Chanceler

A convite de Leonel Coelho, Elahe e a mãe almoçaram na Varanda do Chanceler. Ao longe, subindo lentamente o rio, via-se uma fragata.

— *Parece um barco árabe. É como os de Bagdad!*

Na longa ementa da casa, a princesa das «Teen-agers» escolheu creme de tomate com ovo, «filet mignon» e um «D. Rodrigo». Mas o garfo começou a hesitar.

— *Manda-se vir outra coisa, Elahe...*

— *Não é isso. Estou sem apetite nenhum desde os exames.*

Há seis anos de liceu no Irão, e Elahe está no quinto. Gostaria de ser tradutora na O. N. U. Espera-a tanto, tanto que fazer.

No final a gerência da Varanda do Chanceler ofereceu á «princesa» um estojo de filigrana. E veio a revelação:

— *No meu país há trabalhos de ourivesaria muito parecidos, também com fios de prata!*

De onde toda a gente ficou de acordo: a herança oriental é um facto no extremo Oeste da Europa.

Sorriso persa ganhou muitos pontos na final do concurso. Agora, como prémio, uma viagem de recreio que começou precisamente em Lisboa

Nunca tinha estado num casino

Elahe, que dançou pela primeira vez em público depois da eleição de Chicago, nunca tinha estado num casino. Por isso o convite da Sociedade Estoril-Sol deu-lhe uma pontinha de nervoso.

— *Nem sabe o que são atracções!* — riu a mãe.

E Elahe devorava tudo com os olhos verdes. «Paris Jazz Ballet», os «Kamal's» «Karen Kay»... Alguém velo trazer um centro de mesa repleto de cravos (que foi preciso ir buscar ao Guincho). Alguém fotografou de longe, de perto. O deslumbramento espelhava-se na jovem persa. Casino Estoril: o primeiro casino da sua vida de 16 anos...

Como Elahe é noticia, a R. T. P. grava, esta tarde, uma entrevista com ela. Maria João Aguiar fará perguntas em inglês — mas podia fazê-las em francês, que seria igual. A menina não vê problemas em coisa nenhuma.

MOVIMENTO, RENOVAÇÃO E ABERTURA

Estamos a poucos dias da Primavera, no calendário; e anunciada foi ela já com muita antecedência, uma vez e outra; mas não deixam também os temporais de despejar autênticos baldes de água fria sobre o florir de intenções e esperanças. E como pedra branca registamos, nesta calr de Março, as afirmações claras, feitas no seguimento de muitas outras vindas a público nos últimos meses, da cerimónia de posse dos novos dirigentes da União Nacional no distrito de Leiria.

Não há Primavera sem renovo e sem movimento, sem vida aberta á luz do Sol. A inacção é a morte, a breve ou longo prazo. Tanto mais breve quanto mais fechada e dura for a imobilidade.

O presidente da comissão executiva da União Nacional, dr. J. G. de Melo e Castro, foi bem claro quanto á precisão de vitalidade politica, ao falar da «continuidade no movimento, que em dinamismo vivo possa também assimilar e absorver todas as ideias novas que surjam perante os nossos olhos e todas as iniciativas novas e todas as correntes politicas que sejam válidas e que estejam efectivamente ao serviço do interesse nacional legitimo, quer dizer, que não ponham em duvida o que há de essencial na ideia da Pátria e o que há de essencial no pensamento da nossa politica vigente». Nesse pensamento se acentue que as correntes só se conhecem quando aparecem, quando se manifestam através dos que nelas se integram e as orientam; se é verdade que «*nihil volitum nisi precognitum*», ninguém pode escolher o caminho quando só um existe. Escolha é sinónimo de opção.

E o mesmo homem público acentuou imediatamente: «A ideia de renovação corporiza-se e torna-se evidente nesta Comissão Distrital. Até no próprio grupo, até na própria idade dos componentes». E a exemplificação prosseguiu com as «35 primaveras» do próprio presidente da nova comissão distrital. Poderia até o dr. Melo e Castro ter ido mais longe, nesta época de centenários de personalidades e acontecimentos, no seu enaltecimento da juventude; e bastar-lhe-ia para tal dizer que o próprio dr. Oliveira Dias, com 35 anos, não será novo de mais para tomar conta do organismo politico distrital se atendermos em que o Infante D. Henrique tinha 21 anos quando foi a Ceuta, Pedro Alvares Cabral não passava de 32 anos ao ser-lhe confiada a esquadra com que descobriria o Brasil e Vasco da Gama nem na casa dos trinta entrara quando aportou a Calicut. Tinha 29 anos certos ao descobrir a India. E não foram tarefas de somenos essas na nossa história.

Mas a juventude que mais interessa ao País, na sua orientação, não é a que nos é atestada nas certidões de idade e sim a da vitalidade espiritual, a que não foge aos problemas porque tem de os resolver em sua vida e encará-los de frente porque os não pode nem deve querer deixar para os netos. E note-se que um homem é tanto mais forte e tanto mais corajoso quanto mais resiste aos embates adversários. Só comparando, só medindo, só dialogando, aferindo as nossas ideias pelas dos outros, somos capazes de conhecer o nosso valor e de o demonstrar. Daí também a necessidade de «assegurar um permanente diálogo com a Administração» de que falou a juventude do dr. Oliveira Dias.

Entre uma árvore dos montes e uma de estufa há a mesma diferença que há entre um homem fechado, intelectual, politico, sociólogo, escritor ou seja lá o que for, e outro aberto a todas as correntes, capaz de se defender e á sua causa e não esperando que lhe injectem a seiva e o protejam de qualquer corrente de ar. Por isso mesmo acrescentou o dr. Oliveira Dias: «Abertura porém não significa demissão de principios, mas consciência de que a vida politica se enriquecerá na medida em que for possivel a participação interessada do maior número, pelas vias da representatividade, na promoção do bem-comum, ou seja o conjunto daquelas condições da vida social, que permite aos homens, ás familias e aos grupos poderem alcançar mais plena e fácilmente a sua própria perfeição». E depois a concretizar o seu pensamento: «Queremos uma ordem politico-juridica em que sejam mais activamente protegidos alguns direitos da pessoa, como o de livre reunião, o de se associar livremente, o de exprimir a própria opinião, e o de uma informação objectiva, desta forma se assegurando uma melhor participação de individuos e grupos nos negócios públicos, no respeito pela dignidade da pessoa humana».

Parece-nos que os movimentos mais diferentes não deixarão de concordar com estas palavras do novo presidente da comissão distrital da União Nacional, em Leiria, já que esse mesmo objectivo tem sido manifestado nos mais diversos quadrantes da vida portuguesa. Manifestado por nós sempre que nos tem sido dado ao para tal porque, com o dr. Oliveira Dias, «acreditamos que tudo isto se pode conseguir sem quebra da indispensável autoridade do Poder, desde que actue dentro dos limites da ordem moral».

Não deixamos também de apoiar o novo dirigente da União Nacional quando ele diz: «A geração dos 30 aos 40 anos não ignora as dificuldades da hora presente, mas acredita que se podem harmonizar: autoridade e liberdade, iniciativa particular e exigências do corpo social, numa perspectiva de desenvolvimento integral, as vantagens da união com a diversidade de opiniões, a luta contra a subversão com a promoção da paz».

A geração não ignora as dificuldades da hora presente por certo, mas precisa de as equacionar, analisando-as publicamente, se lhe for dada a missão de as resolver. E não vemos como lhe possa ser negada, com justiça, tal missão.

As plantas de estufa estiolam com o ar e a luz e há muito quem confunda também a discussão com a desordem, a liberdade com a demagogia, como se desordem não pudesse vir de baixo ou de cima, uma vez que o gigantismo é tão desequilibrio como o raquitismo e a verdadeira ordem é harmonia entre os diversos membros do corpo ou da sociedade. Ordem não é sinónimo de sossego, antes o é de paz de harmonia. E como disse Paulo VI e o dr. Oliveira Dias lembrou: «Desenvolvimento é o novo nome da paz»

RAUL REGO

novidade literária

DUAS HISTÓRIAS EXTRAVAGANTES

de M. RAMOS DA CUNHA

A essência da vida em duas histórias onde a ironia e o drama se confundem; duas histórias que resumem a mais verista realidade.

Col. «Os Livros das Três Abelhas», 224 págs, 30$

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Apartado 8, Mem Martins

Delegação em Lisboa: Rua dos Sapateiros, 46, 2.º

Delegação no Porto: Rua de Entreparedes, 6, 2.º

Está elaborado o programa da «Queima das Fitas» dos estudantes de Coimbra

COIMBRA, 18 — Decorrem em ambiente de grande entusiasmo os trabalhos preparatórios das tradicionais festas da «Queima das Fitas», que têm o maior interesse no cenário unico da cidade do Mondego e adquiriram larga projecção e grande fama além-fronteiras.

Essas grandes festas dos estudantes, que atraem multidões de forasteiros e visitantes dos mais diversos países, decorrerão de 9 a 14 de Maio. Já está estabelecido o respectivo programa:

Como é tradicional, as brilhantes festejos começam ás 0 horas do dia 9 com a serenata monumental no Largo da Sé Velha. Nesse mesmo dia haverá a «Tarde Desportiva» e o sarau de gala no Teatro Avenida e ainda o primeiro festival do Parque Dr. Manuel Braga, intitulado «Noite de Farmácia».

No dia seguinte, «Tarde de Arte», no Teatro Avenida e o famoso «Baile das Faculdades» no ginásio do Liceu D. João III e festival no Parque Dr. Manuel Braga: «Noite de Letras».

No domingo (11), garrafada na Figueira da Foz e terceiro festival nocturno no referido parque: «Noite de Direito».

Na segunda-feira é o «Dia do Quintanista»: venda da pasta miniatura em benefício da Casa da Criança «Dr. Elísio de Moura», «verbena» e festival nocturno: «Noite de Ciências».

Dia 13 (terça-feira), desfile do famoso cortejo de carros alegóricos artisticamente decorados; e, á noite, o grande festival no parque: «Noite de Medicinas».

Na quarta-feira, no ginásio do Liceu D. João III, «Chá dançante» e no Parque Dr. Manuel Braga, ultimo festival: «Noite de Coimbra».

Conta Infantil

BANCO DO ALENTEJO

DIÁLOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

VALHA-ME Alberto Magno, escolasta que deu o mote e o beneplácito, as insignias e o abraço fraterno da sabedoria aristotélica a S. Tomaz de Aquino, quando este trocou o entusiasmo meridional pela metafísica germânica! Invoco a protecção desse ínclito guerreiro do pensamento teológico num momento grave da minha carreira, porventura menos teológico mas não menos sobrecarregado de dúvidas, heresias, suspeições filosóficas e promessas (sem esperança)... Fui sempre um bípede temente aos deuses do paganismo e às altívolas especulações gramaticais da época feudal. Por isso me alanceiam dúvidas escruciantes! Bem sei que o direito à dúvida não pertence à vestimenta e ao estatuto do servo e do vassalo que eu sou. Apesar de tudo, duvido: *dubito ergo sum*. Como sabeis, o direito à dúvida e a sua regra ficou estabelecida pelo papá Descartes num pequenino volume que se poderia intitular Carta dos Direitos do Pensamento Humano (porque é que os grandes escrevem livros pequenos e os pequenos livros grandes?!). Rolaram séculos desde a publicação do *Discurso*, cabeças reais saltaram de seus reais ombros, *sans-culottes* berraram seus ódios plebeus ao *Ancien Régime*, sargentos de magestosos bigodes promovidos a Brigadeiros da Velha Guarda napoleónica, Stendhal escreveu *Le rouge et le Noir*, Garibaldi bradou as liberdades italianas (que em certo sentido eram burguesas) nos narizes dos habitantes do Vaticano, o Devir Histórico ressonou, teve delírios, sobressaltou classes inteiras, explodiram nações e guerras, outras nacionalidades renasceram, houve escravatura e libertação, floresceram rosas brancas e rubras, poetas foram assassinados—ah! senhoras e senhores, um mundo efervescente de crenças, de eventos, de costumes, de ideias, de sentirem, de quereres! E o direito à Dúvida? Desde o século XVII...

Muito bem: o direito à dúvida foi habilmente defendido por Descartes, seu advogado não oficoso (e mal-querido na época, sobretudo na nossa terra), depois foi ela proclamada nas cartilhas maternais, ensinada nos manuais de filosofia do nosso ensino secundário, durante décadas, pelo menos até esta data, se não saiu algum decreto a bani-la — e não tenho notícia que tal tivesse ocorrido nem está no espírito de quem nos dirige. Todos, todos! brancos e pretos, vermelhos e róseos amarelos e anarquistas, juramos pelo direito à dúvida! Todos! Fossem quais fossem os mestres de ensinar matérias rebarbativas e indigestas, retorcidas e obscuras, a constante clara, nítida e simples, humana como o *errare*, era esta: devo admitir, como princípio, que tudo ou nada do que se afirmou sobre algo pode não ser certo ou verdadeiro. Mais: atentemos na matéria e separemos nela o que dela é demonstrável, entendivel, compreensivel, do que é hipotético, duvidoso, estranho à razão e ao entendimento. Para uma banda a fé e para outra a razão. Ou seja fora proclamado (com muitos e ruidosos aplausos) o direito ao livre exame! Tal significava que constituia dever elementar examinar livremente os textos, as palavras, os factos, verificar a interpretação deles, saber se a justificação corresponde aos critérios de inteligilidade. Para tanto, era indispensável conhecer bem a tessitura dos factos e as noções capazes de os explicar. Convinha (a noção de conveniência foi mesmo de valor radical), convinha que os factos e as palavras se adequassem, e o sistema cognitivo, depende dessa relação conceptual, não fosse ofendido em seus pergaminhos do Sistema. Pergunto eu, hoje, com esta inquietação: se não mudou a lei, se os princípios cartesianos continuam a ser cartesianos, tão transparentes como aqueles fiozinhos de água cristalina das fontes de todos os rios da Terra, não percebo porque se brada em graves hemiciclos contra o diálogo. E também não entendo por que sorte de argumentos se esfalfam certas mentalidades juvenis em amaldiçoar o diálogo... Não compreendo nem uns nem outros embora veja, nitidamente, que as «razões» dos motivos de uns são substancialmente divergentes das «razões» dos motivos dos outros!

Ora bem (ou mal!): dialogar não quer dizer identificação. Muito ao contrário, como seu viu no papá Descartes. Em pleno diálogo nada há que aceitar que não esteja de acordo com o nosso sistema cognitivo. Dialogar não quer dizer concordar. Dialogar pode significar manifesta discordância, ousar reflectir autònomamente, discutir, contestar. Senhores, graves cavalheiros ou almas juvenis, não mitifiquem as palavras! — o que importa, como diria o Goethe, é a acção... a acção que elas evocam ou despertam.

Filosofemos!

«Alegria Breve» de Vergílio Ferreira traduzido em francês

A colecção da Gallimard «Du Monde Entier» onde se contam nomes como os de Kafka, Faulkner, Joyce, Hemingway e Pavese, conta agora com um nome português. Trata-se do romance do nosso distinto colaborador dr. Vergílio Ferreira «*Alegria Breve*».

Aquele romance, que a Portugália vai reeditar em breve, foi traduzido para francês, mantendo o título português, por Robert Quemerat, com um prefácio do prof. Robert Brechon, até há pouco director do Instituto Francês em Portugal. Nesse prefácio se analisa a obra cheia de personalidade de Vergílio Ferreira. Em dado ponto diz Robert Brechon: «Julgo que ele se elevou ainda em «*Alegria Breve*», em que todos os recursos da técnica romaneca, a mais apurada e a mais ousada, se harmonizam admirávelmente com a grandeza trágica do assunto e dos temas, e para a qual eu não conheço um equivalente exacto em qualquer literatura. Jamais a técnica romanesca moderna da temporalidade segmentada se ajustou mais exactamente ao movimento profundo de uma consciência».

VERGÍLIO FERREIRA

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

PAQUETE «ANGOLA»

INFORMAM-SE OS SENHORES PASSAGEIROS DE QUE A SAIDA DO PAQUETE «ANGOLA» MARCADA PARA AMANHÃ, DIA 19, FOI ALTERADA PARA O DIA 23, PELAS 12 HORAS, EFECTUANDO-SE O EMBARQUE NA ESTAÇÃO MARITIMA DE ALCÂNTARA, A PARTIR DAS 10.00 HORAS.

CONSELHO NACIONAL DE RADIODIFUSÃO

Em eleição hoje efectuada no gabinete do director-geral da Informação, foi escolhido como representante dos oragnismos particulares de radiodifusão sonora no Conselho Nacional de Radiodifusão o sr. Julio Botelho Moniz, do Rádio Clube Português.

CHOCOLATES TAGIDES

BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

JÓIAS ANTIGAS

GRANDE VARIEDADE

Ourivesaria PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Telef. 32 45 64

O DIA DE AMANHÃ NINGUÉM O VIU. UMA JÓIA É SEMPRE UM VALOR. GRANDE OURIVESARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

Actualidade internacional

DOZE RUSSOS TERIAM MORRIDO NO INCIDENTE DE SÁBADO

MOSCOVO, 18 — (R.) — O numero de baixas, durante o incidente de sábado passado no rio Ussuri, eleva-se hoje para cerca de 12 e os jornais soviéticos continuam a publicar noticias dispersas sobre a luta com as tropas chinesas.

O jornal «Sovietskaya Rossia» afirma que morreram cinco homens e o «Estrela Vermelha», órgão do Ministério da Defesa, acrescenta mais um nome aos seis que tinham sido anteriormente identificados.

Porém, o numero total de baixas na luta travada na ilha de Damansky não foi ainda oficialmente anunciado e nenhum jornal soviético tentou até agora compilar uma lista unica a partir das noticias isoladas.

Circulos soviéticos não-oficiais anunciaram, ontem á noite, que tinham ouvido dizer que o numero de guardas russos mortos na luta de sábado era cerca de metade dos 31 que morreram no incidente de 2 de Março.

Por sua vez as baixas chinesas, afirmaram aqueles circulos, eram 15 a 20 vezes mais elevadas do que as russas.

Entretanto a «Pravda» anunciou hoje que as tropas chinesas atacaram novamente a ilha, ontem á noite, com morteiros e metralhadoras mas não deu indicações sobre a envergadura do ataque nem informou se tinha havido baixas soviéticas.

O jornal diz que continua ao longo da fronteira uma tranquilidade ficticia com indicios de um aumento dos efectivos chineses na região.

Permanece sem esclarecimento o facto da União Soviética manter instalações na ilha de Damansky, simultâneamente reivindicada pela U.R.S.S. e pela China.

Numa conferência de Imprensa dada a seguir ao incidente de 2 de Março o tenente-general Pyotr Ionov, comandante-adjunto das tropas da fronteira russa, declarou que a União Soviética tinha um posto fronteiriço na ilha.

Porém, uma noticia dada posteriormente informava que as lutas de sábado foram desencadeadas depois de quatro carros blindados com guardas soviéticos terem chegado á ilha em patrulha de reconhecimento.

O diplomata egípcio Mahmoud Fawzi, ex-ministro dos Negócios Estrangeiros da R. A. U., conselheiro pessoal do presidente Nasser e membro da Comissão Executiva da União Socialista Arabe, iniciou por Espanha uma visita oficial a vários países da Europa. No aeroporto de Madrid, o diplomata explicou as motivações da viagem e revelou ser portador de uma mensagem pessoal de Nasser para France. Fawzi falou ainda dos laços tradicionais que unem os povos ibéricos e árabes

MOSCOVO INQUIETA-SE COM TENDÊNCIAS NACIONALISTAS EM CERTAS REPÚBLICAS

MOSCOVO, MARÇO — A «Pravda» abriu as suas colunas aos comunistas do Tadjikistão, que, como é de recordar, foram muito criticados na resolução do «Comité» Central do Partido Soviético publicada no começo de Janeiro por uma das principais revistas do partido, «Partiinaya Zyzn», o «Comité» Central do Tadjikistão efectuou depois disso uma reunião plenária a que a «Pravda» se refere largamente pela mão do seu correspondente em Duchambé. Todas as queixas formuladas de Moscovo foram retomadas no decurso desta sessão plenária. Os oradores, de certo modo, fizeram a auto-crítica: má gestão da industria, insuficiente utilização do progresso técnico, afrouxamento na luta ideológica e na propaganda «contra as sobrevivências do passado na consciência das pessoas, nos modos de vida e nas relações familiares».

Os comunistas do Tadjikistão arrependem-se honrosamente e prometem «reforçar a preparação ideológica, teórica e política» dos militantes do Partido, «educar todos os trabalhadores, particularmente os jovens, no espírito das convicções comunistas, da fidelidade aos preceitos de Lenine, à causa do Partido», mostrar maior intransigência em relação às ideologias burguesas e dirigir por fim mais de perto os órgãos de informação das massas.

Assim como a resolução do «Comité» Central do P. C. Soviético, o «plenum» do Tadjikistão não fala explicitamente de «nacionalismo».

No entanto, parece que esta preocupação figurou em fundo de quadro, pois pode ler-se na «Pravda»:

«No centro da atenção dos órgãos do Partido, dos Sovietes e dos «Comsomols», foi dito no Plenário que deve encontrar-se a propagação das ideias do internacionalismo proletário e da amizade entre os povos, o reforço dos laços fraternos entre os trabalhadores da República e todos os povos da U. R. S. S.» Indo mais longe, sabemos que o «plenum» fez notar a necessidade de se «favorecer o reforço da colaboração (com os outros povos da União) pelo estudo, além da língua materna, da língua russa, que se tornou de facto a língua veicular entre todos os povos da União Soviética». E ainda, «Simultaneamente com o desenvolver as melhores tradições nacionais, é indispensável colaborar de maneira mais activa na afirmação das tradições internacionais dos edificadores do comunismo que são comuns a toda a pátria dos sovietes.»

Estas alusões parecem, em definitivo, visar bastante claramente tendências a um nacionalismo que ultrapassa os limites do particularismo regional normalmente tolerados nas Repúblicas da U. R. S. S. Parece, portanto, legítimo aproximá-las das críticas formuladas o mês passado acerca do mesmo assunto a propósito duma região diferente da União, a Lituânia. O nacionalismo lituano foi denunciado na «Pravda» de 24 de Janeiro em tom particularmente severo, se bem que o «mundo capitalista» tenha sido então designado como o principal culpado e acusado de tudo fazer para «erguer umas contra as outras as nações do nosso país».

Se um «mal-estar nacional» se manifesta em diversas repúblicas da União — e a sobrevivência do nacionalismo no país báltico em particular não é segredo para ninguém — parece bem no entanto que se aplicam em Moscovo a só o tratar com extrema prudência. Sem dúvida, esta é a razão por que o problema é evocado em termos velados a propósito do Tadjikistão. Já, no referente à Lituânia, o autor do artigo da «Pravda» notara que «a luta contra as sobrevivências do nacionalismo burguês implica que se seja paciente e prudente, que se estudem com atenção os problemas árduos das relações internacionais».

A maior parte dos observadores pensa que esta prudência é essencialmente justificada pelos perigos de uma campanha demasiado barulhenta e generalizada em excesso, que poria inevitàvelmente em causa os «particularismos» muito desenvolvidos também em Repúblicas muito mais importantes no seio da União que a Lituânia ou o Tadjikistão. Não parece, por exemplo — tendo talvez em conta igualmente dosagens regionais realizadas no seio da direcção colectiva —, que se esteja muito desejoso em Moscovo de agravar, de uma ou doutra forma, os sentimentos que possam «sobreviver» em países tais como a Ucrânia ou a Geórgia. O problema também não é novo, e um certo pragmatismo, mesmo numa época em que o reforço da luta ideológica está na ordem do dia, parece inspirar os dirigentes soviéticos no problema das nacionalidades.

ALAIN JACOB

Excl. «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

Primeiro helicóptero alemão ocidental

MUNIQUE, 18 — (A. N. I.) — O primeiro helicóptero da Alemanha Ocidental, o «BO-105», vai começar a ser produzido em série dentro de poucas semanas — anuncia a empresa Messerschmitt-Boelkow.

O «BO-105» pode ser utilizado para fins comerciais e militares, dizendo um informador da empresa que, de acordo com os planos actuais, setenta helicópteros serão construídos até ao fim de 1970.

O REI HUSSEIN NO CAIRO: COOPERAÇÃO COM OS GUERRILHEIROS

BASES IRAQUIANAS NA SÍRIA

BEIRUTE, 18. — (A. N. I.) — Aviões da Força Aérea do Iraque estão a fornecer cobertura aérea aos seis mil soldados iraquianos que se encontram destacados na Síria — afirmam viajantes chegados a Beirute, os quais viram «Migs» do Iraque a voar em formação com caças sírios.

Na capital Libanesa, o jornal «Al Jarida» informa que o ministro sírio da Guerra, general Hafez Al-Assad, concedeu ao Iraque duas bases aéreas na Síria.

A cooperação militar entre o Iraque e a Síria aumentou grandemente desde o golpe de Estado de Fevereiro, chefiado por Assad, contra o presidente Nuredin Atassi, cuja situação actual não é bem conhecida.

Atassi saiu a semana passada de Damasco para a sua terra natal, Homs, na Síria Central, não se tendo confirmado ainda a notícia de que deixou os cargos de presidente da Republica, de chefe do Governo e de secretário-geral do Partido Baas.

Noutra notícia, também não confirmada, diz-se que está detido o secretário-geral adjunto do Partido, general Salá Jadid.

O que parece certo é que Assad chamou á Síria o Exército e a Força Aérea do Iraque, pretendendo levar por diante o seu projecto de união entre os dois países.

CAIRO, 18 — (R.) — O rei Hussein propôs hoje uma conferência cimeira árabe para se discutir a crise do Médio Oriente, e afirmou que a política do seu país para com guerrilheiros palestinianos era baseada na coordenação e na cooperação.

Discursando perante os redactores principais do autorizado jornal «Al Ahram», no decorrer de uma conferência de Imprensa hoje divulgada, o soberano disse que a Jordânia, o Iraque e a Síria estavam a fortificar as suas frentes orientais contra Israel, e que os jordanos estavam dispostos a todos os sacrifícios.

Hussein, que se encontra nesta capital numa visita de dois dias para travar conversações com o presidente Nasser, prosseguiu: «Esperamos que os nossos irmãos árabes sintam o perigo que os ameaça e encarem a necessidade de se encontrarem e de cooperarem. A única via será um encontro de alto nível».

Uma cimeira árabe permitiria chegar a conclusões sobre a melhor forma de enfrentar o inimigo — observou.

O rei disse ainda que a resolução do Conselho de Segurança de 22 de Novembro de 1967 — que pede, entre outras coisas, a retirada de forças israelitas dos territórios ocupados — é o mínimo que pode ser aceite.

CONTRA A INTERNACIONALIZAÇÃO DE JERUSALÉM

O soberano acrescentou: «No que respeita a Jerusalém, nunca aceitaremos qualquer mudança na situação que se manteve durante 1300 anos.

«Nunca deveremos aceitar, quaisquer que sejam as circunstâncias ou os obstáculos, a internacionalização de Jerusalém. Morreremos, mas não desistiremos de Jerusalém.»

Pára-quedistas britânicos a caminho das Caraíbas

LONDRES, 18 — (R.) — Prosseguia hoje uma «ponte aérea» de pára-quedistas britânicos para as Caraibas quando o Governo se preparava para esmagar uma revolta na ilha de Anguilla.

Um grupo avançado partiu a noite passada de avião e mais cerca de cem homens da 16.ª brigada de pára-quedistas «Diabos Vermelhos» e 40 de uma brigada de «comandos» da Policia encontravam-se de prevenção para partirem da base da R.A.F. em Lyneham, a sudoeste desta cidade.

Pensava-se que esses homens seguiriam para uma área de concentração, provàvelmente na ilha próximo de Antigua. Fontes bem informadas disseram que a Grã-Bretanha tinha três barcos de guerra — as fragatas «Rhyl», «Minerva» e «Rothesay» — a distância de ataque da ilha de Anguilla, com uma área de 56 quilómetros.

Embora exista um severo dispositivo de segurança, há indicações de que a força será embarcada nas fragatas, pronta para invadir e esmagar a pequena força de voluntários armados, comandados por Ronald Webster, que a si próprio se intitula presidente da ilha.

Contudo, há indicações de que o primeiro-ministro Harold Wilson ainda não deu a ordem final para o ataque e espera uma rendição, antes de ser derramado sangue.

Em Maio de 1967, os 6000 anguilanos separaram-se da federação das três ilhas de St. Kitts-Nevis-Anguilla, criada pelos britânicos, e declararam, mais tarde, a sua independência, á semelhança da Rodésia.

A iminente invasão coloca a Grã-Bretanha numa situação delicada. Observadores desta capital afirmam que o país enfrentaria críticas severas por esmagar pela força a proclamação de independência de Anguilla, enquanto as medidas contra a Rodésia nunca passaram além de sanções.

PEDIDO A O.N.U.

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 18 — (R.) — O representante de Anguilla pediu, a noite passada, á O.N.U. para tomar medidas imediatas, a fim de enviar uma missão á ilha que, afirmou, estava prestes a ser invadida por tropas britânicas.

Membros da delegação britânica abandonaram a sala quando a comissão sobre colonialismo da O.N.U. decidiu ouvir uma petição de Jeremiah Gumbs, que se intitula a si próprio representante da ilha junto das Nações Unidas.

Charles Yost propõe «uma presença mais forte» das Nações Unidas no Médio Oriente

NAÇÕES UNIDAS (Nova York) 18 — (F P.) — Charles Yost, representante dos Estados Unidos nas Nações Unidas, sublinhou na segunda-feira a necessidade de restabelecer uma «presença mais forte» das Nações Unidas no Médio Oriente, e disse que esta poderia tomar a forma de uma força internacional mais importante do que aquela que ali se encontrava até Maio de 1967.

O representante dos Estados Unidos, que se dirigia aos jornalistas, observou a maior discreção sobre a evolução das conversações diplomáticas em curso acerca do conflito do Médio Oriente. Recusou-se a esclarecer quando é que poderão começar as conversações quadripartidas, contentando-se em dizer que «não falta muito». Frisou, no entanto, que não seria apenas graças a estas conversações que se conseguiriam progressos. E chamou a atenção para a nova série de visitas que Gunnar Jarring, representante do secretário-geral da O N U está a fazer ás capitais do Médio Oriente. Destacou também que a resolução de 22 de Novembro de 1967 contém todos os elementos para uma solução equitativa para todos. Porém esta resolução não foi até hoje aplicada de forma alguma.

Notando o eclipse que atravessa a missão política da organização internacional, Yost disse esperar que este eclipse seria apenas temporário e que o regresso a uma presença sólida da ONU no Médio Oriente e a participação efectiva dos países membros nos planos de paz e desenvolvimento da organização podem dar novo surto a esta missão.

ORDEM DAS ARTES E LETRAS

PARIS, 18 — (F. P.) — Várias individualidades do mundo literário e artístico foram hoje distinguidas com a publicação, no «Jornal Oficial», de nomeações e promoções na Ordem das Artes e Letras.

A cançonetista Juliette Greco, o dramaturgo Eugène Ionesco, o cineasta Carlo Ponti e o actor Jean Marais são nomeados ou promovidos ao grau de comendador da Ordem das Artes e Letras.

O cançonetista Gilbert Bécaud, a bailarina de ópera Claire Motte, o actor Jean-Claude Brialy e as actrizes Germaine Montero e Danielle Darrieux receberam o grau de cavaleiro da mesma Ordem.

Faculdade ocupada pela Polícia espanhola

BILBAU, 18 — (F. P.) — A Polícia ocupou ontem a Faculdade das Ciências Económicas de Bilbau e os estudantes recusaram-se a assistir ás aulas. A Polícia também interveio para fazer sair os estudantes da Universidade católica de Deusto (arredores de Bilbau), dirigida por jesuítas, que fora ocupada por estudantes que se recusavam a ir ás aulas. Pensa-se que o reitor desta Universidade possa decidir o seu encerramento ilimitado.

Durante a tarde de ontem, uns 250 estudantes desfilaram pelas principais artérias de Bilbau gritando frases subversivas e pedindo a libertação dos seus camaradas detidos. Ao verem chegar a Polícia dispersaram.

Estas perturbações teriam sido originadas por um incidente verificado na Faculdade das Ciências Económicas de Bilbau em 12 do corrente: um estudante de 24 anos, Jesus Omenares, foi ferido por uma bala quando tentava fugir ás forças da Polícia que o queriam prender.

TIROTEIO NO CANAL DE SUEZ

BEIRUTE, 18 — (R.) — A Rádio Cairo anunciou que as tropas israelitas dispararam hoje durante 40 minutos contra o outro lado do Canal de Suez.

A notícia, que citava como fonte o comando-geral das Forças Armadas Egípcias, informava que os egípcios não tinham sofrido baixas.

O DESASTRE AÉREO NA COLÔMBIA — 156 MORTOS

MARACAÍBO, 18 — (F P.) — Receia-se que aumente o número de mortos, que se eleva por agora a 156, causados pelo desastre de aviação em Maracaíbo. Com efeito, há uma centena de feridos em estado grave, especialmente devido a queimaduras, entre os moradores das casas sobre as quais caíram os destroços em chamas do avião «DC-9».

Já se conseguiu a identificação de alguns corpos, que serão entregues ás famílias.

OBJECÇÕES AMERICANAS AO GRANDE AVIÃO FRANCO-BRITÂNICO

WASHINGTON — As entidades oficiais americanas duvidam cada vez mais que o «Concorde» possa algum dia estabelecer as ligações do Atlântico Norte, sem o que fica comprometido o êxito comercial deste avião.

Estas julgam que o «Concorde», que já efectuou o seu primeiro voo em França, não poderá satisfazer as normas respeitantes ao ruído na aterragem e na descolagem nos principais aeroportos americanos entre os quais o Aeroporto Internacional de Nova York, o Kennedy Airport».

Duvidam também que o «Concorde» seja suficiente para lhe permitir efectuar as ligações Paris-Nova York.

A Administração Federal da Aviação (F. A. A.) hesitou em tornar publicas as suas reservas a respeito do «Concorde», receando que os Estados Unidos — em atraso na corrida aos aviões supersónicos — fossem acusados de sabotagem do esforço franco-britânico.

Porém, o secretário dos Transportes, John Volpe, deixou escapar, numa entrevista recente, «certos receios de que o «Concorde» não possa satisfazer algumas exigências» relacionadas com o ruído. Volpe também revelou que esperava um relatório final, indicando se os Estados Unidos deviam ou não proceder á construção de um protótipo do seu próprio avião supersónico.

Interrogado a respeito dos comentários de Volpe, um responsável da «Pan American Airways» declarou que os técnicos da Administração Federal da Aviação pensavam cada vez mais não ter o «Concorde» grandes probabilidades de ser posto ao serviço no Atlântico Norte.

O Governo Federal americano ainda não impôs normas oficiais ao ruído-limite dos aviões supersónicos, mais: é muito pouco provável, disse aquele responsável da P. A. A., que o «Concorde» satisfaça as normas já impostas pelo Aeroporto Kennedy, em Nova York, na aterragem e na descolagem.

Este limite é de 112 decibéis. E explicou que o «Concorde» estaria nos limites teóricos, mas que nos dias de calor, quando o ruído dos aviões supersónicos se agrava, este poderia não estar já em absoluto dentro destes limites.

Mas, acrescentou ainda, o «Concorde» ultrapassaria de facto os limites teóricos fixados pelos construtores, e os especialistas da Administração Federal estão convencidos que o «Concorde» ultrapassará as normas. «Pelo que sabemos, o «Concorde» não poderá satisfazer as normas em vigor em Nova York», declarou outro dirigente da P. A. A.

A construção de novos aeroportos maiores nos Estados Unidos deverá contribuir para resolver este problema. Mas semelhantes terrenos não estarão ainda em serviço quando o «Concorde» começar a voar por cima do Atlântico para ser rentável.

Segundo este último, o projecto de avião supersónico americano, com um trem de aterragem de desenho diferente, deve fazer menos ruído na aterragem e na descolagem, e poderá satisfazer as normas actuais no «Kennedy Airport.»

O ruído não é o único problema do «Concorde». Este avião foi concebido para um raio de acção de 6 mil quilómetros, e pode portanto voar de uma só vez de Nova York a Paris. Mas os técnicos da Administração Federal da Aviação Americana julgam que o seu raio de acção real será mais curto, em cerca de uma quarta parte.

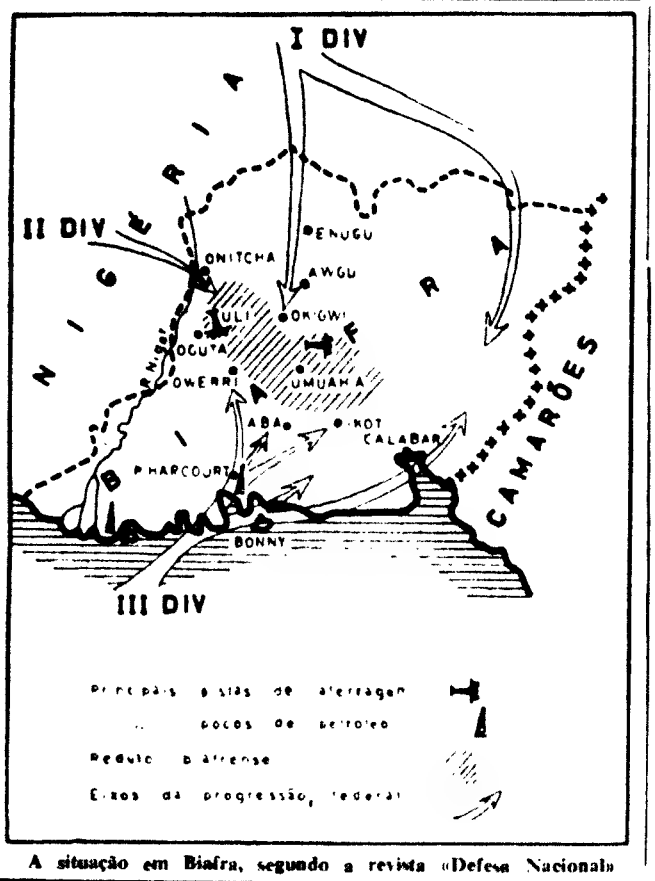
Neste caso, o «Concorde» mal poderia voar directamente de Shannon a Nova York. «Ao ir para a Europa, com vento de popa, o «Concorde» chegará talvez a Paris, mas no outro sentido, com vento pela frente, não o fará».

Aqueles técnicos pensam também que actualmente nem o «Concorde» nem o projecto de avião supersónico americano serão autorizados a voar por cima dos Estados Unidos. «O «boom» sónico é demasiado grande para ser aceite pelo público».

O problema do ruído é vital para a sobrevivência do «Concorde». Altos funcionários britânicos teriam dito que, se o «Concorde» não puder aterrar nos Estados Unidos, a Grã Bretanha deverá então perguntar-se se o projecto é viável economicamente.

Volpe manifestou a convicção de que deve ser possível resolver o problema do ruído. Fez notar que os ingleses e os franceses, como os americanos, trabalham para o diminuir.

(Exclusivo «Le Monde»-Diário de Lisboa»)



A situação em Biafra, segundo a revista «Defesa Nacional»

AS INUNDAÇÕES NO BRASIL CAUSARAM JÁ 283 MORTOS E MAIS DE 1000 DESAPARECIDOS

RIO DE JANEIRO, 18 — (F. P.) — A cheia do rio Mundau, no Estado de Alagoas, que devastou todo o vale, causando 283 mortos e mais de um milhar de desaparecidos, não parece haver ainda atingido o seu nível máximo, pois, continuaram a cair na região chuvas torrenciais durante todo o dia de ontem. Os habitantes de Maceio, capital do Estado de Alagoas, no nordeste do Brasil, estão alarmados com a subida das águas. O nível do rio Mundau subiu de dez metros em relação ao normal, obrigando as populações ribeirinhas a evacuarem a região. Estão cortadas as comunicações telefónicas, telegráficas, rodoviárias e ferroviárias com a capital.

A localidade de São José de Laje está submersa e as águas causaram igualmente importantes estragos nas aldeias de Barra Canhoto, União dos Palmares, Branquinha, Rio Largo e Fernão Velho. As culturas ficaram inteiramente destruídas no vale do Mundau e perderam-se inúmeras cabeças de gado. Em São José de Laje, centro açucareiro do Estado de Alagoas, ficaram destruídos quatrocentos mil sacos de açúcar. As autoridades do Estado apelaram para o Governo federal, que tomou medidas para enviar vestuário, medicamentos e alimentos para a região sinistrada. Elementos do Exército e da Polícia procedem á evacuação dos habitantes do vale para zonas mais elevadas.

VOLTOU A CALMA À LINHA DE ARMISTÍCIO NA COREIA

SEUL, 18 — (A. N. I.) — Voltou a reinar a calma ao longo da linha de armistício da Coreia, depois de uma série de escaramuças entre as forças aliadas e tropas norte-coreanas, nos últimos sete dias — informa o comando das Nações Unidas.

Entretanto, prosseguem os exercícios militares conjuntos norte-americanos-sul-coreanos, designados «Focus Retina», no vale do rio Han, a 137 quilómetros ao sul da linha de armistício.

Os exercícios, que terminam na quinta-feira, tiveram ontem o seu ponto culminante, com o transporte por via aérea para a zona de operações de 1300 norte-americanos e 600 sul-coreanos.

Hoje, essas forças vão atravessar o rio Han sobre um pontão construído para o efeito.

No total, participam nos exercícios 7000 norte-americanos e sul-coreanos.

A retirada progressiva das tropas norte-americanas sugerida por parlamentares do Vietnam do Sul

WASHINGTON, 18 — (F. P.) — Os norte-americanos deveriam retirar progressivamente as suas tropas do Vietnam do Sul e deixar dentro de um ano ou dois os sul-vietnamianos assumirem a inteira responsabilidade da luta contra o comunismo, com armas americanas ou de qualquer outra assistência material vinda dos Estados Unidos — declarou ontem a Imprensa uma delegação de cinco parlamentares sul-vietnamianos em visita a Washington. Seria o único meio de desmentir com factos a propaganda inimiga de que os Estados Unidos causaram a destruição do Vietnam. Acrescentaram que a ofensiva contra as cidades do Sul tem por finalidade influenciar o decorrer das negociações de paz de Paris e pronunciaram-se a favor de represálias. A delegação mandou um telegrama ao presidente Nixon reclamando a proclamação de um cessar-fogo semelhante ao que interveio na Coreia em vez de assinar um acordo de paz com o Vietnam do Norte.

PAUSA RELATIVA

SAIGÃO, 18 — (F. P.) — No vigéssimo quarto dia da sua ofensiva geral os «vietcongs» observaram uma pausa relativa. O comando americano anunciou que apenas se tinham registado bombardeamentos por parte do inimigo em uma dúzia de objectivos civis e militares e que não se assinalou qualquer ataque.

Considerado anticonstitucional o plebiscito em França

PARIS, 18 — (R.) — O Conselho de Estado, o órgão supremo da França, decidiu hoje que o plebiscito proposto pelo presidente de Gaulle sobre a reforma do Senado e da Administração Regional é anticonstitucional — disseram fontes autorizadas.

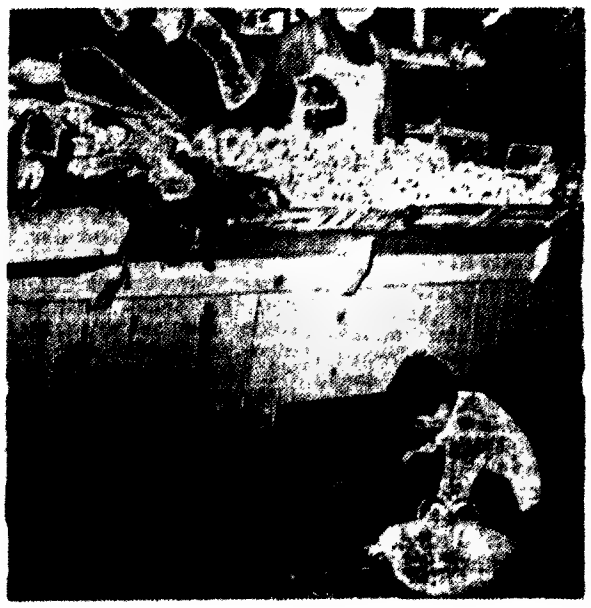
O Conselho de Estado levantou objecções a que a reforma do Senado seja decidida por um plebiscito em vez de ser posta á votação do Parlamento.

Esta conclusão do Conselho de Estado, que ainda não foi anunciada oficialmente, tem carácter meramente consultivo e o Governo não é obrigado a acatá-la.

Manhã na praça

PEIXE MAIS CARO

Depois de vários dias de rigoroso temporal não é de estranhar a carestia do peixe. Simplesmente, tudo parece conjugar-se para agravar cada vez mais o parco orçamento da dona de casa, que dá voltas e mais voltas junto das bancas sem se decidir nem tentar pelos chamamentos amigáveis das vendedeiras.



A água lava tudo... Lá porque caiam no pavimento conspurcado, as azeitonas não deixarão de ir à mesa

Que há-de comprar a dona de casa para pôr na mesa as duas refeições diárias que os seus familiares esperam? Chove, os pescadores não vão ao mar, a quantidade de peixe diminuiu e o seu preço aumenta. A carne de bife também encareceu. Os «carapaus da horta» não são viáveis numa altura em que não há feijão verde. A opilação contínua do bacalhau também enjoa. «Então, então, então?» — pergunta a si própria a dona de casa, com dores de cabeça.

Para a frente com os empadões — 250 g de picado já dá bastante! — e os rissóis, com sobras de peixe do frigorífico. Mas estas coisas dão tanto trabalho e há sempre alguém da família que não gosta!

Os ovos! Mas qual é o fígado que aguenta ovos ao almoço e ao jantar, mexidos ou estrelados, em omeleta ou pastelão? E' preciso variar. Os filetes de pescada congelada ficam baratos, mas uma vez não são vezes. E a dona de casa fica perplexa ante a necessidade de preparar refeições substanciais e equilibradas sem fugir ao orçamento diário.

Esperemos que o bom tempo traga o embaratecimento dos produtos e faça passar as dores de cabeça!

PREÇO DOS PRODUTOS

Vimos o quilo da ervilha-de-grão a 6$50; das favas, a 7$50; da cenoura, a 5$50, 6$00 e 8$00; da batata, a 2$70; do tremoço, a 3$00; da azeitona, de 7$80 a 14$00; e da beterraba, a 20$00.

O molho dos grelos estava a 5$00; dos agriões, a 1$00 e 1$50; das nabiças, a 8$00; dos espinafres, a 10$00; dos bróculos, a 10$00; da beterraba, a 6$00; e dos rabanetes, a 1$50.

A cabeça do alho francês estava a 1$00 e 1$50; a couve-flor, a 4$00 e 5$00; a cabeça do nabo, a 1$00 e 1$50; a alface, de 1$50 a 4$00; a couve portuguesa, a 1$50, 2$00, 3$50 e 5$00; e a murciana de 1$50 a 10$00.

PEIXE

O quilo do robalo estava marcado a 42$00; do imperador, a 22$50; do berbigão, a 4$00; da amêijoa, a 28$00; da eirós, a 26$00; das lulas, a 38$00; do camarão, a 36$00; do linguado, a 47$00; do cherne, a 42$00; da garoupa, a 35$00; da pescada, a 42$50, 36$00 e 34$00; da conquilha, a 12$00; do cachucho, a 14$00 e 14$70; dos chocos, a 11$40; do carapau, a 10$00 e 11$60; do pargo, a 12$60 e 16$80; da sardinha, a 10$40; da pescada congelada, a 36$50; do pargo legítimo, a 26$00; dos rabos de pargo, a 21$00; do polvo, a 10$20; das rabetas, a 14$40; da azevia, a 36$00; e do peixe-galo, a 16$80.

CRIAÇÃO E OVOS

O quilo da galinha viva estava a 20$00; limpa, a 26$00; e morta, a 22$00; da galinha saloia, viva, a 25$00; limpa, a 31$00; e morta, a 27$00; do frango vivo, a 22$50; limpo, a 28$00; e morto, a 24$50; do coelho vivo, a 23$00; do cabrito, a 34$00; e do coelho vivo, a 23$00.

A duzia dos ovos estava a 12$80, 13$20, 13$60 e 14$70.

FRUTA

Vimos o quilo dos pêros «golden» a 13$00; das tangerinas, a 7$80 e 8$00; das laranjas, a 4$60, 5$00, 6$00, 6$50, 7$50 e 9$10; das bananas, a 11$70; dos limões, a 7$00; das péras, a 13$00; do pêro casanova, a 13$00; do abacaxi, a 14$00 e 14$20; da maçã reineta, a 10$40.

Reparámos que o quilo da laranja podre estava a 2$50. «Paguei-o a 4$00» — disse a vendedeira — «e estou a vendê-la a 2$50!» Como se vê, uma pechincha. O estranho é que havia quem comprasse.

FLORES

A duzia dos jarros vendia-se a 10$00, 12$50 e 15$00; dos cravos, a 20$00, 30$00 e 40$00; e dos lírios, 13$00 e 25$00. O molho das andorinhas estava a 3$00; dos gerânios, a 1$00; e da cameleira, de 10$00 e 30$00.

DONA DE CASA

HOMENAGEADO UM FUNCIONÁRIO CORPORATIVO

Na Caixa de Previdência dos Tipógrafos, prestou-se homenagem ao sr. José Taborda, que fez serviço na mesma Caixa durante 24 anos tendo-lhe sido oferecido um almoço no refeitório do pessoal e oferecido um artístico objecto de arte.

O homenageado iniciou a sua actividade em 1943, na extinta Caixa de Abono de Família dos Gráficos, de onde transitou para a Caixa de Previdência.

Fizeram o elogio do homenageado os srs. José Reis Bento, chefe de secção, Manuel do Nascimento Vicente Raposo, chefe de serviços, Saphera da Costa, da direcção, e dr. Cyrne de Castro, presidente da Caixa, visando todos nos seus discursos pôr em relevo as altas qualidades morais e profissionais do homenageado.

Casa dos Tabuenses

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Casa dos Tabuenses. Presidem á assembleia geral, ao conselho fiscal e á direcção, respectivamente, os srs. dr. Aurélio Pereira Martins, Albertino Costa e Aníbal Marques.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Anastácia Amaral Cardoso

COVILHÃ, 18 — Faleceu a sr.ª D. Anastácia Amaral Cardoso, de 77 anos, casada com o sr. Elísio Cardoso, que foi instrutor da benemérita corporação dos bombeiros voluntários desta cidade, ausente no Brasil, mãe da sr.ª D. Maria Fernanda Amaral Cardoso Roque, casada com o sr. Carlos Humberto Almeida Roque, industrial de lanifícios e do sr. Júlio Amaral Cardoso, também ausente no Brasil.

Dr. Virgílio José Pimentel

MOGADOURO, 18 — Foi muito sentida a morte do conhecido médico sr. dr. Virgílio José Pimentel, na sua residência, na freguesia de Castelo Branco, deste concelho. Contava 62 anos, era solteiro, irmão da sr.ª dr.ª D. Emília Ramos e do sr. Celestino Pimentel de Carvalho, funcionário aposentado, e cunhado do sr. dr. António Ramos e da sr.ª D. Felisberta Pimentel de Carvalho.

D. Maria Mendes

COVILHÃ, 18 — Faleceu a sr.ª D. Maria Mendes, de 85 anos, viúva, mãe do sr. Manuel Augusto dos Santos Mendes e da sr.ª D. Maria de Lurdes Mendes e do sr. Sebastião Augusto Mendes.

FUNERAIS

Jorge Portugal Costa

Saiu, esta tarde, da igreja de Santa Isabel, para o cemitério dos Prazeres o funeral do sr. Jorge Portugal Costa, de 77 anos, gerente comercial, natural de Salvaterra de Magos, casado com a sr.ª D. Cacilda Faria Lapa e Costa.

O extinto era sócio-gerente da firma Exacta, Lda. (Oculista) e fez parte da direcção do Corpo de Bombeiros Voluntários Lisbonenses, de que era um dos sócios mais antigos.

Professor José Gomes de Barros

Para o cemitério da terra da sua naturalidade, Vitorino dos Piães, Ponte de Lima, realizou-se o funeral do sr. José Gomes de Barros, de 84 anos, professor primário, aposentado, e viúvo da professora D. Adelaide Alves Ribeiro Veloso de Barros.

O extinto foi administrador do concelho de Fafe, nos primeiros anos da República, e era pai dos srs. Elói Alves Veloso Gomes de Barros e Arquiu Veloso Freire de Barros.

João Fonte Sobrinho

MONTARGIL, 18 — Após missa de corpo presente, realizou-se para o cemitério local, com grande acompanhamento, o funeral do sr. João Fonte Sobrinho, de 84 anos, casado, proprietário e agricultor, natural desta localidade.

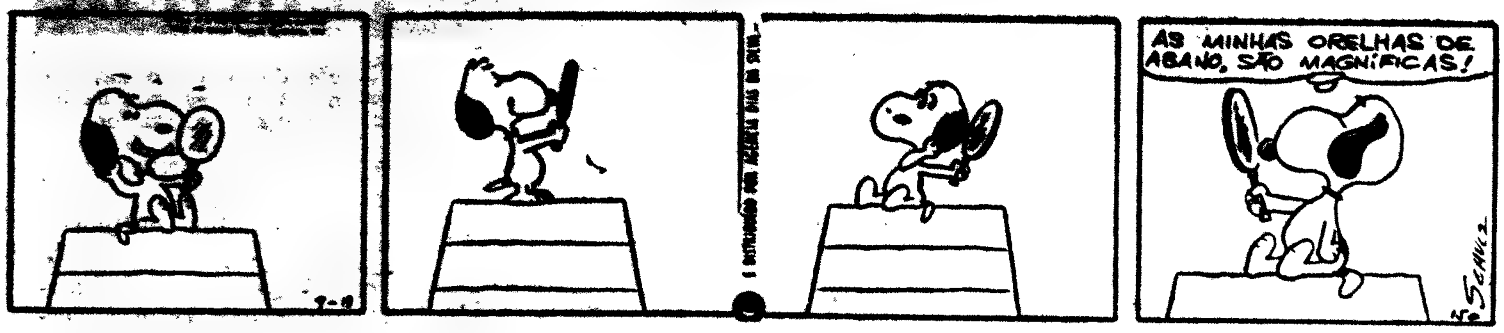
SUFRÁGIOS

Dr. Nuno Pinheiro Torres

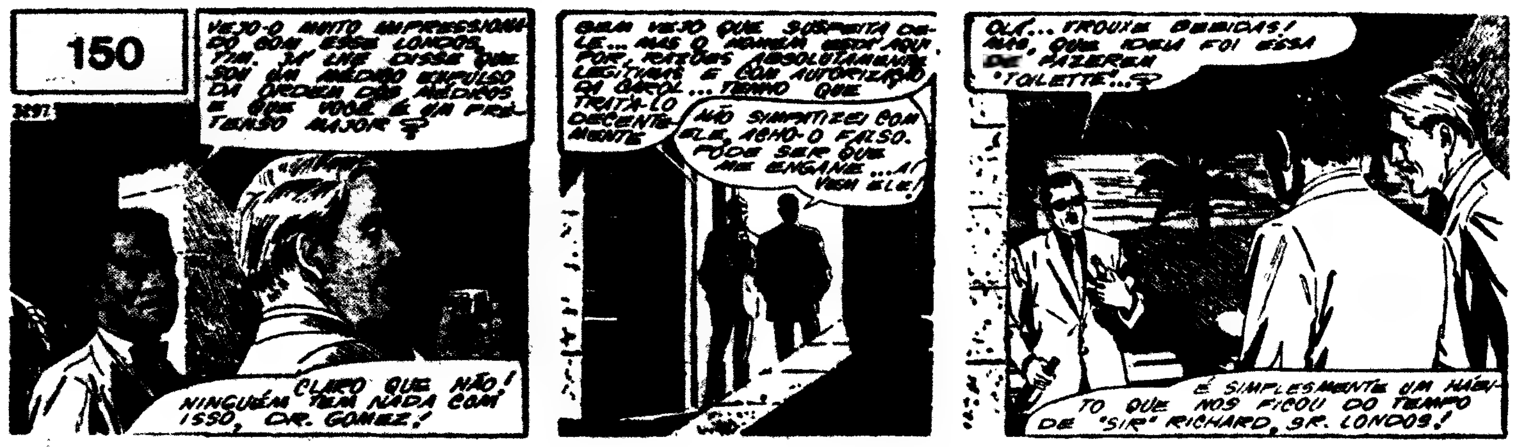
PORTO, 18 — Na igreja românica de Cedofeita será celebrada amanhã, ás 10 horas, missa por alma do sr. dr. Nuno Pinheiro Torres, que foi presidente do Município e sucumbiu no desastre de viação ocorrido próximo de Albergaria-a-Nova.

D. Etelvina das Dores Ferreira

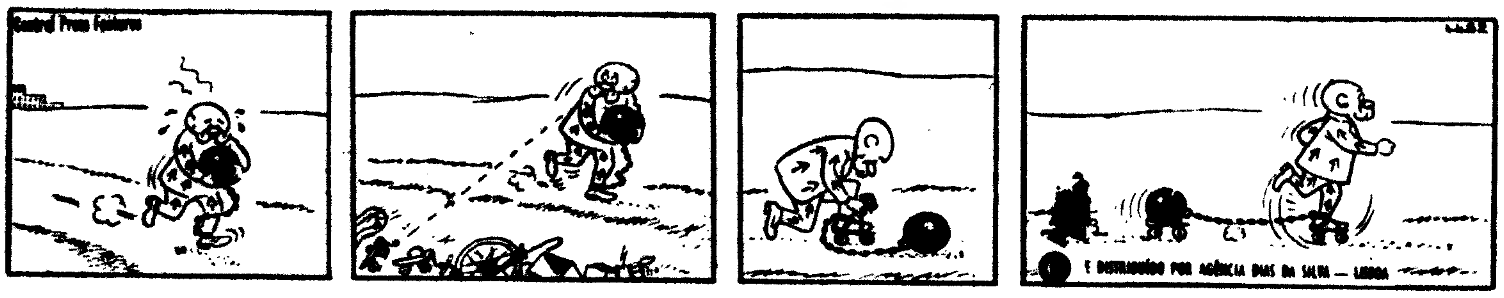
Mandada celebrar por sua família, realiza-se esta manhã, na igreja do Colégio de S. Pedro e S. Paulo (Inglesinhos) missa pelo eterno descanso de D. Etelvina das Dores Ferreira.



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

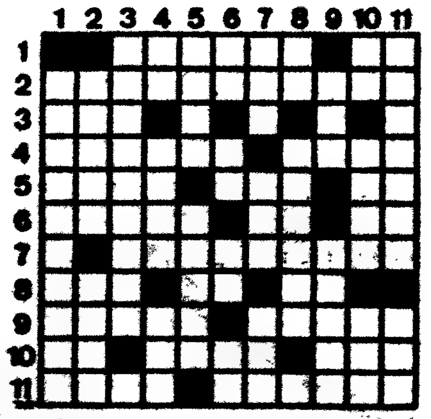
PROBLEMA N.º 5120

HORIZONTAIS: 1 — Expliquei com precisão. Crença. 2 — Amaciariam. 3 — Pronome pessoal. 4 — Perfumes. Braço. 5 — Árduo. Nome de letra. Localidade do concelho de Oliveira de Azeméis. 6 — Empregava. Antes de Cristo. Batráquio. 7 — Restabelecemos. 8 — Rio da Lombardia (Itália), afluente do Pó. Prefixo de negação. Seguia. 9 — Dança brasileira. Basta! 10 — Aspecto. Porção da circunferência. Em companhia. 11 — Triturar. Protecção.

VERTICAIS: 1 — Amadureceram. 2 — Princípio das doenças contagiosas. Moeda espanhola de cinco pesetas. 3 — Delongaram. 4 — Artigo antigo. Desloca. Peso indiano, que varia entre 141 e 330 quilos. 5 — Retirado. Aguçar. 6 — Idem (abrev.) A si. Prefixo de privação. Aqui. 7 — Negativo. Executa. Cabo da África, a NE. da Tunísia. 8 — Partir. Temor. 9 — Passado. Coxa. 10 — Nota de musica. Parede. Sofrimento. 11 — Bolhas. Patrão.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora um segundo passatempo e provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5119

HORIZONTAIS: 1 — Vã. Retratar. 2 — Prefeitura. 3 — Coa. Esrotas. 4 — ELIMINADA. 5 — Som. Tamanho. 6 — Ato. Sae. 7 — Ag. A. Ui. Re. 8 — Amamar. Eu. 9 — Orais. CAUSA. 10 — [illegible]. Id. 11 — Gozos. Sacai.

VERTICAIS: 1 — CESSA. O. 2 — Apelo. Gorla. 3 — [illegible]. Raiz. 4 — Rã. Tamisa. 5 — EFEITO. [illegible]. 6 — Tomo. Um. 7 — Rirem. Toca. 8 — [illegible]. 9 — Tatuam. 10 — Ara. [illegible]. 11 — [illegible].

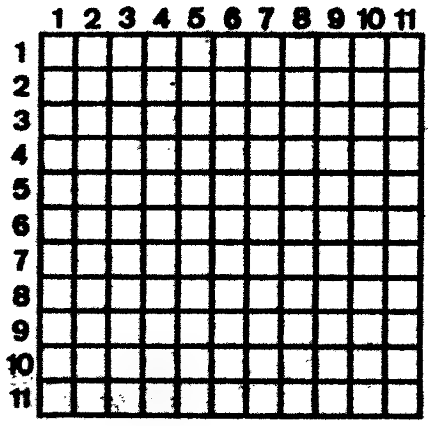
(Provérbio: ELIMINADA A CAUSA CESSA O EFEITO).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 5963

HORIZONTAIS: 1 — Dia de regozijo. Dispõe em camadas. 2 — Combinar. Temperatura elevada. 3 — Magnetiza. Nome dum planeta. 4 — Preposição e artigo definido. Pronome pessoal. Prefixo de privação. Grande ribeira da Ásia russa. 5 — Cabelos brancos. Espaço de trinta dias. 6 — Isolados. Textualmente. 7 — Um cento. Sinal gráfico. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande numero de nomes escoceses e irlandeses. 8 — Amónio (s. q.) Grande peta. Batráquio. 9 — Goteira. Primeira parte do nome duma planta do Brasil. 10 — Esclarece com comentários. Refulge. 11 — Andaniam de rostos.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Santana. (Madeira). Apanhar. 2 — Crosta na cabeça de algumas crianças sujas (fig.) Período de sete dias seguidos. 3 — Fecha as asas para descer mais depressa. Preposição. Pronome pessoal. 4 — Tão numerosas. Médico inglês célebre pelos seus estudos sobre as vértebras lombares. 5 — Lavrais. Basta. Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. (inv.º). 6 — Galinha (Prov). 7 — Recua. Nota musical. Rádio (s. q.). 8 — Partes comestíveis, dos frutos. Esvaziar. 9 — Fileira. Consentimento. Acrescentei. 10 — Macaco Mandova. 11 — Perfume. Disfarçam (fig.).



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5962

HORIZONTAIS: 1 — Itaca. Carta. 2 — Mi. Adora. Um. 3 — Pré. Ido. Aro. 4 — Iota. Temi. 5 — Alma. Caros. 6 — Cá. Me. 7 — Via. Pás. Ala. 8 — Im. Belém. AC. 9 — Rimar. Liaça. 10 — Altura. Empem. 11 — Raías. Maomé.

VERTICAIS: 1 — Impia. Virar. 2 — Tirar. Imita. 3 — Ética. Mal. 4 — Ca. Ema. Bera. 5 — Adi. Pécas. 6 — Ode. Fel. 7 — Cró. Salam. 8 — Ao. Tem. Mima. 9 — Aérea. Apa. 10 — Tearna. Lapam. 11 — Amais. Acame.

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98-2
Telef. 32 65 19

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina — Coração e pulmões — às 18 horas.

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia — Ossos e articulações — às 18 horas

Dr. Nelson de Figueiredo—Rins e vias urinárias — às 16 horas.

Dr. Romão Loft—Doenças nervosas, electroterapia — às 14 horas.

Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — às 14 horas.

Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 16 horas.

Dr. Carlos Vilar — Doenças das senhoras e coração — às 18 horas

Dr.ª Ana Brás Maria — Ginecologia — às terças e quintas-feiras — às 16 horas.

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE ÁFRICA	
«PORTO» a sair em 18 de Março	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇÂMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário),
«UIGE» a sair em 26 de Março às 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇÂMEDES. Carrega até 20 de Março.
«INFANTE D. HENRIQUE» a sair em 12 de Abril às 12 horas	Com escala por FUNCHAL, para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA. Carrega de 6 a 10 de Abril.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 19 de Março às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).
«SANTA MARIA» a sair em 25 de Abril às 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Telef. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 18 de Março de 1939 publicava:

«No Ministério dos Negócios Estrangeiros foi ontem assinado, depois do nosso jornal estar à venda, um tratado de amizade e não-agressão entre Portugal e a Espanha. Puseram o seu nome sobre tão importante instrumento diplomático o sr. dr. Oliveira Salazar, como ministro dos Negócios Estrangeiros, e o sr. Don Nicolás Franco, embaixador da Espanha que para tal fim recebera plenos poderes.

«O texto do tratado, por combinação feita entre Portugal e a Espanha, só amanhã será publicado, simultâneamente nos dois países.»

MAIS UM ALMOÇO DE LAMPREIA NA CASA DO MINHO

A saborosa lampreia vai, mais uma vez, ser o centro especial de todas as atenções (ou antes: de todas as bocas) num almoço que, no próximo domingo, a Casa do Minho promove.

Para o efeito, virá de Monção a conhecida Tininha do Vaticano, especialista no célebre ensopado. Além disso, haverá cabrito assado, sopa dourada e pudins de presunto, sem faltar o incomparável «verde» da região monçanense.

Não vale a pena o leitor deixar que a água lhe cresça na boca, porque não tem sorte nenhuma. Efectivamente, as inscrições estão esgotadas, devendo as respectivas senhas ser levantadas até quinta-feira, às 23 horas.

LUSTRES

de sonho para a sua casa. Fábrica Av. 5 de Outubro 203, r/c., E. — Telefone 77 16 39 (Ao Campo Pequeno)

J. PIMENTA SARL

ANDARES

AMADORA FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F. E REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS ESPARGAL LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto de escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA

REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

ECLIPSE DO SOL

Registou-se hoje o primeiro eclipse do Sol deste ano. Mas só na costa oriental da África e Ásia foi visível, pelo que não tivemos oportunidade de ver o Sol ensombrado durante o dia. Ainda bem, porque, ao cabo de tanta chuva e céus encobertos, despontou um pálido Sol a mitigar saudades de uma população demasiadamente castigada pelas intempéries.

Em 1969, ainda se prevê outro eclipse, a 11 de Setembro, que só será visível na Ásia Oriental e Américas do Norte e Sul. Esperam-se até ao fim do ano três eclipses da Lua, em 2 de Abril, 27 de Agosto e 25 de Setembro. Mas também nenhum poderá ser apreciado entre nós.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	—	—	520$
Consolidado 3%	—	—	540$
Consolidado 4 1/2%	640$	—	640$
Centenários 4%	1.490$	1 485$	1 495$
Obrig. Tesouro 5%	—	1 010$	1 015$
Externa 1.ª Série	—	600$	—
Externa 1.ª Série a	—	610$	—
Externa 3.ª Série	—	762$	800$
Externa 3.ª Série a	—	890$	900$
Cautelas 3.ª Série	—	195$	200$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	480$	495$
A P L 5% 56	—	950$	965$
A P L 5% 58	—	—	—
C P 4 1/2 65	923$	—	923$
C P 5 1/2% 67	—	1.030$	1 045$
C U F 6%	—	1.015$	1 020$
C U F 6% 68	1.005$	1.005$	1 007$
Gás Elect. 4% 48	—	865$	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	905$	—
Gás Elect. 5% 52	—	925$	—
Gás Elect. 5% 58	935$	930$	—
Gás Elect. 5% 59	—	930$	—
Gás Elect. 5% 62	—	935$	—
Gás Elect. 5% 63	—	910$	—
Gás Elect. 5% 65	—	—	—
Gás Elect. 5% 67	1.018$	—	—
H E A. Alentejo 5%	—	—	—
H E Cávado 5%	—	850$	—
H E Cávado 6%	1.001$	1.000$	1 001$
H E Douro 5%	850$	847$	850$
H E Douro 6%	1.001$	1.000$	1 002$
H E Norte Port 5%	—	—	—
H E S Estrela 6%	—	1.005$	—
H E Zêzere 5% 55	—	—	—
H E Zêzere 5% 57	—	—	—
Lisnave 6%	—	1 010$	1 012$
Metropolitano 4%	—	—	925$
Metropolitano 5 3/4%	—	1 025$	1 040$
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac Electr. 5%	—	860$	870$
Nitratos 5%	—	830$	—
Nitratos 5% 60	—	820$	—
Petroquímica 5%	—	900$	—
Port Celul. 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	—	935$	950$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	—	830$	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	830$	840$
Siderurgia 5% 4.ª	—	825$	830$
Sonete 5%	—	825$	—
T A P 4%	—	935$	—
Termoelect. Port. 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	—	835$	—
U E P 4%	—	835$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	825$	835$
U E P 5% 60	—	—	840$
U E P 5% 63	870$	850$	870$
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	985$	985$	990$
Alentejo	780$	775$	800$
Angola	1.790$	1 790$	1 800$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	1.880$	1.880$	1 890$
E. Santo	—	—	—
E. Santo n.	—	—	—
Fonsecas S. p.	13 200$	—	—
L. & Açores p.	—	—	—
L. & Açores n.	—	—	—
P. Atlântico p.	—	—	—
Portugal n.	—	2 390$	2 410$
Portugal p.	—	2 800$	2 850$
Totta Aliança	4 760$	4 760$	4 800$
Ultramarino n.	1 665$	1 660$	1 670$
Ultramarino p.	1 870$	1 870$	1 875$
Seguros			
Alentejo	—	68$	—
Douro	—	—	900$
Mundial	465$	460$	465$
Sagres	—	1 100$	—
Tranquilidade	—	40 000$	45 000$
Ultramarino	—	8 500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	720$	740$
Ag Cassequel	595$	590$	600$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	—	—	400$
Ag S. Tomé e Príncipe	—	320$	360$
Boror	—	—	—
Buzi	67$	66$5	67$
Cabinda	179$	179$	182$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1 400$	1 390$	1.420$
H E Revué	585$	580$	592$
Ilha do Príncipe	—	—	1 100$
Moçambique	78$	77$5	79$
Sonefe n	—	—	—
Sonefe p	350$	345$	352$
Zambézia	—	52$	53$
C.ias Diversas			
Cidla	—	6.950$	7.000$
Cim Leiria	—	2.500$	2.700$
Cim Tejo	—	3 900$	4.100$
Col Navegação	—	—	680$
C U F	—	1 040$	—
Ind Aliança	—	—	700$
Nac Navegação	1.750$	1 740$	1.760$
Petroquímica	—	2 280$	—
Port e Colónias	1 235$	1 230$	1 240$
Port Celulose	—	3 150$	3 300$
Port Pesca	770$	750$	790$
Port Tabacos	527$	520$	523$
Sacor	—	4 780$	—
Siderurgia Nac	—	1.200$	1.215$
Socel	2 300$	2 290$	2 300$
Tabacos de Portugal	920$	910$	925$
Tabaqueira	—	11 600$	11 900$
U F Azoto	745$	740$	745$
Águas, Electr. e Gás			
Aguas Lisboa p	—	395$	—
Aguas Lisboa 34	—	405$	4 5$
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	1 515$	—
Gás Electr	394$5	394$5	395$
H E Alto Alentejo	160$	159$	160$5
H E Cávado	—	1 280$	1 290$
H E Douro	1 270$	1 270$	1 273$
H E Norte Portugal	—	310$	315$
H E S Estrela	—	1.700$	1 800$
H E Zêzere	1 350$	1 345$	1.355$
Nac Electricidade	1 348$	1 346$	1.350$
Termoeléctr Port.	1 385$	1 380$	1.390$
U E P	185$	194$	195$5
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F. Atlântico	—	157$5	162$5
F I D E S	—	105$6	108$8

INDICE BORGES & IRMÃO
COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	11/3/69	17/3/69	18/3/69
GERAL	111.4	111.9	111.9
METROP.	109.0	109.4	109.5
ULTRAM.	128.6	130,0	129,6

PAISES	Compras	Vendas
África do Sul — Rands	36$00	38$00
América		
— Dollars de 1 a 2...	28$20	28$60
— Dollars de 5 a 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$20	26$70
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$39,7	$41,2
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirhan	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$25	5$65
Suiça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	325$00	340$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	39$50	41$00

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 78 Tel. 321273

VIDA POLÍTICA

● Subsecretário da Administração Escolar

O subsecretário de Estado da Administração Escolar recebeu, de manhã e de tarde, os srs. dr. Vale Guimarães, chefe do distrito de Aveiro; prof. Andrade de Gouveia, reitor da Universidade de Coimbra; prof. Moreira de Sá, catedrático da Faculdade de Letras de Lisboa; prof. André Navarro, dos Serviços Superiores de Agronomia; dr. Carlos Teles Fraga, director-geral das Alfândegas; e um grupo de professores das escolas anexas á Escola do Magistério Primário da capital.

● Subsecretário das Obras Públicas

O subsecretário de Estado das Obras Publicas recebeu o governador civil de Lisboa, dr. Afonso Marchueta.

Foi empossado o novo director clínico do Hospital de S. José

No gabinete do enfermeiro-mor dos Hospitais Civis de Lisboa foi empossado, esta manhã, no cargo de director clínico do Hospital de S. José, o sr. prof. dr. Mendes Ferreira.

A posse foi-lhe conferida pelo sr. dr. Carlos George, nas funções de enfermeiro-mor, pois a sua nomeação para este cargo ainda não foi confirmada.

Encontravam-se presentes o sr. dr. Lima das Neves, director-geral dos Hospitais Civis, bem como os directores e assistentes destes estabelecimentos.

Assinado o auto de posse, o sr. dr. Carlos George disse para o empossado:

— *Como camarada e amigo, desejo-lhe as maiores felicidades.*

O prof. Mendes Ferreira foi, também, de poucas palavras:

— *Meus amigos, agradeço a amabilidade da vossa presença.*

Caiu no «conto do vigário» e ficou sem 15 contos

O sr. Henrique Leonel Soares do Norte, de 27 anos, casado, pedreiro, natural de Caxoeiras, Vila Franca de Xira e residente naquela vila, na Rua José Dias da Silva, 38, apresentou queixa na 18.ª esquadra da P. S. P. contra dois indivíduos do sexo masculino, cujas identidades e moradas ignora. Sabe, sim, que foi vítima do estafado «conto do vigário». Disso os acusa. E sabe, também, quanto aos dois indivíduos, que um aparenta cerca de cinquenta anos, é alto e forte, usa chapéu, óculos escuros e uma gabardina azulada; o outro tem cerca de 30 anos, e baixo, tem olhos castanhos e usa boné de plástico, sem pala.

Segundo a queixa do sr. Norte, ontem, pelas 13 horas, na Av. da Republica, junto da estação do Metropolitano de Entrecampos, foi abordado pelos referidos dois indivíduos. O mais velho perguntou-lhe se conhecia dois estabelecimentos de mercearia, nas proximidades, pois tinha de ir lá levar determinada importancia em dinheiro, respeitante a uma dívida.

Respondeu o sr. Norte que não conhecia. Então, o segundo do grupo, o mais novo, depois de se ausentar por uns momentos, voltou dizendo que, por ali, ninguém conhecia aqueles estabelecimentos. Depois, a convite daqueles dois, dirigiram-se, pela Av. dos Estados Unidos da América, até á Rua Coronel Bento Roma. Aí, o mais novo começou a dizer que tinha o pai quase a morrer e aquele lhe pedira para levar uma promessa de 20 mil escudos a uma casa de tuberculosos. Mas tinha de ser um terceiro a levar o dinheiro. O queixoso acreditou e como o outro tivesse acrescentado que dava 2500$00 a cada um, se o auxiliassem na resolução daquele problema, o primeiro acusado e ele, combinaram ir cada um á respectiva residência. O queixoso foi então a Vila Franca de Xira buscar 15 contos. Voltaram a encontrar-se, mais tarde, e, no vão de uma escada na Rua Coronel Bento Roma, cada um mostrou o dinheiro que trouxera.

O sr. Norte entregou-lhes os 15 mil escudos pois os dois acusados resolveram ir entregar o dinheiro, ficando ele á espera de ambos, com um embrulho que aqueles lhe tinham deixado, contendo, segundo supunha, os 20 mil escudos da promessa.

O sr. Norte bem esperou e cansou-se de esperar. Eles nunca mais apareceram e, por fim, o sr. Norte resolveu abrir o embrulho. E ficou muito admirado: lá dentro não estava o dinheiro, mas sim papel de jornal.

Visita a Portugal do comandante-chefe das Forças Aliadas do Sul da Europa

O almirante H. Rivera, comandante-chefe das forças aliadas do Sul da Europa, que amanhã visitará oficialmente as instalações oficiais da N. A. T. O., na área de Lisboa, efectuou hoje visitas particulares de carácter turístico.

O almirante Rivera, que ontem chegou a Lisboa acompanhado do almirante L. Sotgin, da Marinha italiana e comandante das forças navais aliadas do Sul da Europa, e de oficiais superiores dos seus estados-maiores, só hoje era aguardado em Lisboa, mas, devido ao mau tempo sobre Gibraltar, o avião da Força Aérea norte-americana que o transportava não pôde descer naquela base inglesa, pelo que se dirigiu para Lisboa, onde aterrou ao princípio da tarde de ontem.

Os dois chefes militares da N. A. T. O. foram recebidos pelos srs. comodoro Jaime Lopes, subchefe do Estado-Maior Naval, que representava o chefe do Estado-Maior; comandante Décio, do Ministério da Defesa, que representava o sr. general Venancio Deslandes, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; almirante Fluckey, comandante da Iberlant; o adido naval norte-americano, e, ainda, os comandantes Courtin e Sacchetti, em serviço do quartel-general da Iberlant.

O almirante Rivera disse aos jornalistas que voltava a Portugal com grande prazer e informou que o objectivo desta visita era o de avistar-se com o almirante Fluckey, comandante de um sector da N. A. T. O., com o qual deseja trocar impressões de comum interesse.

O comandante-chefe das forças aliadas do Sul da Europa além da visita ás instalações da N. A. T. O., apresenta cumprimentos ao chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas e ao chefe do Estado-Maior da Armada, deixando Lisboa na quinta-feira, ás 11 e 30, com destino a Nápoles.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa — 457 m — 665 kc/s — Às 16: Notícias; 16 e 05: Canções por Jean Nasz; 16 e 15: Tradições costumes e turismo dos Açores, pelo dr. Carreiro da Costa; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 17 e 38: Evocação de Coimbra, por Luís Góis; 18 e 0: As grandes Figuras do Mundo Português, pelo dr Manuel Caldeira Pais; 18 e 40: Conjuntos instrumentais; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Um soleta... Uma orquestra; 20 e 40: 13.º Episódio do Folhetim «A História do Cruz» 21: Jornal de actualidades; 21 e 30: Melodias pelo conjunto Eduardo Costa; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 22 e 10: Espectáculo, magazine de Teatro, Cinema e Bailado; 22 e 30: Fados, por Vicente da Camara; 22 e 50: A Orquestra Lyrio Panicali; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16: Festival de Saint Donat de 1968 — em gravações cedidas pela Radiodifusão-Televisão Francesa; 16 e 24: Octeto em Mi Bemol Maior, op 20 (Mendelssohn); 17: Discos raros — Interpretações do baixo André Pernet — Obras de Mussorgsky, Gounod, Massenet, Gustave Charpentier; 17 e 30: Perspectivas da produção para dois pianos; 18 e 15: Musica Funebre — para orquestra de arco, á memória de Bela Bartok; 18 e 30: Rádio Educativa — (Auditório Juvenil): 19: Horizonte, por Amandio César e Mário António; 19 e 15: Musica de camara; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de Arco — Chaconne em sol menor (Fitali-Charlier), pelo violinista Henryk Szeryng; 20 e 30: Musica Coral Sinfónica Comentado por Maria Helena de Freitas «Sinfonia dos Salmos» e «As Bodas» de Stravinsky; 21 e 35: Sinfonia N.º 5 em si bemol maior (Bruckner) — Nova Orquestra Filarmonia dirigida por Otto Klemperer; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (Cultural MF 2) — 94,3 mc/s — 23: Musica Portuguesa — Obras de Joly Braga Santos; 24. Canções de Poulenc —baritono Gerard Souzay. Ao piano Dalton Baldwin; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — «Os Mestres de Viena; 1: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE—451 m — 665 kc/s — Às 10 e 10: Rádio Universidade.

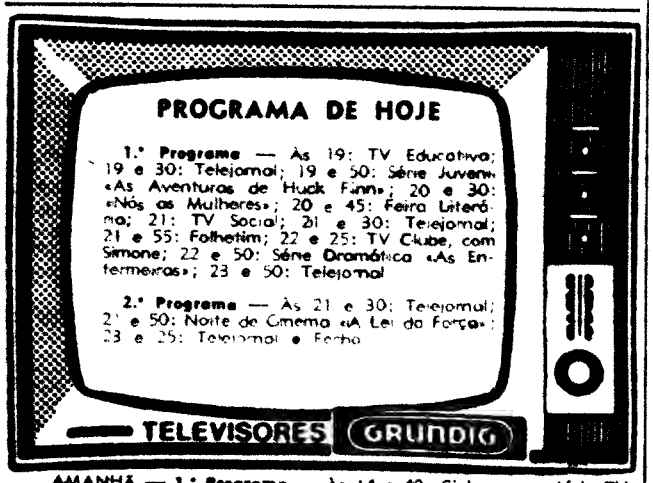
RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texental; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário, 20 e 07: Um conjunto famoso; 20 e 15: A estreia do dia; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: A grande orquestra de...; 21 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P B X.»; 2: Contacto: 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 08: Banda Sonora; 2: FM 67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Rabbialac; 19 e 45: Conjuntos de ritmo; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 02: Orquestra; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Mundo -ádio; 22 e 03: O santo; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube do Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Orquestras e canções; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires, 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 30: Página um; 20 e 55 Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: Fados na noite; 21 e 45: Trios vocais; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 10 e 30 ás 22 — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30 **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17 — **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 14 ás 2



AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos;; 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Nós as Mulheres; 20 e 45: Desporto em Câmara Lenta; 21: Notícia das Artes Plásticas; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Noite de Teatro — «O Homem do Caneto de Ouro», de Álvaro Martins Lopes; 23 e 30: Concerto — Musica Portuguesa; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal»; 21 e 50: Folhetim — «O Cavaleiro Tempestade»; 22 e 15: «Notícia do Espectáculo; 22 e 40: Série Policial — «Ponta 77»; 23 e 30: Telejornal e Fecho.

canal da crítica

QUANDO A QUALIDADE É UM LUGAR-COMUM...

1 Vai-se tornando lugar-comum falar-se da qualidade televisiva das variedades italianas. Eis-nos mais uma vez caídos no lugar-comum. Felizmente. Sabe-se que as variedades italianas nossas conhecidas não constituem a programação corrente. São ranchos melhorados. Que utilizam, em todo o caso, uma experiência acumulada no longo ofício e a existência de um «music-hall» com fundas implicações artísticas e de exploração comercial.

2 Vai-se tornando igualmente lugar-comum a lamentar pela maneira como a nossa televisão trata as rubricas de qualidade: nem uma palavra, nem uma legenda, nem a mais breve indicação sobre os artistas que vamos ver, sobre as canções que vão ser interpretadas, sobre as palavras que vão ser ditas. A RTP (por um lado, admite que o público deste País é incapaz de compreender as situações mais elementares; e por outro lado, considera-o de excepcional inteligência, cultura e poliglotismo: toma lá que é alemão, toma lá que é italiano, tu que tudo sabes, sabe mais isto. Abre-se uma excepção para os «Bons velhos tempos». Os bons novos tempos não merecem nada, enfim, esta juventude, sempre de cabeça no ar...

3 Em que medida, no entanto, a transmissão de um espectáculo de variedades como o de ontem, interessa ao público português? o público que não terá entendido uma palavra das que se disseram lá, ganhou alguma coisa com aquelas variedades? ou seja: em que medida foram educativas aquelas variedades?

Não resta a menor dúvida que «Posso ir também?» foi essencialmente espectáculo para os olhos. Para olhos distraídos de gente sem problemas. Acontece que a sociedade italiana não é uma sociedade sem problemas, longe disso. Para se poder apreciar umas variedades bailadas e cantadas e vestidas e iluminadas como as de ontem, é preciso estar na vida com um certo conforto, com uma certa disponibilidade. E' preciso, pelo menos haver jantado bem, ou pelo menos haver jantado. Os bailarinos, a música, os cenários vistosos, os vestidos bonitos, os ricos penteados, as palavras gracinosas, as canções românticas, etc., ajudam a fazer a digestão. A televisão torna-se, deste modo, concorrente do brande.

Para sabermos, pois, em que medida aquelas variedades interessam ao público italiano: valem como distracção, como *diversão*—tomando esta palavra no duplo significado de entretenimento e de deslocação de atenções.

Ao mesmo tempo, porém, em relação ao nosso público, contagia-lhe um cada vez maior grau de exigência nos múltiplos aspectos do espectáculo de variedades. Depois, por exemplo, de assistir aos quase despretensiosos bailados das variedades italianas, compreende-se melhor a falta de qualidade artística do «ballet» do *Estúdio C* transmitido no domingo. Depois de se ver actuar uma Milve, dificilmente se aceita a actuação da... Tenhamos a muita caridade de fechar a boca! E depois de assistirmos ao festival que foram os arran-

(Continua na página seguinte)

TELE RÁDIO e TV serv. permanente relampago TV fone 820726 UHF

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

AS AVENTURAS DE HUCK FINN: «UMA ESTRANHA EXPERIÊNCIA»

HUCK, Becky e Tom caem nas mãos de um cientista louco que habita num estranho castelo.

O referido homem de ciência reduz o tamanho de Huck.

No entanto, auxiliados por outra das «cobaias» do cientista, Tom e Becky conseguem salvar o amigo.

Este episódio é exibido pelas 19 e 50 e são seus intérpretes: Michael Shea, Su Ann Haslam e Kevinn Schultz.

Simone em TV Clube: «Desfolhada é sensação

FEIRA LITERÁRIA

NESTE PROGRAMA de informação e divulgação literária a transmitir pelas 20 e 45 são apresentados os seguintes assuntos: «Carnaval», de Carlos Drumond de Andrade, com recitação; Karl Jaspers, evocado pelo dr. Becket da Assunção; e, ainda, uma rubrica sobre o aniversário de Raul Brandão.

Carlos Drummond de Andrade

KARL JASPERS

«TV CLUBE» COM SIMONE E «DESFOLHADA»

A POUCOS dias de vista do Concurso Eurovisão da Canção de 1969, a realizar na capital espanhola, no dia 29, a RTP apresenta, pelas 22 e 25, um TV Clube que terá a presença de Simone de Oliveira, a representar o nosso País naquele importante certame.

No programa desta noite Simone interpreta além doutras a canção «Desfolhada», a grande vencedora do último Grande Prémio TV da Canção Portuguesa.

A realização deste TV Clube pertence a Luis Andrade.

DAVID COPPERFIELD

AS 21 e 55, prossegue a apresentação de «David Copperfield», a obra de Charles Dickens, em adaptação para a TV, produzida pela Radiotelevisão Italiana, sendo a realização de Anton Giulio Mojano, com Giancarlo Giannini no protagonista.

«Barkis morreu e David partiu para Yormouth, onde acompanhou a sua morte. E então que surge a inesperada notícia: Emily partiu para sempre com James.

Em casa de Julia, amiga de Dora, David declara-se e ficam noivos.

Entretanto, Peggoty deixa Yormouth e vem viver com o seu Dory...

2.º PROGRAMA

«Noite de cinema»: «A lei da força»

A rubrica «Noite de Cinema» preenche inteiramente a emissão de hoje.

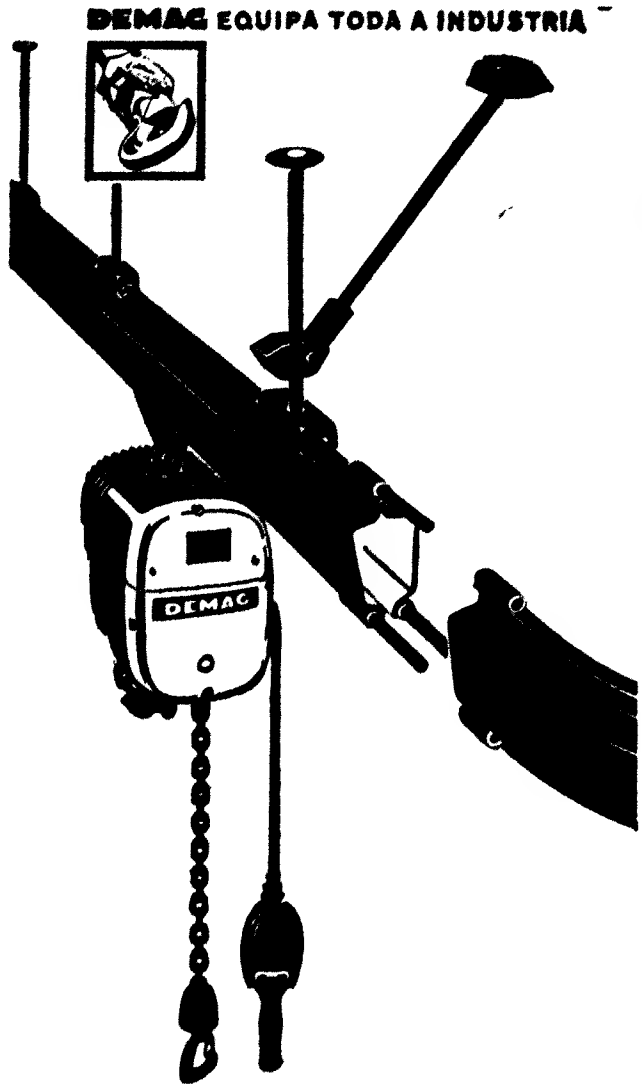
É exibido o filme de grande metragem «A lei da força» («Oklaoma Kid), com James Cagney, Humphrey Bogart, Rosemary Lane e Donald Crisp.

Zina Bethune que aqui vemos com os actores Louis Gossett, deitado, Simon Oakland e Sam Capuano, também intérpretes da série «As enfermeiras», volta a ter papel preponderante na emissão de hoje

AS ENFERMEIRAS

MAIS UM episódio da série «As enfermeiras» é apresentado na emissão desta noite. Zina Bethune, no papel da enfermeira Lucas é uma das principais intérpretes da série e do episódio de hoje, a exibir pelas 22 e 50.

DEMAG EQUIPA TODA A INDUSTRIA



Mais uma solução para os vossos problemas de elevação!

O novo «Demag Junior» deu as melhores provas nos ensaios práticos a que foi sujeito.
Equipado com corrente de elos de alta resistência, com um coeficiente de segurança dez vezes superior à sua capacidade nominal, dispõe de um acoplamento de fricção anti-desgaste que o protege contra sobrecargas e erros de manobra.
Para capacidades de 125,250 e 500 kg, podendo dispor de duas velocidades de elevação - normal e de precisão.
A sua utilização em conjunto com:
O sistema Demag Junior: pequenas gruas de parede e de coluna, pequenas pontes rolantes suspensas e monorails suspensos, de fácil montagem, constitui a resolução económica, racional e prática dos problemas da sua indústria.
Consulte-nos no seu próprio interesse e a nossa resposta será: Servir!

ROMAR
ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA
SOCIEDADE COMERCIAL ROMAR, LDA.
LISBOA — TRAVESSA DA GALE, Nº 9. TEL. 635670 / 634061
PORTO — R. DE SÁ DA BANDEIRA, Nº 589/603. TEL. 25871/32205

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

jos musicais, ontem, com muita dificuldade aceitaremos os pastelões que para aí acompanham os já de si desgraçados dos nossos canconetistas.

O interesse maior da sessão de ontem residirá, pois, na educação pela qualidade — válida, sempre, quer se trate de uma rubrica cultural, quer se inscreva nos limites do divertimento.

4 O nosso público não terá esquecido a graça, a desenvoltura, o equilíbrio de Marisa Ancelli e do seu grupo, muito embora o numero do telefone nem sempre fosse de apurado bom-gosto. Não esquecerá Milva na interpretação de uma belíssima canção de protesto. Mina não podia faltar, faz parte dos móveis da Televisão Italiana: uma presença que, para nós, se esvaziou já de toda a possibilidade de surpresa. Adriano Celentano interpretou a sua canção com exemplar sobriedade que, para alguns telespectadores, terá parecido excessiva. Foi, no entanto, a possibilidade que o realizador, Eros Macchi, agarrou às mãos ambas de imprimir á rubrica uma feição mais íntima, mais familiar, mais calma, depois do turbilhão de danças e de canções. O humor da mosca na cerveja, serviu também para outra pausa no festival de luz e movimento Afogar (em cerveja, em vinho, em água-pé, onde quiserem) todas as moscas da televisão — eis o que não deixaria de ser uma obra de misericórdia. E das grandes.

M. C.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITANICA DE TV

ASPIRADORES

BAILADO NO POLITEAMA
NOVO PROGRAMA COM O GRUPO GULBENKIAN

No intuito de contribuir para o desenvolvimento de uma arte balética caracterizadamente nacional, a Fundação Gulbenkian tem vindo a solicitar, para o seu Grupo de Bailado, a colaboração de coreógrafos, compositores e artistas plásticos portugueses. Bem representativo desta orientação é o programa dos espectáculos que aquele agrupamento artístico apresentará no Politeama hoje, ás 21 e 30, e amanhã, na sexta-feira e no sábado, ás 18 e 30.

Com efeito, avulta no referido programa a estreia absoluta de dois bailados, de dois dos nossos melhores coreógrafos da actualidade: Águeda Sena e Carlos Trincheiras. Da primeira, veremos «Instantâneo», um divertimento baseado em música de Luís Filipe Pires escrita expressamente para o efeito, por encomenda da Fundação. Os cenários e figurinos são de Inês Guerreiro.

De Carlos Trincheiras, será levado á cena «O Lodo», adaptação coreográfica da peça homónima de Alfredo Cortês que, pelo seu vigor dramático, fará vibrar o público de emoção. Os principais papéis são desempenhados por Isabel Santa Rosa, Bernadette Pesanha, Ulrica Caldas e Carlos Fernandes. Os cenários e figurinos foram desenhados por Maria Helena Mattos.

O programa é completado com o bailado de Walter Gore «Suite de Verdi», inspirado em conhecidos trechos das óperas «Trovador» e «Vésperas Sicilianas». Paula Hinton e Carlos Fernandes serão os principais intérpretes

Os Prémios da Imprensa do Bailado serão entregues hoje

Durante o espectáculo desta noite, no Politeama, em que é apresentada a última série de espectáculos do Grupo Gulbenkian de Bailado, serão entregues os Prémios da Imprensa de Bailado respeitantes aos anos de 1967 e 1968.

Assim, receberão troféus: Isabel Santa Rosa, Fernando Mateus, Águeda Sena e o Corpo Gulbenkian de Bailado; Magda Cardoso, Carlos Fernandes, Fernando Lima, Isabel Queirós e Carlos Trincheiras e a professora Ana Ivanova.

ALGÉS
APRENDA LÍNGUAS
NO INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS
RUA DOS BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS, 29, 2.º
INSCRIÇÕES DAS 10 ÀS 12 E DAS 17 ÀS 22 HORAS

OFERTA DO MÊS DE MARÇO
Livros quase de graça seleccionados para divulgação
Pode receber em sua casa, sem mais despesas, remetendo-nos em selos do correio 3$00 para um, 6$00 para dois ou 9$00 para três romances diferentes
Pedidos à
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO
Rua Alberto Aires de Gouveia, 27, PORTO ou á Filial: Av. Almirante Reis, 102-r/c., Dt.º — LISBOA — 1
(Nome e direcção completos e bem legíveis)

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

LUTA LIVRE AMERICANA

(TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA)

2.ª JORNADA

HOJE, AS 21,45 H.

Pavilhão dos Desportos

Para esta noite, que promete ser sensacional, mais quatro grandes combates de Luta Livre, com os melhores «catcheurs» que até hoje vieram a Portugal.

Se a 1.ª sessão foi um êxito e o público ficou satisfeito, tudo há a esperar desta segunda, que se aguarda seja ainda melhor.

Suspensas rigorosamente as entradas de favor

(M/ 17 anos)

TARZAN TABORDA — O verdadeiro e melhor lutador português de todos os tempos

4 COMBATES EM 6 ASSALTOS DE 5 MINUTOS

TARZAN TABORDA (Portugal)	LANDRO (Espanha)
contra	contra
MONTORO (Espanha)	MAXIMILIANO (Peru)
MIK BARONE (Itália)	VELIZ (Espanha)
contra	contra
CASTAÑEDA (Peru)	SHARON (Inglaterra)

ARBITRO: Prof. ALVARO SANTOS, mestre de luta

8 grandes lutadores estão entusiasmando o público da capital, que já não fala de outra coisa!

O torneio internacional de Lisboa é o assunto dominante dos desportistas!

Todos querem ver os «gigantes do ring» neste duro e difícil Torneio de Luta Livre!

TARZAN TABORDA: — o ídolo dos portugueses!

A Luta Livre já conquistou o público e é o «coqueluche» dos espectáculos desportivos!

AO PÚBLICO — As bilheteiras da Agência dos Restauradores encontram-se a funcionar.

A partir das 20 horas, abrem as 2 bilheteiras do Pavilhão.

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

GALVEIAS

CORONEL

VIRGÍLIO GARCIA GODINHO BRAGA

Missa do 7.º Dia

Sua Família participa que no dia 19, ás 10.30 horas, na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, será rezada Missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

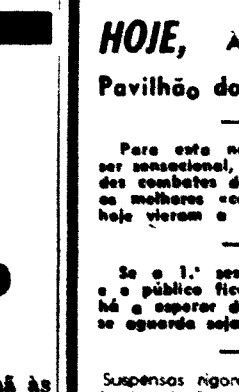
Condes de Valle de Reis

José Pedro de Basto

Feyo Felque

A Real Irmandade da Santa Cruz e Passos da Graça manda celebrar, na sua igreja, amanhã, 19, pelas 12 horas, missa pelo eterno descanso da Alma do seu antigo e dedicado Escrivão.

P. N. A. M.



Joaquim Maria Feijóo

MISSA DO 30.º DIA

Seus filhos e mais família, participam que amanhã às 11 horas, na Igreja do Coração de Jesus (Santa Marta) será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

P. N. A. M.

NÃO HAVIA OUTRA HIPÓTESE

A CASA DO PESSOAL DA SACOR DEFENDE NAS PISTAS DE CINZA AS CORES DO ATLÉTICO DE MOSCAVIDE

A valorização do indivíduo através da educação física e, particularmente, pela prática da competição desportiva, a par do desenvolvimento educacional, traçou, decisivamente, uma órbita dentro da qual se incluem os mais variados sectores da actividade humana.

Lògicamente a evolução que esse facto identifica e o reconhecimento da necessidade de estabelecer mais íntimo convívio entre camadas diferentes num intuito de aproximação levaram a ideologia empresarial a aproveitar as vantagens daí resultantes numa colheita de benefício mútuo, apoiando e estimulando as iniciativas que, embora de carácter extraprofissional, nem por isso deixam de integrar-se no âmbito das empresas, criando, portanto, mais estreitos vínculos entre assalariados e entidades patronais

E, sem que pretendamos fazer apologias, justo se nos afigura salientar, num mundo onde predomina o conceito lucrativo, o interesse que em Portugal as empresas de mais fortes estruturas económicas começam a votar á formação física, englobando-as num vasto campo de actividades sociais, o que pode vir a ter marcada influência no «apressar do passo» que se impõe ao desporto nacional para elevar-se a um aceitável nível internacional.

*

Ali, onde o Tejo e Lisboa marcaram encontro, nasceu uma interessante obra, infelizmente ainda pouco frequente, e que caracteriza a nova linha de pensamento predominante nas relações entre assalariados e patrões: o bairro social da Sacor.

É um bonito agregado populacional onde vivem cerca de duas mil pessoas nas quatrocentas e dezoito residências que o constituem. Um bairro moderno, que conta, para além de uma igreja e da indispensável assistência religiosa, de um jardim-escola, com educadoras de infância, e um centro de convívio (com biblioteca) onde se processam interessantes actividades culturais e desportivas.

De resto, tem sido essa diversidade a preocupação predominante da Casa do Peccoal da Sacor agremiação de natureza voluntária, que integra, quase pode dizer-se, o totalidade dos empregados, e á qual estão confiadas todas essas iniciativas.

Ainda no último ano, o grupo cénico da Casa do Pessoal da Sacor pôs em cena a peça de Calvo Sotelo «A muralha» numa encenação de Rui Furtado, director artístico do agrupamento. Também, frequentemente, se promovem concursos literários e outras manifestações que têm constituído outros tantos motivos de satisfação para quantos vivem na órbita das actividades empresariais.

*

Contudo, a atenção dos «responsáveis» pelo desenvolvimento social e convívio entre o pessoal da Sacor tem-se situado precisamente no sector da educação física.

Dos oitocentos e cinquenta mil escudos que anualmente a Casa do Pessoal da Sacor movimenta nas suas actividades (aproximadamente seiscentos é o contributo da empresa), cerca de quatrocentos são gastos em iniciação práticas gimnodesportivas

Assim, foi aplicado na escola primária, que em regime privativo funciona no bairro, um esquema de ensino que inclui o número de aulas de educação física previstas no plano geral para o ensino primário. É uma curiosa experiência, de que só dentro de alguns anos se podem observar os frutos, mas em cujo êxito abertamente confiam os dirigentes da Casa do Pessoal da Sacor.

QUATROCENTOS CONTOS GASTOS ANUALMENTE COM A ACTIVIDADE GIMNODESPORTIVA

No ano passado, ou melhor, de Fevereiro de 1968 a Janeiro de 1969, nas quinhentas e sessenta e duas aulas que se realizaram, há a assinalar elevado número de presenças: 11 019 alunos beneficiaram de uma iniciação gimnodesportiva racional e devidamente orientada.

Mas, para além dessa iniciação, que abrange os filhos dos empregados da empresa, dos 3 aos 14 anos, mais de setenta pessoas colhem diàriamente os benefícios da ginástica.

Como consequência natural temos a actividade desportiva no campo competitivo. Assim, surgiram diversas modalidades no Grupo Desportivo da Casa do Pessoal da Sacor cujos representantes vemos, habitualmente, nos torneios da F. N. A. T.

Procurando sempre a colaboração de técnicos experimentados e sabedores, os praticantes do grupo disputam os campeonatos de andebol, basquetebol, bilhar, futebol, motorismo, voleibol, ténis e ténis de mesa, além de outras competições de xadrez damas e pesca desportiva.

Também no Grupo Desportivo da Casa do Pessoal da Sacor se pratica atletismo, mas isso é uma história que merece ser contada em separado.

*

Quando, há cerca de três anos, por iniciativa do dr. David Sequerra, se estendeu o interesse pela prática do atletismo aos filhos dos associados do Grupo Desportivo, logo surgiu um tremendo e quase inultrapassável obstáculo: estes não poderiam competir no plano corporativo (F. N. A. T.) por não serem trabalhadores, nem participar em provas federativas porque o grupo, com existência legal no âmbito corporativo, não a tinha, no entanto, como agremiação de características fundamentalmente desportivas.

A teimosia e pertinácia dos homens venceram, porém, as dificuldades. De resto, negar aos jovens a possibilidade de competir seria recusar-lhes um estímulo, furtar-lhe a própria essência da prática desportiva. E a solução surgiu: já que não poderiam concorrer ás provas corporativas, fariam a sua apresentação no desporto federado. E os assalariados da Sacor, para ver os filhos nas pistas em despique com outros atletas, pediram um nome emprestado: o do Atlético de Moscavide.

— Claro que nem todos os representantes do Atlético de Moscavide estão ligados á Sacor. Alguns são do próprio clube. Mas esse facto torna, até, mais ampla a nossa acção social.

Isto disse-nos o professor Raimundo Mendes, técnico responsável pelos atletas (do Atlético ou da Sacor?), numa destas noites frias, enquanto os seus rapazes e raparigas procuravam, nas pistas do autêntico estádio (construído a expensas da Sacor), a melhor forma para os próximos campeonatos.

Depois, num breve intervalo, Maria Eduarda Gomes, uma das atletas, 15 anos risonhos e promissores, em quem o prof. Raimundo Mendes reconhece amplos recursos na modalidade, também nos disse:

— Gostamos do atletismo e de competir. E, embora o façamos em nome do Atlético, também estamos contentes. Moscavide, no fim de contas, é o nosso bairro.

E a Sacor, empresa poderosa no mundo da indústria, que gasta quatrocentos contos por ano com a actividade desportiva do seu pessoal, não pode ver os filhos dos assalariados defender o seu nome nos campos do desporto. Os regulamentos não o permitem. Com todos os seus milhões teve de deixá-los utilizar um nome que não é o seu.

Seria, naturalmente fácil — dirão alguns — á semelhança do que acontece noutras sociedades, a fundação de um clube desportivo com o nome da empresa. Foi, mesmo, essa a questão que pusemos ao eng.º Fernando de Almeida, presidente da direcção da Casa do Pessoal da Sacor:

— Nem no desporto corporativo nós temos a pretensão de aparecer como vedetas. Interessa-nos muito mais a formação desportiva dos jovens nossos filhos. Nunca pensámos, sequer, na criação de um clube nessas condições.

*

Eis como o Atlético de Moscavide, um clube modesto, de escassas possibilidades económicas, surge na história, que um dia há-de fazer-se, do actual revigoramento do atletismo português. Apadrinhando os atletas «sacoristas», ele é que colhe os benefícios que usualmente recebam os afilhados. Mas, se outras empresas seguissem o exemplo ..

E. V.

Estão em estágio os futebolistas juniores que defrontarão a Itália

Convocados pelo seleccionador nacional da categoria, concentraram-se ontem nas instalações do I. N. E. F. os futebolistas juniores que no dia 2 de Abril defrontarão a equipa da Itália, em Como, no jogo da 2.ª mão da eliminatória do Torneio Internacional.

No estágio, que terá a duração de dois dias, encontram-se os seguintes jogadores:

Vítor Manuel (Sporting), Luiz (Boavista), Meireles [illegible] de Setúbal), Laranjeira (Sporting), Tomás (Porto) Barbosa (Boavista), Carolino (Benfica), Peixoto (Atlético), Louceiro e Jacinto (Benfica), Hélder (Porto), Serafim (Belenenses), Domingos (Lusitano V. R.), Belo (Portalegrense), Vítor Manuel (Marinhense), João Machado, «Nandos» e Simões (Sporting).

Foram também indicados á U. E. F. A., além dos jogadores concentrados, Matos, Eduardo e Vítor Silva (F. C. Porto), Nicolau (Leixões), Celestino (Sporting) e Vieira (Farense).

Inquérito à arbitragem de Marcos Lobato pedido pelo Benfica

Deve ser entregue ainda hoje na Comissão Central de Árbitros o pedido de inquérito formulado pelo Benfica para que seja instaurado inquérito á arbitragem do juiz de campo setubalense Marcos Lobato que dirigiu o encontro que os «encarnados» disputaram no passado domingo, em Guimarães.

Segundo nos disse esta manhã o eng.º Helder Viegas, Chefe do Departamento de Futebol do Benfica, *«não se trata de um protesto mas apenas se procura um apurar de responsabilidades Com efeito verificou-se no decurso da primeira parte do jogo, uma série de lances faltosos para os quais ao intervalo chamei a atenção do senhor Marcos Lobato, que não reprimira, talvez receoso do ambiente escaldante que rodeava a partida. Entretanto não hesitou em expulsar Torres, na segunda parte do desafio por uma falta muito menos grave. Claro que não acredito que o árbitro tivesse o propósito de conscientemente, prejudicar o Benfica, mas o clube é que não pode ser lesado sem reagir.*

Por outro lado em Guimarães, vivendo-se ainda um clima de entusiasmo não só pela vitória mas sobretudo pelas perspectivas que a mesma abre ao Vitória quanto á conquista do título, aceita-se com a mais completa serenidade, o pedido feito pelo Benfica.

«O Vitória de Guimarães» — disse-nos o respectivo presidente Fernando Roriz, *«não tem qualquer posição a tomar. O assunto não é connosco.»*

DES POR TO

INSTANTÂNEOS

ANTÓNIO NOBRE EM FRANÇA

António Nobre, o grande poeta do «Só», esteve em França. Por lá penou saudades de Portugal e escreveu versos eternos.

Um compatriota, com o mesmo nome, vai agora tentar a sorte como jogador de futebol do St. Etienne.

Que seja feliz, como nunca o foi o seu genial homónimo.

UM «COLLAR» PRECIOSO

O Atlético de Madrid vai homenagear o seu jogador Collar. O «veterano» esquerdo dos «colchoneros» recebe assim a recompensa que lhe é devida.

Collar tem uma carreira exemplar ao serviço do Atlético madrileno, que serviu sempre com a maior dedicação. Para quem foi, indubitàvelmente, um «Collar» precioso...

AS TRÊS TABELAS

Está a disputar-se o campeonato nacional de bilhar, ás três tabelas. Sporting e Benfica, pelo Sul. F. C. Porto e Leixões, pelo Norte, apontam os tacos a ver quem consegue as maiores séries.

A partida livre é mais fácil, não exige tanta precisão. Quando as bolas estão de «caras» só não acerta quem nao quer.

Quando se efectuará o campeonato á tabela seca? Talvez lá mais para o Verão ..

A N. A. T. O. E O RAGUEBI

O râguebi é uma das modalidades em que se nota maior interesse de praticantes e dirigentes pelo seu progresso. Uma união de esforços tende a propagar o viril desporto

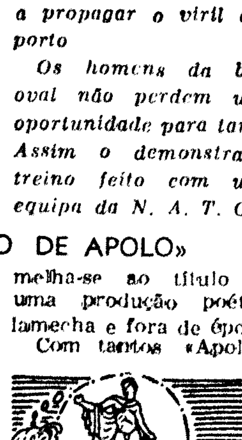
Os homens da bola oval não perdem uma oportunidade para tanto. Assim o demonstra o treino feito com uma equipa da N. A. T. O.

A «RECORDAÇÃO DE APOLO»

Lemos nos jornais, que a «Recordação de Apolo» disputava o campeonato feminino de pingue-pongue. Palmas á simpática colectividade, cujo nome parece, porém, um tanto anacrónico.

Hoje, que ninguém vive de saudades, a «Recordação de Apolo» assemelha-se ao título de uma produção poética lamecha e fora de época.

Com tantos «Apolos»



por essa Lisboa, para quê a «Recordação» de um só?!

A CONSOLAÇÃO DOS INFANTIS

Há vários torneios de ténis de mesa. Um deles é o de «Consolação de Infantis»!

Mas então os pequenos já necessitam disso? Numa idade como a deles, tal prova parece descabida.

Arranjem outros títulos para os campeonatos dos miudos. Deixem as «Consolações» para os mais velhos.

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

HÓQUEI EM PATINS

Sporting: resultado mais volumoso no «Torneio de Abertura»

Nova jornada do «Torneio de Abertura», em hóquei em patins, a quarta, que englobava os seguintes encontros:

Algés-Parede	0-3
Azeitonense-C. Tejo ..	3-1
C. U. F.-J. Salesiana	2-2
Cascais-F. Benfica ...	7-1
Sp. Torres-Sporting ..	0-10
Sintra-Física	8-2

O jogo Belenenses-Paço de Arcos foi interrompido, por inferioridade numérica da equipa da Costa do Sol, devido a suspensões de jogadores. O Paço de Arcos estava a vencer por 2-0!

Nos restantes encontros resultados normais, sendo de registar a primeira vitória do Azeitonense e o empate alcançado no Barreiro, pela equipa do Estoril.

Mantêm-se assim invictos, Parede, Belenenses, Cascais, Campo de Ourique, tendo sofrido a sua primeira derrota, a Física, de Torres Vedras.

Classificações:

Série A — 1.º, Parede (16-5), 12 pontos; 2.º, Belenenses (21-4), 9; 3.º, Liga de Algés (7-13) 7; 4.º, Azeitonense (8-18), 6 e Paço de Arcos (8-4), 6; 5.º, Cimento Tejo (2-16), 3.

Série B — 1.º, Cascais (12-4), 8; 2.º, C. U. F. (12-8), 8; 3.º, Oeiras (8-7), 7; 4.º, J. Salesiana (13-5), 6; e 5.º, F. Benfica (3-24), 1.

Série C — 1.º, C. Ourique (20-5) 9; 2.º, Sintra (22-8), 7; 3.º, Sporting (16-7), 6; 4.º, Física (10-13), 6 e 5.º, Sp. Torres (3-38), 4.

Próxima jornada, na sexta-feira: C. Tejo-Algés, Belenenses-Parede, P. Arcos-Azeitonense, J. Salesiana-Cascais, F. Benfica-Oeiras, Sporting-Sintra e Física-C. Ourique.

Condenados

por lançarem petardos durante o jogo

STIP (Macedónia), 18 — (F. P.) — Dois fervorosos adeptos da equipa de futebol de Stip, na Macedónia, foram condenados a três e a cinco anos e meio de prisão, por terem feito explodir petardos durante um desafio. Em virtude das explosões, 31 pessoas ficaram feridas, 8 das quais com gravidade.

Uma fase do jogo Belenenses-Paço de Arcos, que não atingiu o tempo regulamentar porque o árbitro deu a partida por concluída quando o Paço de Arcos ficou apenas com dois jogadores no recinto

Pugilismo

FREDDIE LITTLE – campeão mundial de médios ligeiros

LAS VEGAS (Nevada), 18 — (A. N. I.) — O pugilista norte-americano Freddie Little, ganhou o título de campeão mundial dos médios-ligeiros, que estava vago, ao vencer aos pontos o seu compatriota Stanley «Kitten» Hayward num combate de 15 assaltos, disputado, ontem á noite, em Las Vegas (Nevada).

Freddie Little fez um combate cauteloso do princípio ao fim.

TÉNIS DE MESA

Hungria, Índia e Marrocos adversários de Portugal para o campeonato mundial

MUNIQUE, 18 — (F. P.) — Foi sorteada a composição dos vários grupos de países que disputarão os campeonatos do mundo de ténis de mesa, nesta cidade, de 17 a 27 de Abril.

É a seguinte a composição dos grupos:

HOMENS

Grupo 1 — Japão, Finlândia, Israel, Nigéria e Peru. Grupo 2 — U.R.S.S., Holanda, Canadá e Chile. Grupo 3 — Jugoslávia, Bélgica, Austrália e Bulgária. Grupo 4 — Hungria, Índia, PORTUGAL e Marrocos. Grupo 5 — Inglaterra, Irão, Noruega e Guernesey. Grupo 6 — Dinamarca, Polónia, Jersey e Grécia. Grupo 7 — Coreia do Norte, Irlanda, Escócia, Líbano e Paquistão. Grupo 8 — Suécia, Austria, Luxemburgo, Jordânia e Egipto. Grupo 9 — Alemanha Federal, Indonésia, Ghana e Brasil. Grupo 10 — Checoslováquia, Estados Unidos, Suíça e Argentina. Grupo 11 — Roménia, França, Gales e Turquia. Grupo 12 — Coreia do Sul, Cambodja, Espanha e Malta.

SENHORAS

Grupo 1 — Japão, Luxemburgo e Áustria. Grupo 2 — Hungria, Finlândia e Grécia. Grupo 3 — Alemanha Federal, Suíça e Irlanda. Grupo 4 — Alemanha Oriental, França e Ghana. Grupo 5 — Roménia, Austrália e Jordânia. Grupo 6 — Suécia, Holanda, Gales e Irão. Grupo 7 — U. R.S.S., Escócia e Bélgica. Grupo 8 — Checoslováquia, Canadá e Espanha. Grupo 9 — Coreia do Sul, Estados Unidos e Noruega. Grupo 10 — Inglaterra, Cambodja e Jersey. Grupo 11 — Jugoslávia, Dinamarca e Peru. Grupo 12 — Polónia, Bulgária, Turquia e Chile.

Acontecimentos DE ONTEM

Ténis de mesa

Resultados dos jogos a contar para a 13.ª jornada do Campeonato Regional de Juniores: Águias-Benfica, 0-5; Liagás-Armadorense, 5-3; Ateneu-Intendente, 4-5, e Centro Católico-Sporting, 2-5.

Para o Torneio de Consolação: Combatentes A-Académica da Amadora, 5-3 e Combatentes B-Desportivo da Graça, 0-5.

Andebol

A contar para o Torneio de Encerramento, foram os seguintes os resultados apurados nos jogos ontem á noite disputados: Sporting da Penha-Encarnação, 18-22; Vendedores de Jornais-Casa Pia, 21-11, e Faculdade de Ciências-Clf, 20-24.

Basquetebol

A contar para o Campeonato Metropolitano Feminino de basquetebol a equipa da Clf venceu a do Atlético da Encarnação por 39-21 no encontro disputado em Setubal no Pavilhão do Naval Setubalense.

Voleibol

Prosseguiu ontem o campeonato regional de voleibol, em seniores, com a realização de mais dois encontros.

No jogo principal, que se efectuou no Ginásio da Escola Numo Gonçalves, o Nacional venceu o L. Ginásio por 3-1 (15-9; 15-8; 11-15; 15-7).

Na ausência de árbitros indicados, o que já vai sendo lamentável e usual, a partida foi dirigida por Fernando Dias e as equipas alinharam:

L. GINÁSIO — Cazal-Ribeiro, Fernando Boleto, Joaquim Azevedo, Marques Pereira, Fernando Simões, António Ribeiro, Rodrigo Carvalho e Armando Jerónimo.

NACIONAL — Vilar Moreira, Manuel Pires, José Custódio, Aguiar Bussel, José Pimpão e António Resende.

Vitória justa e natural da equipa mais homogénea que marcê da sua melhor movimentação não deu qualquer hipótese de reacção aos «ginastas» que tudo tentaram para o conseguir.

Os vencidos não puderam repetir assim, as bôas exibições efectuadas nos ultimos encontros, embora tenham vencido o 3.º «set» após excelente recuperação.

No outro encontro, o Sintrense impôs a primeira derrota à Faculdade de Ciências nesta fase da competição, por 3-1 num encontro efectuado em Sintra e ao ar livre, o que muito contribuiu para o fraco rendimento dos «universitários».

Para o Torneio Aberto de Juvenis, a equipa principal do L. Ginásio venceu a sua formação B por 3-0 (15-5; 15-3; 15-5) e o Nacional derrotou o Clf por 3-1 (15-2; 17-15; 7-15 e 15-12) após um encontro de certo modo equilibrado.

INSTAURADO INQUÉRITO A 16 FUTEBOLISTAS DO F. C. PORTO

Apesar da vitória do F. C. Porto no campo da C. U. F. não se apagaram as reacções de controvérsia relativamente á suspensão dos jogadores Américo, Pinto e Gomes.

Por sugestão do técnico aqueles jogadores foram dispensados até conclusão de inquérito que a direcção mandou agora instaurar após ter conhecimento do relatório que acerca do assunto lhe foi entregue ontem.

Sabemos ainda que os restantes jogadores subscreveram uma carta que enviaram á direcção mostrando-se solidários com os companheiros afastados. Parece, portanto, ser o movimento descontente geral embora só os três elementos citados tivessem sido os mais categóricos na sua recusa de antecipar os estágios.

Porém, a direcção do F. C. Porto, reunida ontem á noite, ao apreciar a exposição dos seus futebolistas solicitou ao Conselho Fiscal, Contencioso e Sindicancia, que fosse instaurado um inquérito para se apurar a responsabilidade dos seguintes futebolistas: Américo, Rui, Bernardo da Velha, Valdemar, Rolando, Atraca, Pavão, Lisboa, Gomes, Chico, Vítor Gomes, Djalma, Pinto, Nóbrega, Alberto e Almeida.

HOJE, À NOITE

BASQUETEBOL — Campeonato Metropolitano Feminino: Nacional-Vitória de Setúbal, ás 21 e 30, no Pavilhão da Ajuda; e Benfica-C. I. F., ás 21 e 30, no Pavilhão da Luz.

Grande Torneio Feminino: C. D. U. L.-B-C. I. F., no Estádio Universitário, ás 21 e 30.

FUTEBOL — Taça Tejo (reservas): Sporting-Belenenses, no Estádio José Alvalade, ás 21 e 30.

TÉNIS DE MESA — Taça de Portugal para seniores (fase de Lisboa): G. I. P. A.-Sporting e Paço de Arcos-Benfica, nas mesas dos primeiros; e Mirantense-Liagás, na mesa do Benfica, todos ás 21 e 30.

— Torneio Popular de Seniores: Série A — Lusitano Clube-Os Económicos, Vitória-Palmeiras e Combatentes-Bentense B. Série B — Cruzeirense-Cova da Moura, Caixa Económica-Paço de Arcos, Série C — Os Económicos B-Madre de Deus, Bairro Tapa-Estrelas de Alvalade e Academia 1.º de Junho-Leais Amigos, nas mesas dos primeiros, ás 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa Feminino: Benfica A-Benfica B, ás 20 e 15; e C. D. U. L.-C. I. F., ás 19 e 15, ambos no Liceu Gil Vicente.

NO PORTO

FUTEBOL — Sorcelo, ás 22 horas, da segunda fase da prova extraordinária de Juvenis, na sede da Associação de Futebol do Porto.

ESPANHA-SUIÇA EM VALÊNCIA NO DIA 26

A selecção suiça, adversário de Portugal na fase de qualificação para o «Mundial» de futebol e que esta semana, jogando em Berna contra o Bayern de Munique, perdeu por 4-1, disputará no próximo dia 26 do corrente, em Valência, um encontro particular contra a selecção espanhola.

Nesse jogo-treino contra o Bayern de Munique a selecção suiça apresentou a seguinte formação: Prosperi; Ramseier, Tacchella e Permin; Stierli e Perroud (Meyerli); Odermatt, Kuhn, Quentin (Grunig), Brena, Keunzli e Verriéumier (Jeandupeux).

PREPARAÇÃO DA SELECÇÃO UNIVERSITÁRIA DE FUTEBOL

Com vista á preparação da selecção universitária de futebol, os jogadores seleccionados, foram divididos em duas selecções, A e B, que no próximo dia 19, realizam dois treinos.

Assim a Selecção A, desloca-se até ao Estádio Nacional, onde, ás 16 e 30, defronta a Selecção Nacional de Juniores, e os seleccionados B, defrontarão, ás 17 e 30, no Restelo, um misto do Belenenses.

Formam a Selecção A, os seguintes jogadores: Bantos, Tito, Carvalho, Assunção e Jordão, da Academia Militar; Afonso, Lourenço, Elísio e Sequeira, de Direito; Rusteiro e Lisboa, de Económicas; Celso, Neto, Nogueira e Helder, de Medicina; Lince, da Naval; Castro e Orlando, do I. N. E. F.; e Gustavo, de Belas-Artes.

Para a Selecção B, foram convocados os seguintes jogadores: Pinheiro, da Academia Militar; Alberto, de Direito; Oliveira, de Económicas; Barroso e Sarredo, de Medicina; Patrício, Perlouro e Robles, da Naval; Vasco, Monge, Raposo, Vítor e Tosualdo, do I. N. E. F.; Nero e José Lemos, do Técnico; Taborda, de Ciências; Barata, Rosa e Veloso, de Letras; Augusto e Frazão, de Belas-Artes; Alvim e Raposo, do I. S. C. S. P. U.; Nunes, de Farmácia, e Telmo, de Agronomia.

S. P.

PORFÍRIO FOI VÍTIMA DE UM ACIDENTE INSÓLITO

O jogador do Sporting Porfírio, que está emprestado ao Montijo por uma época, sofreu um acidente deveras insólito que o impedirá de alinhar por algum tempo.

No jogo de há oito dias para a Taça de Portugal contra o Vitória de Setúbal, aquele jogador sentiu uma forte picada num pé que lhe provocou dores insuportáveis.

Durante a semana Porfírio continuou a queixar-se das dores, tendo, por isso, sido radiografado. Descobriu-se então que tinha o fragmento de uma agulha alojada no pé. Feito um exame á bota verificou-se que, por negligência do sapateiro, fora deixada uma agulha na palmilha, a qual, partindo-se, deixou um fragmento alojado no pé do jogador.

Neste momento o departamento clínico do Montijo ainda não decidiu se o jogador deverá ou não ser operado para a extracção do fragmento da agulha.

Armando Júlio regressou ao Montijo

O Montijo vai poder contar já no próximo jogo frente ao Almeda com o concurso do seu jogador Armando Julio, que regressou há pouco do Ultramar onde esteve a cumprir o serviço militar.

FUTEBOL NOS E. UNIDOS

O inglês Gordon Jago acaba de ser nomeado treinador da equipa nacional de futebol dos Estados Unidos.

A notícia foi dada por Kurt Lam, secretário administrativo da «United States Soccer Football Associations» (Federação de Futebol dos Estados Unidos).

Gordon Jago, de 37 anos, sucede neste cargo ao galês Phil Woosnam, antigo treinador da equipa dos «Atlanta Chiefs» e actual presidente da «North American Soccer League», o organismo que desde 1967 vem desenvolvendo esforços para implantar o futebol nos Estados Unidos.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

CARTAZ DOS CINEMAS

EDEN

(Adultos) Tel. [illegible]
Às 15.15 18.30 e 21.45
Ingrid Thulin, Maurice Ronet e Gabrielle Frossetti em

O DIABO ATRÁS DA PORTA

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
A 15.15 18.15 e 21.30
Richard Burton e Elizabeth Taylor em

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50505
Às 3 da tarde (p. red.) e 9.30 da noite
Uma sátira mordente à vida inglesa!

ESCORREGAR E CAIR

com Robin Phillips e Genevieve Page
Às 18.30 — RECITAL PELO P. RAMÓN CUE

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 48560
Às 15.30 18.30 e 21.45
Um filme de Carl H. Dreyer

«A PALAVRA» (Ordet)

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763080
Às 15.45 e 21.45
Richard Burton e Elizabeth Taylor em

QUEM TEM MEDO DE VIRGINIA WOOLF?

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
Às 21.30 horas

O BOM, O MAU E O VILÃO

com Clint Eastwood e Lee Van Cleef

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 48933
Às 21 horas

A PISTOLA DO MAL NUNCA DIGAS SIM

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 21.30
UM ÍDOLO DA CANÇÃO: 3.ª SEMANA

ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA

EASTMANCOLOR
Um movimentado filme com belas canções!

SÃO JORGE

(M. 17 anos) Tel. 54253
2.ª SEMANA
Às 15.15 18.15 e 21.30
STEVE McQUEEN e FAYE DUNAWAY

O GRANDE MESTRE DO CRIME

Um filme de classe invulgar

CONDES

Telefs. 32 26 83 32 62 10
(M. 12 anos)
7.ª SEMANA
Às 15, 18.15 e 21.30
RICHARD BURTON CLINT EASTWOOD MARY URE
Um espectáculo que é um desafio à sua coragem!

O DESAFIO DAS ÁGUIAS

— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 791574
Às 21.30
Ar Condicionado
Parque Privativo

INTERLÚDIO DE AMOR

com Oskar Werner e Barbara Ferris

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
3.ª SEMANA
Carroll Baker, Jean Sorel e George Milton no empolgante filme em Scope colorido

O DOCE CORPO DE DEBORAH

Metro: estação Picoas

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095
Às 15.30, 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme sádico e violento
FRANCO NERO

RESGATE HUMANO

EASTMANCOLOR
c/ Charlotte Rampling

LIDO

Praça D. João I — Amadora
(M. 12 anos) Tel. 937593
Hoje, às 21.30 h.
Uma comédia com Lola Falana e Nino Taranto

ESTA NOITE É MINHA

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 46560
Às 21 horas

NOITE DE VIOLÊNCIA
O LEÃO DE SÃO MARCOS

IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
6.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história de amor
TECHNICOLOR

ROMEU E JULIETA

ODEON

(Adultos) Tel. 326383
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
A NOVA SUPER OBRA-PRIMA

DUNIA, A NOIVA ETERNA

com Eva Bartok e Ivan Desny
A odisseia de uma jovem vítima de falsas promessas de amor
AGFACOLOR

MONUMENTAL

(M. 17 anos) Tel. 555131
Às 15.15 e 21.30
Gregory Peck, Eva Marie Saint num filme de invulgar craveira

EMBOSCADA NA SOMBRA

Technicolor · Panavision

QUINZENA ESPIONAGEM
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
INTRIGA INTERNACIONAL, de Alfred Hitchcock
com Cary Grant, Eva Marie Saint, James Mason
Dia 21: O Caso Ipcress (Adultos)

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
Às 15.30 e 21.45
Divertida comédia de Luigi Comencini

SERVIÇO SECRETO ITALIANO

EASTMANCOLOR
Nino Manfredi, Georgia Moll e Gastone Moschin

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
2.ª Semana

A MAIOR BOLADA DO MUNDO

Panavision — Metrocolor
com Raquel Welch e Vittorio de Sica
Amanhã, às 18.30 — Sessão a favor das «Oficinas de São José»
OS PEQUENOS HOMENS DA FLORESTA (M. 6 anos)

CASINO ESTORIL

(M. 12 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30

OTHELLO

com Laurence Oliver, Maggie Smith, Joyce Redman e Frank Finlayo

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326306
SÓ NAS SESSÕES DA TARDE
Às 15.15 e 18.15 (p. r.)
EM ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

O RANCHO DA INJUSTIÇA

com a incomparável
DORIS DAY
Uma mulher revolucionou o Far West. Foi a primeira que bateu o pé aos homens.
TECNICOLOR

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) Tel. 326917
Às 21 horas

MAL POR MAL ANTES COM ELAS...

UMA SEGUNDA VIDA

RAINHA DOS CLUBES

Com a eleição das representantes da Sociedade Musical 3 de Agosto, de Marvila, que decorreu anteontem á noite, prosseguiu o concurso da «Rainha das Colectividades».

Com o mesmo objectivo organizam-se festas nos dias 22 e 29 deste mês e 12 de Abril, respectivamente na Academia Recreativa Operária Beatense, no Clube Recreativo do Feijó e no Grupo Dramático Ramiro José.

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

COLISEU — Às 21 e 15: «Os puritanos».
MARIA VITÓRIA — Às 21 e 45: «O mundo alegre de Badaró». (12 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos).
VILLARET — Às 21 e às 23: «A Preguiça» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos).
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos).

CINEMAS

CINEARTE — Às 21: «O Valete de Ouros» (17 anos).
PARIS — Às 21: «Caçadores de escalpes» (17 anos).
ROYAL — Às 21: «Calma Fredy»
ARCO IRIS — Às 21 e 30: «Horas roubadas» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Um homem e muitas mulheres» (17 anos).
OLIMPIA — Às 19: «Frankenstein criou uma mulher» (17 anos).
PROMOTORA — Às 21: «Guerreiros em fúria» (12 anos).
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Encrenca dupla» (12 anos).
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «4 dólares de vingança» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 19: «A maldição de Colem» (12 anos).
CINE-ORIENTE — Às 21: «A raposa dourada» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «As donzelas de Rochefort» (12 anos).
OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «A batalha de Anzio» (12 anos).
ESTORIL — CASINO — Às 7 e às 21 e 30: «Othello» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Os maus também amam» (17 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «A vingança dos Vikings» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Loba solitária» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «Vera Cruz» e «Com leito vai Cleópatra» (17 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Esplendor na relva» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O segundo fôlego» (17 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O homem do chapéu mole» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O belo o bruto e o cretino» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «A condessa de Hong Kong» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «Como matei Rasputine» (12 anos).

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

● O realizador Luigi Zampa está a rodar uma película que se intitula «Operários do mundo inteiro». A figura principal é a de um italiano que emigra para o Norte da Europa.

● O director-geral da cinematografia checoslovaca, Alois Polednak, á frente de uma delegação, deslocou-se a Roma, para uma permanência de alguns dias, a fim de estabelecer os acordos definitivos do «Encontro com o Cinema Checoslovaco» — acordos iniciados em Praga no mês de Janeiro — com o director dos Encontros Internacionais de Cinema, Gian Luigi Rondi.

● Anuncia-se uma continuação do filme «Serafino» (o pastor dos Abruzos que rejeita a sociedade), com o título de «Serafino na cidade». O realizador do novo filme não será Pietro Germi, que dirigiu a primeira película.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno I

ALCANTARA — Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 4 (660187)
ALMIRANTE REIS — Cândido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (45751) ✱ Góis, Lda., Sucrs., Rua dos Anjos, 2-C-D (840101)
ALTO DO PINA — Ibéria, R. Barão de Sabrosa, 285-A (728277).
ALVALADE — Sanex, Av. da Igreja, 31-C (776905) ✱ Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (722334) ✱ Rio de Janeiro, Av. Rio de Janeiro, 4-C (721409).
AREEIRO — Algarve, Av. de Roma 7-B (777478)
AVENIDAS NOVAS — Campo Pequeno, Av. da Republica, 58-D (77166) ✱ Figueiras, Av. Marquês de Tomar, 20 (44995) ✱ Cruz Nunes Pr. Duque de Saldanha, 4 (41845) ✱ Novais, Av. Luís Bivar, 11-13 (44324)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascensa, R. 27, 41 (31126)
BAIXA — Lima Amaro, Suc., Pr. da Alegria, 27-28 (32149) ✱ Veladas, Suc., R. da Madalena, 235 (326260) ✱ Cortez, R. de S. Nicolau, 93 (325378)
BENFICA — Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (704828) ✱ Vitex, Est. de Benfica, 373-B (780548) ✱ J. Ribeiro, Est. da Luz, 199-A (780969)
BELÉM — Gomes, Suc., (Gonçalves) R. da Junqueira, 326 (638193)
BOM SUCESSO — Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (611454)
CAIS DO SODRÉ — Africana, R. Bernardino Costa, 45 (369120).
CAMÕES — Pinheranda, R. da Rosa, 94-96 (321534)
CAMPO GRANDE — Cabrita, C. Grande, 220-22 (772397).
CAMPO DE OURIQUE — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 31-133 (686640) ✱ Urbano de Freitas, R. Silva Carvalho, 1-9 (662838) ✱ Elmo, R. D. Maria Pia, 358-A (686176)
CAMPOLIDE — Júdice de Oliveira, R. de Campolide, 54-A (684424)
CHARNECA — São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge — Galinheiras (790969)
CONDE REDONDO — Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73 (42239)
ENTRECAMPOS — São Miguel, R. Francisco Morais, (771469)
ESTEFANIA — São Jorge, Av. Rovisco Pais, 32-A-B (534027)
ESTRELA E LAPA — Tagus, Ptacota do P. Possidónio da Silva, 62-A (669485) ✱ Rodrigues & Alves, Rua da Lapa, 52-54 (562246)
LUMIAR — Central do Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480)
OLIVAIS — Central dos Olivais, R. Alferes Barrilaro Ruas, 1-C Olivais Norte (315539) ✱ Antunes Rosas, R. C, 1-Lote 99 Olivais Sul (313610)
PALHAVÃ — Laranjeiras, R. Filipe da Mata, 60-62 (761035)
PICHELEIRA — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 6-A (728395-720703)
MARQUÊS DE POMBAL — Ribeiro & Castro, R. Duque de Palmela, 30-B-C (43409)
RESTELO — Belém, R. Tristão Vaz, 5-A, 5 encosta do Restelo (6122498)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Conceição, Calçada de D. Gastão, 30-32 (381279) ✱ Pereira, Suc., R. do Paraíso, 98-100 (863224) ✱ Branquinho, R. dos Sapadores, 87 (842725)
SANTO AMARO — Dilena, Rua Aliança Operária, 49-A-B (636620) ✱ Costa, R. dos Lusíadas 32 (636704)
SÃO BENTO — Confiança, Praça das Flores, 59 (327901)
MOSVAVIDE — Banha, Av. Moscavide, 22 (2518518).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, R. Ernesto da Silva 8 (212048)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva, Av. Patrão Lopes, 4 (Tel 2432089)
OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 8 (2430058)
PAREDE — Macau, Rua J. Elias Garcia, 62-B (2471785)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (261186)
MONTE ESTORIL — Ostende, R. de Espinho, 1 (260391)
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 9, 4 (280141) — Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407).

● Linha de Sintra

AMADORA — Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (935518) ✱ Carmela, R. Elias Garcia Lote 28 (Telef 933303) ✱ Helénica, Rua Elias Garcia, 2 (933613) ✱ S. Jorge, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (938703)
DAMAIA — Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (970528)
QUELUZ — Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (950117) ✱ Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 5 — (950128)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 35 (2940034)
MEM MARTINS — Quinta, Est. Mem Martins, 185, (2910012)
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456)
SINTRA — Marrazes, (Vila), Lg. Rainha D. Amélia, 20 (980155)
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, 38 (933920).
COLARES — Colares, Abreia (Tel 2990881)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS — Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (224250)
ALMADA — Macedo Henriques, R. Bernardo Francisco da Costa, (271297)
BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima, Est. Nacional 11-B (224141)
BARREIRO — Moderna — R. D. Henriqueta Gomes de Araujo, 12 (2273413)
COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues P. 5 de Outubro, 62 (270121)
MOITA — União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (239025)
MONTIJO — Giraldes — R. Almirante Reis, 45 (230008)
SESIMBRA — Leão, Av. Salazar (229471).
SETÚBAL — Lisboa, R. Dr. Paulo Borba (22248) ✱ Salão, Av.ª Portela (22109)
SEIXAL — Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (22 8560)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 ✱ Companhias Reunidas, 537011 ✱ Gazcidla 538821 ✱ Gazcidla (dom. e feriados) 582069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✱ Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✱ Segurança Pública, 366141 ✱ Judiciária, 535380 ✱ Marítima, 326456 ✱ Internacional, 362721 ✱ Viação e Trânsito, 42205 ✱ G.N.R. (área rural), 36865.
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✱ Enfermagem permanente, 766161 ✱ Enfermagem de urgência, 43738 ✱ Hospital de Santa Maria, 775171 ✱ Hospital de S. José, 860131 ✱ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✱ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ✱ Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✱ Caminhos-de-ferro (C. P.), 860029 ✱ Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ✱ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✱ Estação Marítima de Alcântara, 668195 ✱ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✱ Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 30-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIARIA
GALINHA TO LYN
e o clássico arroz
CHAO CHAO

FREQUENTE
«O CONVÉS»
Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Telfs. 51252 - 51368
RESTAURANTE SNACK e PASTELARIA
E TODAS AS NOITES PARA M/ 17 ANOS VÁ AO
«PORÃO DA NAU»
[illegible]
Tel. 50520 - 51504

MINABELA
Restaurantes
Churrasqueira
Pastelaria
Diàriamente várias especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

VIRIATO
RESTAURANTE
CERVEJARIA
SNACK-BAR
COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h)
Telefone: 53 07 58

RESTAURANTE FRAMAR
RESTAURANTE, SALÃO DE CHÁ E CERVEJARIA
Esmerado serviço para casamentos, baptizados e festas, com salões próprios — Recebe Excursões
AVENIDA DA REPÚBLICA, 35 — TELEF. 95
VILA VIÇOSA

MONTE ALTO
Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Telef. 51005
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
SERVIÇO DE BANQUETES LANCHES DE CASAMENTO

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535208
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes
Lanches de Casamento

Diário de Lisboa
DL
Propriedade de Renascença Gráfica, S A R L
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA; Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

As descobertas e a expansão dos portugueses focadas numa exposição na Austrália

Na cidade de Canberra, capital federal da Austrália foi, agora, inaugurada na Biblioteca Nacional Australiana, uma notável exposição bibliográfica, organizada com a colaboração das Embaixadas do Brasil e de Portugal. A inauguração presidiu o ministro australiano dos Negócios Estrangeiros, sr. Gordon Freeth. O importante certame inclui obras raras pertencentes a duas importantes colecções, recentemente adquiridas pelo Governo daquele país.

Os volumes que se ostentam na exposição foram escolhidos de entre as 18 000 obras que formam a colecção de livros sobre Portugal e o Brasil, grande parte dos quais adquiridos ao coleccionador, sr. J. M. Braga, que, actualmente, desempenha na referida Biblioteca as funções de consultor e tem a seu cargo a respectiva secção luso-brasileira. É, ainda, componente, de entre outras sociedades culturais, da Academia Internacional de Cultura Portuguesa. Acentua-se que da colecção do sr. J. M. Braga, relativa, principalmente, ás explorações, descobertas e presença dos portugueses na Ásia, designadamente em Macau, na China, no Japão, na Malásia e noutras regiões do Extremo Oriente, foram escolhidos os mais significativos documentos histtóricos, alguns dos quais remontam aos séculos XV e XVI.

A valiosa exposição corresponde a uma iniciativa que desde logo despertou invulgar interesse na capital australiana e para cuja inauguração foram convidadas mais de quatrocentas pessoas das mais representativas nos meios políticos, governamentais e culturais e do corpo diplomático. O acto inaugural foi precedido da passagem de dois filmes, um sobre «Cidades do Brasil de ontem e hoje», e outro sobre «Canberra», e, no final, houve uma recepção, oferecida, conjuntamente, pelo embaixador do Brasil, sr.ª D. Margarida Guedes Nogueira, e pelo encarregado de Negócios de Portugal, sr. dr. José de Mello-Gouveia, num dos salões da Biblioteca Nacional Australiana.

Aproveitando a grandeza do local onde a exposição foi instalada e ali permanecerá pelos próximos dois meses, foram as p... des decoradas com painéis alusivos às explorações aos descobrimentos marítimos portugueses e ainda com cartas marítimas e gravuras antigas de mapas de Portugal, Goa, das costas da África, de Macau e do Brasil, cedidas a título de empréstimo, pela Embaixada de Portugal, que tomou a iniciativa de sugerir à Biblioteca Nacional Australiana a exibição ao publico das suas valiosas aquisições de livros.

Trata-se da primeira realização da mesma Biblioteca, cujo edifício monumental, inaugurado á oito meses, importou em dez milhões de dólares.

A exposição, verdadeiro acontecimento, adquire a maior amplitude em divulgação do património histórico e cultural do mundo português.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava geralmente encoberto; o vento era moderado ou forte e predominante de Sul; chovia em quase todo o território.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Faro, 17°; Funchal, 20°, Lisboa, 16°, Penhas Douradas, 6°, Portalegre, 12°, Porto, 14°

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Tavira, 19°,5, mínima: Montalegre, 5°

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 15°,5; na água do mar 4°,3

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Aguaceiros, mais frequentes nas regiões do Norte e possibilidade de trovoadas dispersas; vento moderado de Sudoeste, soprando com rajadas fortes, em especial nas terras altas e na zona litoral.

Amanhã
Nascer ás 7 e 42
Ocaso ás 19 47

Hoje — Dia 24 — Dia 2 — Dia 9

MARÉS:

PREIA-MAR: Dia 18 — 4 e 20 (4,4 m), 16 e 46 (4,2 m) Dia 19 — 5 (4,4 m), 17 e 23 (4,2 m) Dia 20 — 5 e 39 4,3 m; 18 (4,1 m) BAIXA-MAR: Dia 18 — 10 e 13 (0,6 m); 22 e 26 (0,7 m) Dia 19 — 10 e 48 (0,7 m); 23 e 01 (0,7 m) Dia 20 — 11 e 21 (0,8 m), 23 e 34 (0,8 m).

A posição em que o barco ficou depois de afundado. (Telefoto)

O afundamento do Douro

(Continuação da 1.ª página)

No entanto, registou-se, junto ao Cais do Terreiro, o afundamento do navio-motor «Teófilo», que fazia habitualmente carreiras entre esta cidade e Setubal.

A tripulação, que por precaução não se encontrava a bordo, tal como a do navio «Primus», ancorado a seu lado, aguardou esperançada de que o navio se aguentasse, mas, cerca das 10 e 15, o barco afundava-se, desaparecendo nas águas barrentas.

Procuram-se as razões que originaram a tragédia do jovem casal morto a tiro

PORTO, 18. — No Instituto de Medicina Legal foi feita, esta manhã, autópsia aos cadáveres de Leonel Madureira de Almeida e Silva, de 25 anos, tipógrafo e de sua mulher, Maria Fernanda Ferreira Rosas, de 22, operária fabril, que residiam em casa dos pais dela, na Rua Silva Pinheiro, 224, em Matosinhos. Foram os protagonistas do drama sangrento, ocorrido ontem, numa hospedaria da Rua de Trás, conforme noticiámos em primeira mão da nossa edição da noite

Duas balas de uma pistola F M, de calibre 6,35, puseram termo á vida de um casal de jovens, num acto desesperado do homem em desvario que levaram o Leonel a consumir a tragédia.

As razões ficaram expressas em três folhas manuscritas, a tinta verde, que estão na posse da Policia e em cujo sobrescrito se lê: «Para ser aberta por alguém. Neste momento estamos a descansar eternamente.»

O conteudo da carta arrepiante, esse é o desfiar de uma série de queixumes contra os sogros e os cunhados, acusando-os de maus tratos e humilhações.

Aqueles, porém, negam que isso seja verdade; e, afirmam, por seu turno, que o Leonel era um indivíduo intempestivo, que, por mais de uma vez, os ameaçara de morte com uma faca de cozinha.

Quais serão, pois, as verdadeiras causas do tremendo drama? A situação precária de um casal, sem possibilidades económicas para poder constituir o seu próprio lar? O espírito doentio de um homem, ainda novo, a quem há pouco menos de um mês lhe morrera a única filha, apenas com dois meses de idade? Ou simplesmente, o fim da triste odisseia de dois jovens cansados de viver?...

Com um linguado atravessado na garganta o pequenino Eusébio morreu esta manhã

A história é toda tão simples e é tudo tão absurdo e é tudo tão quase inventado que o repórter não sabe se enfrenta a realidade ou se está ouvindo uma história cheia de moral velha para entreter meninos pequeninos. «Era uma vez um rapazinho desobediente...»

Antigamente era assim que se começava a história. E logo depois vinham lobos e o menino era quase comido pelo lobo mau. Felizmente apareceram os caçadores e...

Agora, não. Agora morreu a fantasia. Não apareceram os caçadores a tempo. E os lobos não existiram. Existiu um linguado, imaginem, os linguados transformados em lobos maus!

Foi um linguado que matou o Menino. O Menino chamava-se Eusébio Mendes André, tinha 8 anos. Morava com a avó na Rua Castelo Branco Saraiva, 46, r/c Esq. Era doido por linguados. Esta manhã havia linguados a vender na rua, a avó resolveu comprar alguns para o seu menino. O Eusébio meteu um peixe na boca. Talvez o quisesse comer mesmo cru. Talvez quisesse apenas brincar. Não se sabe. Sabe-se que o peixe se lhe atravessou na garganta e não foi possível retirá-lo. Conduzido ao hospital, o Eusébio chegou já morto.

Morto, com seus pobres oito anos, um linguado miúdo a apunhalar-lhe a garganta. Não, não é fantasia. É a realidade, aconteceu esta manhã, aqui á nossa beira.

Mantêm-se as suspeitas sobre a morte estranha de um comerciante

PÓVOA DE VARZIM, 18. — Permanecem envoltas em mistério as circunstancias em que ocorreu a morte do comerciante sr. Belém de Oliveira, cujo corpo foi encontrado, como dissemos, em estranha posição, com um lençol enrolado no pescoço. Aparecera o cadáver na sua residência, na Rua de Senra, 47.

A autópsia, que será feita durante a tarde, poderá esclarecer as causas da morte do infeliz comerciante pois foram levantadas suspeitas de assassínio, uma das quais pesa sobre a própria mulher daquele comerciante.

Últimas notícias

NOVO INCIDENTE SINO-SOVIÉTICO

MOSCOVO, 18 — (F. P.) — Os chineses voltaram a abrir fogo, ontem à noite, na ilha de Damansky — anuncia o enviado especial do «Pravda».

PÁSCOA NO FUNCHAL
(PREÇOS ESPECIAIS)
7 DIAS...... ESC. 3.100$00
GRANDES REDUÇÕES PARA CASAL E CASAL E FILHOS
* Excursões facultativas
* Estada em Hotel, quartos com banho
PARA MAIS INFORMAÇÕES DETALHADAS PEÇA-NOS FOLHETOS DESCRIMINATIVOS OU DIRIJA-SE A
STAR — Telef. 539071
UTILIZE O CREDI-STAR

GALERIA ARCHOTE
HOJE — LEILÃO
A Galeria Archote, na Av. da Liberdade, 224, informa que se realiza hoje mais um leilão com trabalhos de mestres da pintura antiga e de consagrados pintores contemporâneos.

A FIGUEIRA DA FOZ PRESTA HOMENAGEM À MEMÓRIA DO DR. JOÃO DE BARROS

FIGUEIRA DA FOZ, 18. — Em homenagem á memória do grande poeta e escritor figueirense, eminente figura de democrata, dr. João de Barros, que foi ilustre colaborador, desde a primeira hora, do «Diário de Lisboa», promoveram-se, como então noticiámos, por iniciativa da Camara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo, os Jogos Florais Luso-Brasileiros.

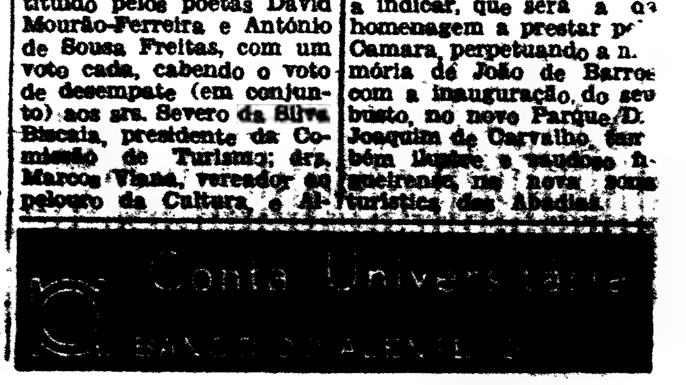
Encerrada em 31 de Outubro do ano findo, a inscrição de concorrentes, verificou-se a existência de 86 produções, o que constitui um êxito e uma forma de consagração do saudoso poeta do «Anteu».

O juri, que está a proceder á classificação, é constituido pelos poetas David Mourão-Ferreira e António de Sousa Freitas, com um voto cada, cabendo o voto de desempate (em conjunto) aos srs. Severo da Silva Biscaia, presidente da Comissão de Turismo; drs. Marcos Viana, vereador do pelouro da Cultura, e Alfredo Antunes dos Santos, vice-presidente da Camara e professor de Literatura no Liceu Nacional desta cidade.

A distribuição dos prémios (um para a melhor produção brasileira e outro para o melhor poema de autor português, e outros ainda a indicar oportunamente) será feita no mês de Junho próximo, em data a indicar, que será a da homenagem a prestar pela Camara, perpetuando a memória de João de Barros com a inauguração do seu busto, no novo Parque D. Joaquim de Carvalho, também ilustre e saudoso figueirense, na nova zona turística das Abadias.

SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS UNIVERSITÁROS

Efectuou-se mais uma reunião de estudo dos Serviços Médico-Sociais Universitários de Lisboa, durante a qual os elementos da respectiva equipa técnica prosseguiram na análise dos problemas situados no âmbito do Dispensário Universitário de Saude Mental.



Diário de Lisboa
juvenil
N.º 614 DOS JOVENS PARA TODOS

A ILHA

por Manuel Sequeira Afonso

Nesta ilha cercada pelas fronteiras do mar
onde me descubro em momentos de mágoa
onde me banho em maresias de esperança
aqui canto este rumor de povo e este sol

A súbita gaivota parecendo prometer
marìtimamente seu ondular de leves asas
talvez inunde apenas meus olhos de corais
e me transporte no voo do esquecimento

Necessito de luz para aqui me construir
depois subir ao mais alto desta ilha
e abraçar em um só gesto livre
todo o horizonte e todos os poemas

O REFORMADO

Por Jorge Massada

o senhor conformado era aquele que dava razão a quem lhe pagasse um copo de vinho e se este se fizesse acompanhar de um cigarrito a conversa ia ao ponto de sabermos que habitava num quarto ali um quartito para os lados da ribeira não é que fosse bom mas a gente sempre se remedeia e a vida não dá para mais a gente bem procura mas que quer que se lhe faça?

e a gente nem queria não pretendia que se fizesse coisa alguma mas convivia-se cada vez mais ia-se pela conta dentro e só de longe me era permitido ouvir o negro que dizia ao homem da camisa desapertada que ser homem não era vir para a rua beber até muito tarde porque os filhos é que se ressentem e a mulher não deve ser tratada assim e até que nos tempos dele em Coimbra — que andara a estudar e que aquilo sim era ambiente.

e o conformado reformado para a vida e pelo trabalho procurava ociosamente um cabelo para despentear não fosse a careca ter um aspecto demasiado conformista porque a gente só se conforma com a razão e a razão está ali naquele senhor. sabe que ao princípio assim de costas eu pensei mas que grande cabelo e nostàlgicamente cogitava na maneira de me dar razão sem parecer demasiado paradoxal.

e o preto e o branco discutiam que a mulher não fora e fora feita para ficar em casa até a atenção ser tomada melhor assaltada por uma aposta que o Charlot é que fora o grande do cinema mudo e outro dizia que não fora e apostava cem contra dez. não senhor que apostava um cheque e que dissesse quanto, mas que cheque? só se fosse mate mas não mata nada que o banco àquela hora estava fechado e o cheque assim sem cobertura podia constipar-se. dinheiro notas para a mesa. mas qual quê que o preto não deixava e procurava apoio o outro procurava o cheque e o reformado procurava mais razão para me dar. o branco protestava lançava olhares de compreensão ou desprezo e virava-se para mim que tinha um filho parecido que até usava cabelo comprido e que jogava no aporting que desgosto o porto é que era o clube da sua terra não havia direito havia esquerdo e o reformado empunhava o polegar para trás e indicava com um ar cúmplice a discussão assim como que a pedir desculpa ao sr. doutor da má-educação daquelas gentes e do quarto em que morava. mas conformado ou reformado soube que só tinha 39 anos e aí vim-me embora não porque tivesse 39 anos mas é que eram duas horas e aquilo estava a fechar e na rua as apostas não se apostavam os humanismos não se humanizavam e o reformado que não era reformado pediu licença para escarrar e mais um cigarrito que ajuda a gente a passar o tempo.

PARA A PALINGENÉSIA

DE JOÃO PRETO, QUIM FIDALGO, TITA E ZÉZOCAS

Por Manuel Ribeiro Santos

1. JOÃO PRETO

Não me lembro do ano em que te conheci, mas decerto já andavas descalço com os calções rotos e uma camisa, que para além de servir de camisa, também fazia de camisola interior e exterior. Mas o que mais me impressionou em ti foi a cor escura da tua pele, os teus cabelos em caracóis descuidados e compridos que tapavam quase por completo as tuas orelhas, e o teu olhar que via sempre. Tudo isto te era pecuitar, apesar de estranho. (Mas hoje, João, não encontro o teu olhar a rir-se dos meus sapatos e de eu saber ler). Por mais que me esforce não consigo lembrar-me de quando te vi pela primeira vez, apenas sei que isso aconteceu numa tarde parda, na praia de Carcavelos. Eu estava deitado ao comprido de barriga para baixo, sentindo a areia tépida sob o meu corpo, a quem me tinha abandonado numa daquelas solidões de mim mesmo. Foi então, amigo, que te vi, sentado numa rocha a olhares para mim e para além de mim, enquanto a tua boca, onde a falta de um incisivo era notória, se sorria livremente (mais tarde, haveríamos de arrancar dentes um ao outro, para depois os guardarmos em caixas de fósforos vazias). Então, vi-te levantar, olhares para o chão como quem procura a planta que ainda não nasceu, até que apanhaste uma beata. Dum salto, estava ao teu lado, e numa vontade súbita estendi-te um cigarro americano; e expliquei-te «que o tinha tirado ao meu pai» como se me desculpasse, sem tu me teres perguntado coisa alguma pois ainda não sabia que tu nunca perguntavas nada talvez por já saberes tudo ou por outra razão qualquer que ainda desconheço. Deitaste então a «grília» fora («grília» é o nome que tu davas às pontas dos cigarros que apanhavas) e não te sorriste nem agradeceste — mas tu nunca agradeceste nada, apenas aceitavas e olhavas as pessoas através dos teus olhos escuros. Lembro-me agora, que só me perguntaste qual o meu nome e a tua voz rouca passou a ser a nossa voz, que passei a conhecer dentro de mim, João Preto, meu irmão como os demais irmãos. E foi essa a alegria do nosso tempo curto, foi essa a alegria de nós.

Houve apenas um dia em que me falaste sem me fitares, dia em que pela primeira vez tomei consciência das tuas unhas roídas, dos teus pés com umas solas de alcatrão. Sentámo-nos na borda do passeio, frente ao cinema e durante todo aquele tempo que durou a tua voz, nunca olhámos um para o outro, apenas ouvimos. Soube então que teu pai bebia (mas com que espécie de orgulho o dizias, João!), que não tinhas cama, apenas terra e lama, daí aquele teu cheiro a bichos e a autêntico de que estavas sempre impregnado; contaste do teu ódio para com o teu irmão que mais tarde se haveria de tornar bombeiro voluntário e distribuidor de garrafas de gás; disseste do teu querer ter uns sapatos com atacadores para lhes dares um grande laço — e eu nunca te dei nenhuns. Dia nosso esse, em que esquecemos aquele outro em que nos batemos por um nada-de-nada, dia em que nem nos pusémos no meio da rua a jogar ao futebol com uma carica e com duas sarjetas a fazerem de balizas: dia nosso esse, sim! dia em que me esqueci das minhas dúvidas sobre a tua honestidade, pois diziam que esse teu cordão de oiro, sem medalhas penduradas, que trazias ao pescoço, o tinhas roubado a um bebé. No fim, a minha mão estava sobre o teu ombro magro e tu fumavas um cigarro americano que queimava a boca fazendo crescer o fluxo de saliva...

Uma vez e sem tu me teres pedido nada, dei-te um fato de banho, estendi-to como que enverganhado. Durante um tempo olhaste para mim de modo como olhavas sempre — dentro de mim — para depois, em voz baixa dizeres «que nunca me darias nada», mas João, sem tu saberes, deste-te a mim e eu recebi-te e abraçei-te com as mãos e com os olhos e nossas palavras e nossos gestos nada mais eram que palavras e gestos. Neste momento lembro-me de tanta coisa que nos aconteceu e de que não me tento esquecer.

Mas houve um Verão em que tu não me esperaste naquele jardim que existia defronte da minha casa. Sem saber, soube nesse preciso momento que não mais as ruas seriam rebaixadas aos nossos pés (não sei porquê, tinha a certeza que todos os dias visitavas esse jardim, esperando-me, mesmo por entre a chuva e com os caracóis escorridos e colados à fronte, João Preto, meu irmão, que não mais vi).

2. QUIM FIDALGO

Foi no dia em que me convidaste a entrar na tua casa pela primeira vez que eu soube e compreendi tudo o que havia de querer em ti, Quim. Quando vi uma porta feita de cilindros de cortiça pintada de várias cores, em fiadas, coisa que nunca vira antes; quando vi a tua cama onde dormias com o teu irmão; quando vi a tua mãe receber-me com um sorriso igual àquele teu sorriso de que eu sempre tive esperanças. Então a partir desse dia, resolvi não me esquecer de nada que me desses de ti, e, para além disto, compreendi a tua preocupação em ajudar o teu pai.

Mais tarde, conheci-o, com uma barba já esbranquiçada por fazer e uns olhos que não mais tinham fim, de tão fundos que eles eram (nunca descobri a verdadeira profundidade deles). Tanta e tanta vez que eu te fui chamar para irmos dar umo volta ou fazer outra coisa qualquer e tu respondias «que não porque ainda tinhas que ir entregar uns sapatos que o teu pai tinha arranjado». E eu, ficava à espera que voltasses, junto à tua porta, encostado á parede, vendo o teu pai a pôr umas solas-novas ou uns calços de borracha. O senhor Agostinho, como todos o tratavam, virava-se de vez em quando para mim e perguntava «se eu gostaria de ser sapateiro quando fosse mais velho, assim como ele», e, perante o meu silêncio, ele continuava na sua voz indiferente: «má vida, má vida». Conheci também o teu irmão, sempre com um sorriso do tamanho da boca e uma piada para juntar outro riso ao seu. Conheci ainda os teus gatos e a tua bicicleta, meia vermelha, meia sem tinta, com um pneu de cada cor. E tu, Quim, conheci-te a ti e às tuas «blue-jeans» manchadas de lixívia, com a tua blusa ás riscas brancas e azuis, com as tuas sandálias, com a tua cabeleira. O resto, que era teu e também conheci, não sei dizer. Que me lembre, nunca houve um elevar de voz de ambos os lados, quando discutíamos qualquer coisa. Não me esqueço daquele dia em que de regresso a Carcavelos depois de dez meses de ausência, nos abraçámos e dissémos o que calámos. (E tu apenas tinhas 15 anos e eu nem 13 tinha). E, quando nos despedíamos no final de um outro Verão trocávamos um último aperto de mão, um último cigarro. Mas havia uma coisa que tu fazias e eu não compreendia: refiro-me àquelas noites passadas fora de casa, numa barraca de campanha armada no jardim da casa do Jorge. Nunca acreditei nessas noites, talvez porque soubesse de antemão que tu também não acreditavas. No dia seguinte, de todos eras o único que não mostravas orgulho em dizer «que tinham vazado 4 garrafas, que tinham apanhado uma piela, que houvera vómitos e asneiras». Eras tu o único que contavas tudo sem te rires, antes com uma voz que parecia quereres-me mostrar que aquilo tinha de acontecer, como qualquer fatalidade, «como comer e morrer» disseste-me tu à laia de explicação uma manhã.

Mas era de noite que nos sentíamos mais perto um do outro, naquelas noites despreocupadas, de estrelas caladas e que de tão nítidas chegavam até às nossas mãos que virávamos para o céu já esquecido do azul da tarde, quando regressávamos a casa com um cigarro, rasgando as silvas do pinhal, pendurado no canto do riso. Aprendi assim a chamar-te amigo até aos rins, até às unhas dos pés. Fomos calados e cheios de nós, por carreiros inventados naquele momento. Quase todas as noites foram assim, hás-de-te lembrar por certo, porque esse tempo ainda hoje respira como as flores, Quim Fidalgo.

3. TITA

Que dizer de ti, Tita? Que dizer das nossas mãos juntas, estivessem onde es-

(Continua na pág. seguinte)

ACERCA DO MEU AVÔ

Por Júlio Dias da Costa

Até há dias eu tive um avô
Um avô-bom dia, boa tarde, boa noite.
Era um avô isolado em si mesmo
Não muito velho, mas que diziam estar «acabado»;
Ultimamente — tentando adivinhar-lhe a idade —
Davam-lhe onze ou doze anos a mais dos que ele tinha.
Custava-me ouvir isso, a ele não...
Com a doença, já, nada ouvia —
Nós escrevíamos para que ele lesse o que não entendia
(e às vezes não escrevíamos o que se dizia).

Que estava «acabado», diziam...
Para mim — único neto —
Quase nem estava «começado».
Era um avô-ilustre desconhecido
E, todavia, morava há vinte e três anos comigo.
Pelo menos, na mesma casa...
Dormia no quarto ao lado do meu
E eu não o conhecia.
Culpa minha? Culpa dele? Sei lá,
Nem isso, agora, tem importância.
Sabem, é que, ele morreu

Morreu comigo ao seu lado...
Fui eu que lhe senti o pulso parar de bater,
A tensão arterial impossível de determinar.
Como ando em medicina, deixaram-me vê-lo morrer —
Pude apertar-lhe o peito e querer que ele respirasse
Pude fazer-lhe festas para que não esfriasse (tão de repente!)

Pude fazer nada para o salvar!

Quando fui menino ele saía comigo
Uma vez, até, me deu um bofetão. Disso lembro-me.
Foi, certamente, uma punição justa (?) na sua opinião...
Também ia à pesca e fazia fotografia.
Trabalhava, trabalhava...
(e tinha um neto que o não conhecia).

Agora nos dois meses dessa doença
Comecei a vê-lo de outra maneira:
A sentí-lo mais Avô. A sentir-me mais neto.

«Senhor Doutor, venha ver-me o pulso.»

«São setenta e duas, Avô, está normal.
Está melhor, vai arrebitar...»
«Pronto Senhor Doutor, obrigado. Antes assim...»

Eu queria conhecê-lo e creio que o estava a conseguir.
Depois de anos, tive — quase — dois meses para isso...
E, «amanhã», ele poderia ser o Avô-velhote de um neto-já homem.

Mas morreu antes. Não houve tempo.
A culpa voltou a não ser dele nem minha.
Ele queria viver. Não sei se para ser o meu Avô-velhote?...
Eu queria que ele vivesse. Para ser o seu neto-já-homem.
E não conseguimos.

Já passaram dias que o perdi —
Aquele de que lhes falei — o desconhecido.
Agora, tenho um Avô-só-meu
Não vive na mesma casa.
Nem dorme no quarto ao lado do meu.
Está num buraco na terra, numa caixa de pau.

Tenho um Avô que me ouve quando converso com ele.
Porque eu sempre quis falar com ele.
(e ele comigo?!...)
Todo o seu tempo é nosso
Estamos horas juntos

Até, já, o compreendo...
(acho que) com ele sucede o mesmo
(porque) agora, sou eu que não o ouço...

Somos muito amigos
Entendemo-nos.

Sucedeu o que nenhum de nós queria:
Ele morrer.
Mas, continua a ser o meu Avô
Avô, que deixou de ser o «desconhecido» de ontem
Para se tornar — Hoje —
Avô-memória, recordação
Avô-bem-vivo no pensamento,
Do seu neto-já-homem.

PARA A PALINGENÉSIA

(Continuação)

tivessem? Minha memória é pouca para relembrar tudo o que fomos, todo aquele tempo em que nada mais quisémos do que as nossas vozes (e foram três agostos e três setembros). Que dizer? Naquele tempo a praia era muito comprida mas nós só lá cabíamos quando bem unidos. Era assim, todos os anos, durante aqueles dois meses; os nossos passos marcavam um caminho de que não nos apercebíamos. Durante os meses de Inverno, procuravas outra voz, pelas ruas húmidas da vila, brilhantes de molhadas, vazias de ausência de passos. E, junto a essa outra voz passavas a chuva, esperando-me para agosto, pois gostavas de sentir os meus dedos ossudos e as rugas das minhas mãos. Quando voltava, temia e não queria sentir a tua voz dentro das minhas narinas, dentro da minha boca, mas havia os teus olhos da cor-que-eu-nunca-me-recordo, havia os teus cabelos lisos, abandonados, caídos sobre os ombros, e então, tudo voltava como um gesto, e o calor do Verão anterior invadia-nos novamente. Tudo voltava numa música que dançávamos e tudo acabava dentro de nós.

As vezes, perguntavam-nos «se gostávamos um do outro»; nós ríamo-nos, apertávamos mais as nossas mãos cheias de nada, e nada respondíamos.

Todas as tardes, íamos para o jardim que existia atrás da igreja, sentávamo-nos num banco mal seguro e frio, e ficávamos ali, olhando os mais pequenos que brincavam na relva maltratada, sob as vistas, das criadas brancas. E a tua cabeça nada pesava no meu ombro e no meu braço, que te enlaçava o pescoço. Todos nos olhavam e riam, mas que nos importava isso se durante aqueles meses possuíamos as vozes que tínhamos, se dentro de nós existia mais um corpo para além do nosso. Por vezes ficávamos calados com as cabeças cheias de coisas para dizermos um ao outro, mas, que afinal, nunca dissémos. Também jogávamos ao «trinta-e-um» com os outros; escondíamo-nos sempre no mesmo sítio, e era então, sós, atrás dum tufo de malmequeres, que ficávamos suspensos no olhar do outro e as nossas mãos se juntavam (nesses momentos, parecia-me, passava a existir um vácuo entre as palmas das mãos — e eu gostava disso).

Mas onde eu gostava mais de estar contigo, era na praia, os dois cheios de sol e de partículas de quartzo que brilhavam, deitados, braço com braço. Como já disse, só cabíamos lá nós e as pessoas que se encontravam a ver-nos, olhavam e abanavam a cabeça mas nada conseguiam pois a praia era grande para todos só quando lá não nos encontrávamos.

Havia também os dias chuvosos de setembro, em que todos os nossos gestos já tinham o peso preciso da despedida. Passávamos as manhãs e as tardes nalgum café, sentados á roda duma mesa a cheirar a desespero. De quando em quando, não resistíamos e íamos para a rua mesmo sob os pingos de água fria que tombavam, e divertíamo-nos a estacarmos repentinamente, para abrirmos as bocas e fingirmos bebê-la, fingindo beber loucamente a chuva. Depois... eu sabia que procurarias outra voz para ouvires de novo dentro de ti, sentada à mesa do café habitual, enquanto vias a televisão.

Hoje — ainda hoje —, me lembro, de vez em quando, da tua voz distante, mas não a recordo bem. (Ainda por cima, a minha voz também se modificou...)

4. ZÉZOCAS

Ainda me lembro do dia em que te conheci, entre silvas e pinheiros Fazia calor, muito calor mesmo, e um suor de caruma escorria-nos pelos corpos, brilhava nos nossos torsos nus (nesses dias quentes de queimar as pálpebras, despíamos a camisa — e era como se nos livrássemos duma civilização inteira), enquanto as mãos se nos pegavam, castanhas da resina meio seca. Fazia calor e os cigarros eram tão necessários como a sede, por isso cobríamo-nos de fumo e de nós (e tínhamos dois corpos húmidos para a sede e para o calor). Nesse dia, ainda só fomos o Zé, carne esperada nos Invernos em que eu não existia em todos vós, os de Carcavelos (e dos autênticos», afirmavam vocês) pelos cabelos escorridos de que já falei. Nessa tarde saltámos de sombra em sombra e tratei-te sómente por Zé sem ainda o nome me sair inteiro de minha voz, mas lembra-te, o corpo ainda estava molhado e só secaria quando o frio e o vento nos refugiasse, de novo, nas camisolas.

Levou o seu tempo — um tempo próprio de espera — até te começar a tratar por Zézocas, correram muitas noites no café Helimar a ver televisão numa mesa do fundo enquanto se mastigava um bolo de arroz. Depois, quando acabava o programa, reuníamos os «chauffeurs» de táxis da praça que existia colada ao café, chamávamos os criados, e ali ficávamos, a contar anedotas e a contar os comboios que chegavam num silvo, numa luz e quebrar o silêncio de que nos envolvíamos. Outras vezes, íamos de visita à «espelunca», como nós lhe chamávamos: entrávamos, sentávamo-nos na balcão, e enquanto bebíamos o nosso café ouvíamos o senhor Cesário, de cabelos brancos e colados ao crânio à força (e à custa de muito fixador) falar dos problemas que uma casa como aquela tinha, quando possuía, tal como aquela, uma máquina de discos. Enquanto respondíamos distraída e invariàvelmente «que sim senhor, ele tinha toda a razão, que era assim mesmo», ouvíamos a música de que gostávamos.

Passou-se tempo, manhãs de prata e de noites escorregadias de limos verdes, banhos gelados, saltos mortais, sorrisos. (Passou-se morte até, na figura pesada de um homem que se afogara lentamente, e lembras-te?, o corpo manchou de frio-sem-sangue a areia morna). Um dia, o Luís apanhou a minha agenda do chão e leu em voz alta: «O Zézocas é o meu maior amigo». E eu, desculpa-me Zé, corri e tirei-lhe furiosamente a agenda das mãos, rasguei-lhe a página onde tinha escrito aquilo.

Da tua voz em mim, lembro-me eu perfeitamente, como se fosse uma cicatriz.

RESPIRAR

(Para a Isabel)

Por Miguel Serras Pereira

I

Vem como o amanhã do amanhã
vencendo o caminho semeado
de frutos caídos e sinais de passos
no chão cansado
pelo coração aberto das romãs.

Vem como se não chegasses
nem partisses nunca e apagasses
todas estas inumeráveis horas
despedida, esperança, melancolia.
— Com a calma infinita das nascentes
que não se sabe quando começaram
Troca então a tua voz pelos sinais
pelas coisas e pelas palavras.
Pois é de rastos sobre o rasto dos navios que te [espero
no areal vermelho,

duramente recomeçando nas searas
o desenho claro das espigas.
Já nada peço nada e digo-te que venhas
como o amanhã do amanhã,
limpa de sonhos onde a terra for
o teu corpo, a terra, o tempo e o mar;

Porque eu não te espero como se não espera
a terra que lavramos
e por isso te digo que venhas e venças o caminho
destes dias feridos e semeados
pelo coração ardente das romãs

para que todos os lábios sejam fontes
e o nome do tempo seja
na boca só:
— até amanhã

II

Onde eu te via era onde estavas
e não partias entretanto nem chegavas
com os teus olhos pelo vento leste
longamente invadidos de oriente
na pureza nocturna e só das tuas mãos
onde os dias morrem e nascem igualmente
no mar e nas dunas serias vento
nas coisas e palavras uma casa
Era onde estavas apenas que eu te via
e não partias, entretanto, nem chegavas.

RECEPÇÃO

Por Alice Vassalo Pereira

CRÍTICA AOS TRABALHOS RECEBIDOS

FRANZ HERCULANO DE EÇA (Coimbra) — Como há muitas coisas a responder **e, apesar de tudo,** eu sou **uma pessoa metódica**, isto vai por alíneas.

a) Não uso pseudónimo. Nunca usei. Não gosto. Sou alérgica.

b) Se me disseses que a minha linguagem não era própria de uma pessoa educada, então sim, então valia a pena pedir-te **imediatamente** provas. Mas como dizes que **«não é própria de uma dama»**, então limito-me a rir...

e) Não me parece que as tuas saudades do Camões sejam assim tão grandes como dizes. Se, na realidade, o fossem, estarias continuamente a lê-lo e agora saberias que o verso certo é **«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades»** e não **«Mudam-se os tempos, mudam-se as gentes»**, como citas...

d) Espero, ansiosamente, mais notícias. Boa tarde.

D. CINTRA (Lisboa) — Não te mates, que não vale a pena... Os teus poemas irão saindo, está descansado.

J. L. ALVES (Lisboa) — O teu último conto é dos melhores que tens escrito. Pelo menos daqueles que conheço. E posso dizer que gostei muito da tua carta? Só não a publico porque. Vai escrevendo e dando notícias. Se quiseres mandar mais poemas, manda. Pode ser que, de repente, haja um milagre... Mas o que eu gostava, gostava, gostava mesmo a valer era que mandasses os teus trabalhos em letra mais legível. Levo quase duas horas para decifrar uma página. É dramático. E depois as gralhas...

M. V. S. GONÇALVES (Lisboa) — Essa história de só fazer versos no dia de anos do pai ou da mãe não me parece, realmente, um grande indicativo das tuas tendências poéticas... Também o facto de estares a estudar filosofia e de repente a inspiração (ou seria o aborrecimento do compêndio?...) atirar com a tua mão para o papel e fazer brotar da tua caneta uma série de quadras, não me parece constituir uma prova de que a poesia circula nas tuas veias. Sobretudo se as quadras forem como, por exemplo, esta:

Cinema mentiroso e cruel
Inconstante, desiludido, feliz
Pintura em frágil papel
Bebedeira doce, de doce aniz.

Compreende, a inspiração só não chega. É preciso muito trabalho, fazer e desfazer e tornar a fazer e tornar a desfazer se for preciso.

MARCIA (Almada) — **«Sonhar ser um dia uma grande poetisa»** é, no fundo, um sonho como outro qualquer. Também eu sonhei ser médica e hoje nem sequer sei pôr uma ligadura... O que é necessário é querer, é fazer alguma coisa por isso, é ler muitos autores, é ter a consciência das coisas. Tu escreves, num dos teus poemas:

«quero fazer versos verdadeiros
Estou farta de dizer
aquilo que não sinto...»

Então por que não experimentas pôr isso mesmo em prática? Era capaz de dar melhores resultados, sabes?

J. A. C. GIL (Lisboa) — Na realidade, como tu dizes, os teus poemas «estão ainda em rodagem». No entanto estes dois trabalhos que enviaste dão-me ideia de que essa rodagem não vai durar muito tempo... Qualquer dia já podes carregar no acelerador e não olhares a obstáculos... E digo isto porque, apesar de tudo o que ainda há de incipiente e de «desajeitado» (desculpa, não me ocorre outro termo melhor do que este), os teus poemas agarram-se a factos concretos, não caem no falso sentimentalismo e no lirismo piegas para onde a tua idade poderia arrastar-te. E isso é já um factor muito positivo. Vai escrevendo, evita tanto quanto possível os lugares-comuns e as comparações desnecessárias e dá notícias.

L. A. S. LOPES (Lisboa) — Desculpa, mas desta vez houve uma nítida baixa na tua produção... Este poema de hoje já não diz nada a ninguém. É um poema que nasceu velho, com os pés para a cova.

«Até os mais duros cederão,
Sentirão como é triste estar [sòzinho
Não ter gente, não ter carinho [nho
Viver na solidão.»

Vamos lá, meu amigo, vamos lá deixar a solidão-ai-dão-ai-dão que já deu tudo o que tinha a dar. Lê bons autores contemporâneos (conheces António Reis, por exemplo?) e cá vou esperando por notícias tuas.

A. B. FEIO (Montijo) — O sumo? Digamos que ainda não agrada muito ao paladar... No entanto parece-me que isso por aí vai um pouco melhor. De tal modo que vamos publicar (brevemente, não o procures já no próximo número que ainda há muita gente antes de ti...) o poema **«Evolução»**. Aos outros que mandaste não foi possível deitar a mão... Afundaram-se.

F. L. S. ANÇA (Lisboa) — Os teus 13 anos deram-nos, inevitàvelmente, uma **«menina de cabeços longos e louros»** que se perde num romantismo-das-nossas-avós a quem nem sequer falta um **«piano com teclas brancas e negras»** onde ela toca... Deixa passar o tempo, não inventes temas só porque toda a gente escreve poemas e por isso tu também tens direito a escrever poemas. Deixa que o poema amadureça dentro de ti. Não tenhas pressa.

P. R. SIMÕES (Lisboa) — Temos muita pena mas não podemos publicar a tua fotografia. Tem bastante interesse mas não resultaria na gravura porque há pouco contraste, ficaria tudo esbranquiçado e ninguém perceberia nada. Mas esperamos outras, está bem?

MANUEL PARDAL (Palmela) — Claro que chamo «poesia» aos teus poemas! É o facto de eles não serem publicados não implica que eles não tenham qualidade... De repente, não te posso dar nenhuma indicação, com respeito ao que me dizes na tua carta mas vou tentar pôr-me em campo. Em breve terás notícias.

M.ª H. ANÇA (Lisboa) — A tua **«Mensagem»** perde-se em termos demasiado vagos e por isso prefiro aguardar mais trabalhos teus, pois me parece que poderás fazer muito melhor. Expressões como **«o leite dos astros»**, **«a beleza dos deuses»**, longe do que tu poderás pensar, não criam qualquer atmosférica poética no teu conto. Quanto mais verdade, quanto mais objectividade lhe deres mais ele ganhará com isso. Com certeza conheces os contos de Hemingway (por exemplo, o «Indian Camp»); não há palavras desnecessárias, não há lirismo de palavras forçadas, e, no entanto, que força interior eles têm! Não te percas, portanto, neste espraiar de palavras abstractas; limita-te a falar das coisas e das pessoas com os nomes que lhes pertencem. E dá notícias.

ANA MARGARIDA (Lisboa) — Na verdade se o teu curso de letras te faz apenas ter interesse em conhecer «aquilo que é preciso para os exames», não te pode ajudar muito, não... De resto, a poesia pouco (ou nada) tem a ver com um canudo universitário... Os teus poemas seriam aceitáveis (desculpáveis, digamos) em tempo de plena adolescência. Mas a tua adolescência passou. Os poemas é que ficaram. Infelizmente. Achas que eles poderão, um dia, crescer? A esta pergunta só tu poderás responder.

BONNIE E CLYDE

a propósito de

Por Francisco José Craveiro

conheci ontem bonnie e clyde
passaram pela minha rua
pararam a meter gasolina

bonnie vinha sanenda
pediu um copo de água
muito fresca não por
causa da garganta

clyde limpou a testa
com um lenço amarelo
este calor é de mais
voltou a pôr o chapéu

não havia ninguém
nas janelas abertas

a mulher das bombas de gasolina
disse-lhes esta terra tem
a vinte e tal quilómetros
agradeceram-lhe o copo de água e
arrancaram sem matar ninguém

ANA

Por Denis Cintra

Ana partiu hoje para qualquer sítio
não interessa
nada interessa a quem não a viu partir.
Ana era grande amiga de Valdemar
e pensava
que a loucura unia as pessoas
e uma vez uniu.
Na estação donde partira
um pai olhava uma janela desaparecida
um irmão uma lágrima
dum amigo de Ana
e toda a gente da mesma cidade
esquecia-se uma hora mais tarde
das milhentas mãos
que disseram adeus
a Ana
que partiu hoje para outro país.

2 POEMAS

Por José de Sainz-Trueva

POEMA

quem vai de viagem
com sua tristeza
a lágrima
caída
no tampo da mesa

na boca a palavra
cantada é um
beijo
no tampo da mesa

o peito é um campo
regado de rios
molhado de chuva
de lisboa a lágrima

percorrendo
as ruas

O CIRCO ROSA DE SKAPINAKIS

onde o trapézio balança
com ruído
e forma de lança

luz cobrindo todo o espaço
respiração impossível para
nós
oscila
como quem leva uma [criança
e cai

A POESIA DE JOSÉ DE SAINZ-TRUEVA PUBLICADA NO JUVENIL

Por João Cotrim

O Juvenil tem publicado muita poesia, a juventude de seus colaboradores revela-se (por v e z e s) nesses poemas, os jovens portugueses ou são poetas que escrevem ou poetas que não escrevem.

Falemos daqueles que escrevem. E desses que escrevem tomemos um nome — José de Sainz-Trueva.

Por duas vezes que tivemos o ensejo de ler poemas seus nas páginas do Juvenil. Primeiro *4 nomes úteis*; segundo *Um encontro/Um conhecer*, p o e m a esse que foi publicado com uma g r a l h a importante, pois não se tratava de um só poema, mas de quatro p o e m a s subordinados ao mesmo título.

Da primeira vez que o lemos, muita poesia havia para ler, pois esse número de Juvenil vinha recheado dela. Mas a nossa atenção foi toda para «4 nomes úteis». E qual a razão de darmos importância a S.-T., quando tantos outros ali estavam?

Apontamos desde já duas razões: 1) a simplicidade com que S. T. nos transmite a vivência do quotidiano; 2) a sua proposta poética.

Falemos da primeira razão apontada. Reparemos nos «4 nomes úteis» que S. T. escolheu. O primeiro «A arma». Este primeiro nome (para não dizer poema) é de uma riqueza extraordinária q u a n t o ao conteúdo.

«*Quem faz a arma / ao seu peso / dá / agilidade*» — a palavra *arma* tomada como símbolo do poder, de um poder que pressupõe resultantes: «*ferindo nossa pele / corrige seu / metal*» — a palavra *a r m a* apresentando já uma das resultantes de seu poder: o d e s t r u i r para construir melhor destruição. «*Arma para matar / não devia viver*» — a palavra *arma* toma toda a sua realidade nestes versos que objectivam a resultante anterior, demonstrando-nos o poeta a sua revolta perante essa mesma realidade. «*arma só para / o amor / ferindo para sempre*» — mais uma das resultantes desse poder conferido à palavra *arma*. Desta vez o poeta aceita esta resultante, não a recusando, como tinha feito à anterior. S. T. em seguida completa o sentido desse «*ferindo para sempre*» quando nos diz «*um intenso fogo / um pássaro alado / podem sobrevoar estas palavras*». E reparemos neste verso final «*estas palavras*», que nos sugere toda a segurança e toda a finalidade do p o e m a. E porquê? Porque são as palavras que dão o significado às coisas. Essas coisas existem, mas são mudas, ou seja, a realidade sendo muda é ao h o m e m que compete dar-lhe fala. E parece-nos ser este princípio muito simples que norteia toda a poesia de S. T. Basta-nos ler os restantes três nomes para chegarmos a esta conclusão. Vejamos, por exemplo, no nome seguinte, a p a l a v r a «*pão*». Para S. T *pão não é*, apenas essa «*...códea / que é para o abandono. Pão é também, «um pote de leite», «o tempo...»* que «*...sara a dor*» ou, ainda, aquele «*meu amor, meu a m o r*», m a g n i f i c a m e n t e colocado no poema. E dizemos magnificamente, pois não só completa todo o sentido dos três versos anteriores, como se e n c a d e i a harmoniosamente com o verso final. E neste ritmo de análise poderemos, também, analisar o nome seguinte «*o vinho*». O último dos nomes, «*Trigo*», é de uma simplicidade enorme, o que o coloca numa posição um tanto diferente da dos outros. Quer dizer, neste nome S. T. apresenta-nos uma visão poética mais realista. E dizemos m a i s realista porque as associações são efectuadas mais de acordo com a realidade. Senão vejamos, «*o trigo / é espiga*», «*para a boca / mata a fome / para a terra / dá semente*», «*o trigo é loiro*». É c l a r o que este nome, apesar do que acabamos de dizer, se integra na linha dos outros três, pois os versos «*que se levanta / agressiva*», «*desde menino / uma seara*», «*mas o vento é quem / sabe a resistência*» concretizam essa integração. Tentemos explicar melhor. Reparemos que os versos «*que se levanta / agressiva*» surgem a partir da palavra *espiga* não pelo seu significado, mas sim pelo seu significante, ou seja, por aquilo que na palavra é realidade concretizada. O mesmo se dirá dos versos «*desde menino / uma s e a r a*», que surgem a partir da palavra *loiro*. Os versos finais são o resumo de todo o poema, pois, a partir da palavra *vento*, tomada como símbolo da Natureza, somos informados da intenção do poeta em humanizar a palavra *trigo*.

Os dois últimos nomes apresentam uma p o e s i a mais virada para a realidade, viragem essa que o leitor detecta melhor do que nos dois primeiros.

Mas vamos agora justificar o propósito d e s t a análise, que a muitos poderá parecer ingénua, desnecessária, visto um poema valer pela sua totalidade e não pelas partes desse todo. Ora, o nosso intuito não foi outro senão deixar bem clara essa simplicidade com que S. T. nos transmite a vivência do quotidiano. O quotidiano outra coisa não é senão a vida, a luta contra a morte. E s t e s «*4 nomes úteis*» reflectem, precisamente, essa luta. Mas onde se encontra essa simplicidade? A resposta está na análise que efectuámos, ou seja, a palavra funcionando no poema com toda a riqueza de seu significante, oferecendo ao leitor toda a liberdade de interpretação. E s t a liberdade vem enquadrar a poesia de S. T. dentro das linhas e s s e n c i a i s de uma obra poética aberta.

Passemos à segunda razão atrás apontada. Qual a proposta poética de S. T.?

A p o e s i a funcionando como humanização do real. Reparemos como S. T. concretiza tal proposta. A palavra, s i g n o linguístico, possui o seu significado e significante. S. T. agarra-se, principalmente, ao s i g n i f i c a n t e, estabelecendo com ele todo um conjunto de relações sintagmáticas, que estruturam o poema.

Realcemos, já a g o r a, duas características que sobressaem na poesia de S. T. e que são fruto desse agarrar-se ao significante: 1) aparecerem-nos determinados versos que se nos afiguram desadaptados no corpo do poema como, por exemplo, «*um intenso fogo / um pássaro alado*», «*e para as feridas / à beira dos ombros / no canto da boca*», «*é um coração de chumbo / um estilhaço inteiro*», «*mas o vento é quem / sabe a resistência*»; 2) a poesia de S. T. é mais para ser ouvida do que lida.

Reparemos no poema «Um encontro / Um conhecer». Temos aqui mais um exemplo, bem concreto, do que acabamos de dizer sobre a poesia de S. T. «*Este cantar / assim seguido*» «*do dia / e suas coisas*» são estes os versos que nos informam sobre a poesia que iremos ler. S. T. deslumbra-nos com a riqueza de coisas «inúteis» que o dia a dia nos oferece e que nós, alienados, pelas «utilidades» nos esquecemos.

Porque dizer-se que «*um touro de marfim / é perseguido*» ou «*até pela / noite*» «*um gato / mia*» / «*de vergonha*» é descobrirem-se realidades que estão frente a nossos olhos. Mas alguém delas nos fala? Aqui está a função do poeta. O seu poder de percepção, indo em busca do essencial mas esquecido. E digamos que esse poder de percepção existe aliado ao poder de criação — onde está um, encontra-se o outro.

Esta relevância conferida a uma realidade poderá fazer-nos supor que S. T. caminha, por vezes, num / super-realismo, ou seja, no surrealismo. Por exemplo, ao lermos «*lugar / da terra*» «*ave riscada / no soalho*» «*um ponto de amor / no arteiho*» «*um pato / bravo / diz / enquanto nada*» «*eu sou quem / te acompanha*» aparece-nos uma série de imagens desligadas umas das outras, parcialmente, s e m função dentro do poema. Mas se essas imagens nos aparecem sem um traço de união, é, precisamente, porque elas retratam uma realidade onde cada objecto, cada palavra, têm uma função definida. No poema essas imagens têm a sua função específica a partir da musicalidade adquirida pelas palavras utilizadas. A harmonia confere, assim, homogeneidade ao poema. Reparemos que para existir esta harmonia a escolha das palavras é muito importante. Mas acentuemos que não se trata de uma escolha gratuita, mas visando um fim, ou então, esse retrato da realidade não existia.

«*palavra rude / perdida / para sempre*» «*rente ao solo / cada dia*» — versos muito significativos para o que acabamos de dizer quanto á realidade que o poema deve expressar. Uma realidade que anda perdida na sua rudeza «*para sempre*». E basta-nos olhar «*rente ao solo / cada dia*» para nos apercebermos dessa realidade. E o poeta chama «*rude*» ao que é desprezado por ser «*imperfeito*», mas que é tão belo como a mais sublime das perfeições. Essa beleza oferece-nos o poeta e só ele, pois é ele quem percepciona essa «imperfeição». E como a percepciona? Percepciona-a assim como «*a morte pressentida / como um tiro*», num gesto rápido e momentaneo. «*faça um mar / de sargaços*» e esse mar surge porque o poeta o pressentiu na construção do poema. Reparemos no verso «*cinco farpas plumas brancas*» onde as palavras apresentam uma forte ligação de significantes. Ou ainda «*e por ali / entre tantas / pedras*» «*tua veloz / c a b e ç a / inclinada*» onde o poder perceptivo se concretiza na relação sintagmática pedras-veloz-cabeça.

Mas em toda a poesia de S. T., um tema permanece como um abraço — o amor. Só amando se consegue viver a realidade numa poesia como esta. O amor é o ponto fulcral para que o insignificante, o habitualmente desprezado como banalidade, seja elevado ao grau de importância que merece.

A muitos poderá parecer desprovida de sentido ou muito complexa a poesia de S. T. Mas nós respondemos que nenhuma poesia é desprovida de sentido ou muito complexa, quando da nossa parte existe um mínimo de sensibilidade poética e de raciocínio para sabermos distinguir entre poesia boa e poesia má. Na ausência desse mínimo só poderá existir confusão.

E para terminarmos fazemos nossas estas palavras de Mário Castrim, embora, neste caso, não se refiram ao mesmo poema nem se trate «...de um u n i c o poema.»: «Pode constituir perigosa aventura esta tentativa de avaliar a capacidade literária de alguém, através de um único poema. Não se me dá de correr o risco».

MARGARIDA OU O PRIMEIRO DIA DE CHUVA

Por Gilberto Sancho

Inclinou a cabeça até encontrar o apoio. Lá fora havia a rua de prédios alinhados e geométricos de varandas simétricas e de cores igualmente desbotadas pelos anos em cima e pelo desmazelo dos senhorios. Descendo pelas manchas de humidades nas paredes que terminavam no musgo das bocas de incêndio estava o passeio. Margarida podia deslizar de cor pelas pedras brancas onde os homens acinzentados pelas fardas e pelo trabalho costumavam cortar o verde da erva. Tornavam o passeio ainda mais enfadonhamente branco a reflectir o calor na cara das pessoas assim com o ar-de-quem-faz-mais-logo. Às vezes assaltava-a a dúvida, talvez a esperança mas quando abria os olhos encontrava o vidro, que afinal já sabia sem pó, e a janela do terceiro direito que se fechava com e s t r o n d o quando se abria a do segundo direito, matemàticamente no prédio em frente, desde que as viúvas que lá moravam se zangaram. Diziam as vizinhas que já tinha sido há dez anos e nem no Natal faziam as pazes. Havia ainda o céu gradualmente mais azul, não sabia porquê, se as pessoas tomavam a bica do costume, com os gestos da véspera, no café. Via-as pela montra que continuava limpa como todos os dias. Pelas sete já a mulher de calças azuis-todas-as-manhãs, porque não tinha outras para vestir, a lavava com o pano molhado. Nunca nenhum miúdo dos que viram caixotes e fogem do polícia se lembrou de lhe entornar o balde com água e detergente. Talvez por isso a montra brilhava sempre contrariando o desejo de Margarida.

A tarde vinham as amigas da mãe tomar chá e ela tinha de suportar a conversa que já durava há dois anos. Falavam principalmente de enxaquecas e da obra de assistência aos pobres da freguesia que aquilo era uma miséria-que-só-visto. Com lágrimas rebeldes no canto dos olhos, talvez pelo fumo dos cigarros na sala fechada, concordavam que era urgente fazer qualquer coisa. Q u a n t o mais não fosse acabar de comer as fatias de bolo sem prejudicar a dieta. Margarida quase se comovia e começava a contar os buraquinhos da única cadeira desocupada onde a mãe se costumava sentar a fazer e a desfazer invariàvelmente o «tricot».

Essa noite tentou escrevinhar umas coisas no Diário. Primeiro as palavras tornaram-se tinta azul que foi crescendo assustadoramente pelo quarto até se diluir nos seus olhos. O poço onde caíra era seco de paredes lisas de pedras iguais metòdicamente arrumadas. Havia muitos limos para ela escorregar e para lhe crescerem nos membros. Partia a última unha no rebordo frio do poço quando acordou. Fechou o caderno sem reparar que a folha estava em branco. E ficou convencida que tinha encontrado as palavras necessárias para explicar o seu quotidiano.

Era cedo. Desceu à sala ainda com os últimos vestígios de calor a tornarem-lhe pegajosos os passos e mudou a folha do calendário. Foi enquanto alisava o robe cor-de-rosa, num súbito desejo de ternura, que gorrateiramente a primeira gota de chuva rolou pelo vidro e se misturou imediatamente com outras até encherem a janela e a rua e escorrerem pelos passeios. O autocarro passou às nove menos cinco levemente corado de violeta. Talvez para destoar da gravata do senhor-bem-vestido-do-costume. E Margarida, que não estava alegre nem triste ficou contente porque pensou que aquilo sempre era um começo e talvez o velhote da esquina seguisse o exemplo e esquecesse o cheiro a metal nas mãos. Diria mesmo que ele ia estender gratuitamente a experiência enrugada. O contentamento desvaneceu-se um pouco ouviu o tic-tac do relógio. Infelizmente também nunca se avariara nem a mãe se esquecia de lhe dar corda.

Essa manhã resolveu deixar o pó acumular-se nos móveis embora soubesse que a mãe se iria espantar e irritar porque aquilo não eram atitudes de uma menina educada com muitos sacrifícios desde a morte do pai (o seu querido Alfredo, Deus lhe tenha a alma em descanso!). Educada sem essas estouvanices-que-praí-se-vêem-nem-nada. Mas Margarida pressentiu que não se ia incomodar muito porque afinal aquele era o primeiro dia de chuva com uma certeza que raramente acontece e ela havia de tomar os seus gestos sem hábito.